Universidade Federal de Goiás

Faculdade de Educação

Programa de Pós-graduação em Psicologia

Kellen Cristiny Araujo Menezes

A genealogia do conceito de perversão na obra freudiana

Orientador: Prof. Dr. Altair José dos Santos.

Goiânia, 2024

UFG

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

[X] Dissertação [ ] Tese [ ] Outro*:_____

*No caso de mestrado/doutorado profissional, indique o formato do Trabalho de Conclusão de Curso, permitido no documento de área, correspondente ao programa de pós-graduação, orientado pela legislação vigente da CAPES.

Exemplos: Estudo de caso ou Revisão sistemática ou outros formatos.

2. Nome completo do autor

KELLEN CRISTINY ARAUJO MENEZES

3. Título do trabalho

A genealogia do conceito de perversão na obra freudiana

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento [X] SIM [ ] NÃO[1]

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:
a) consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);
b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.
O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.
Casos de embargo:
- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.

Documento assinado eletronicamente por **Kellen Cristiny Araujo Menezes**, **Discente**, em 20/08/2024, às 11:56, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Altair Jose Dos Santos**, **Professor do Magistério Superior**, em 20/08/2024, às 14:55, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020 .

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4758782** e o código CRC **7670DE23**.

Referência: Processo nº 23070.042070/2024-92 SEI nº 4758782

Universidade Federal de Goiás

Faculdade de Educação

Programa de Pós-graduação em Psicologia

Kellen Cristiny Araujo Menezes

A genealogia do conceito de perversão na obra freudiana

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado, na área de concentração em Psicologia, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás, como exigência para obtenção do título de Mestra em Psicologia, linha de pesquisa II – Bases históricas, teóricas e políticas da psicologia sob orientação do Prof. Dr. Altair José dos Santos.

Goiânia, 2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do
Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Menezes, Kellen Cristiny Araujo
A genealogia do conceito de perversão na obra freudiana [manuscrito] / Kellen Cristiny Araujo Menezes. - 2024.
VIII, 112 f.

Orientador: Prof. Altair José dos Santos.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Educação (FE), Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Goiânia, 2024.

1. Psicanálise. 2. Perversão. 3. Aparelho psíquico. I. Santos, Altair José dos, orient. II. Título.

CDU 159.9

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Ata **Nº 15** da sessão de Defesa de Dissertação de **KELLEN CRISTINY ARAUJO MENEZES** que confere o título de **Mestra em Psicologia** pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás-PPGP/FE/UFG, na *área de concentração em* ***Psicologia.***

Aos **vinte e seis dias do mês de julho de dois mil e vinte e quatro (26/07/2024)**, a partir das **15h,** nas dependências da Faculdade de Educação da UFG, realizou-se a sessão pública de Defesa de Dissertação intitulada ***"A genealogia do conceito de perversão na obra freudiana"***. Os trabalhos foram instalados pelo Orientador Prof. Dr. **Altair José dos Santos (PPGP/FE/UFG),** doutor em **Psicologia Clínica e Cultura** pela **UnB,** com a participação dos demais integrantes da Banca Examinadora: Prof. Dr. **Eloy San Carlo Maximo Sampaio** (**UFT**), doutor em **Psicologia Clínica** pela **USP** - integrante titular externo(a) e Profa. Dra. **Susie Amâncio Gonçalves de Roure** - PPGP/FE/UFG**,** doutora em **Educação** pela **UFG -**integrante titular interno(a). Durante a arguição os integrantes da banca **não fizeram** sugestão de alteração do título do trabalho. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Dissertação, tendo sido a candidata **aprovada** pelos seus integrantes. Proclamados os resultados pelo Prof. Dr. Altair José dos Santos, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Integrantes da Banca Examinadora, aos vinte e seis dias do mês de julho do ano de dois mil e vinte e quatro.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Altair José dos Santos

Prof. Dr. Eloy San Carlo Maximo Sampaio

Profa. Dra. Susie Amâncio Gonçalves de Roure

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA

Documento assinado eletronicamente por **Kellen Cristiny Araujo Menezes**, **Discente**, em 20/08/2024, às 11:53, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Eloy San Carlo Maximo Sampaio**, **Usuário Externo**, em 20/08/2024, às 14:12, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020 .

Documento assinado eletronicamente por **Altair Jose Dos Santos**, **Professor do Magistério Superior**, em 20/08/2024, às 14:57, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020 .

Documento assinado eletronicamente por **Susie Amancio Goncalves De Roure**, **Professora do Magistério Superior**, em 24/08/2024, às 16:59, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020 .

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4758713** e o código CRC **E399D7AF**.

Referência: Processo nº 23070.042070/2024-92 SEI nº 4758713

Universidade Federal de Goiás

Faculdade de Educação

Programa de Pós-graduação em Psicologia

A genealogia do conceito de perversão na obra freudiana

Kellen Cristiny Araujo Menezes

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás, como exigência para obtenção do título de Mestra em Psicologia, linha de pesquisa II – Bases históricas, teóricas e políticas da psicologia sob orientação do Prof. Dr. Altair José dos Santos. Dissertação defendida e aprovada em: _____ / _____ / 2024.

_____

Presidente da Banca: Prof. Dr. Altair José dos Santos

_____

Membro Interno: Profª. Drª. Susie Amâncio Gonçalves de Roure

_____

Membro Externo: Prof. Dr. Eloy San Carlo Maximo Sampaio

_____

Suplente: Prof. Dr. Cristóvão Giovani Burgarelli

Goiânia, 2024

Agradecimentos

À minha mãe Edeilda, irmãos Geisiany e Arthur, sobrinhos Pedro Miguel e Sofia pelo imenso amor, cuidado e por suportar a distância, vocês são a base forte que me sustentam pessoal e profissionalmente, pelo empenho de vocês sei que posso percorrer tudo o que o meu amor pela psicologia pode proporcionar e independente do tempo terei para onde voltar, amo imenso vocês e sei que é para sempre nós!

Ao meu pai Weldr, tia Ana Maria, irmã Weslanny, irmão João Pedro, irmão Rodrigo, cunhada Wangela e sobrinha Maria Clara, pelo incentivo expresso em palavras, orações e gestos, saber que tenho vocês comigo me aquece o coração e me fortalece para buscar mais da minha profissão, amo cada um.

Ao meu esposo Alessyo por ser meu porto em todo esse tempo, por ser amigo, amor e maior incentivador, obrigada por ter comigo e pela gente o amor paciente e bondoso de 1º Coríntios, pelo esforço para viver comigo esse processo, por suportar a distância quando necessária, o meu cansaço e por amparar as minhas leituras e escrita. Amo você e tudo da gente.

Ao meu amigo Sérgio, Duda e Ariel por tornar possível a minha inscrição no programa em nosso doce período de férias, o suporte de vocês foi essencial para o mestrado e o é na vida. Ao professor Eloy por ser incentivo constante e pela escuta acolhedora desde a inscrição no programa até os dias atuais, seu apoio foi fundamental para o lugar que cheguei hoje. As minhas amigas Keila, Kamila e Helisnay, que são suporte emocional e espiritual, cada palavra e abraço em nossos encontros contribuíram com esse processo.

Ao meu orientador e à banca de qualificação pelos apontamentos e orientações que tornaram possíveis a construção deste trabalho. À banca de defesa pela disponibilidade e empenho em contribuir com a minha pesquisa. Por fim, aos servidores e servidoras da UFG que dão vida a este lugar e contribuíram de forma grandiosa com minha passagem por aqui.

Sumário

Resumo XI

Abstract XII

Introdução 13

Metodologia 20

Capítulo 1.....24

A origem da noção de perversão 24

O estudo das aberrações sexuais e a tentativa de tirar a perversão do saber jurídico 33

O fetichismo, o sadismo e masoquismo no campo teórico da perversão 42

Capítulo 02.....52

A noção de perversão na primeira teoria do aparelho psíquico de Freud 52

A importância do conceito de pulsão para compreensão da perversão em Freud.....56

O complexo de Édipo e o fetiche como caminhos para a perversão.....67

A perversão como conceito a partir da pulsão e do fetiche.....78

Capítulo 03.....87

O conceito de perversão em Freud após 1920.....87

O contraponto entre a medicina e a psicanálise no que concerne a perversão.....112

O caráter inovador da psicanálise na conceituação da perversão.....113

Considerações Finais 116

Referências Bibliográficas.....121

Resumo

A presente pesquisa tem como objetivo geral estabelecer a gênese e o desenvolvimento do conceito de perversão na obra de Freud; e, como objetivos específicos investigar a noção pré-psicanalítica de perversão, estudar a noção de perversão na primeira teoria do aparelho psíquico de Freud e investigar o conceito de perversão em Freud após 1920. Neste sentido, utiliza-se do método de pesquisa em psicanálise, com uma abordagem sistemática em uma revisão bibliográfica para delimitação do tema, coleta de dados, análise e síntese das informações obtidas. Assim, tem-se que a perversão parte inicialmente da visão médico-jurídica e constitui, na obra freudiana, três grandes momentos, o primeiro em torno dos Três ensaios sobre a teoria da sexualidade de 1905, segundo em torno do texto Uma criança é espancada de 1919 e o terceiro momento em torno do texto O fetichismo de 1927. Compreende-se então que a psicanálise revolucionou, diferenciando-se da medicina da época e compreendendo a perversão como estrutura clínica ao lado da neurose e da psicose.

Palavras-chave: Psicanálise; Perversão; Aparelho psíquico.

Abstract

The present research has the general objective of establishing the genesis and development of the concept of perversion in Freud's work; and, as specific objectives, investigate the pre-psychoanalytic notion of perversion, study the notion of perversion in Freud's first theory of the psychic apparatus and investigate the concept of perversion in Freud after 1920. In this sense, the research method in psychoanalysis is used , with a systematic approach in a bibliographic review to delimit the topic, data collection, analysis and synthesis of the information obtained. Thus, perversion initially starts from the medical-legal vision and constitutes, in Freud's work, three major moments, the first around the Three essays on the theory of sexuality of 1905, second around the text A child is beaten of 1919 and the third moment around the text Fetishism of 1927. It is then understood that psychoanalysis revolutionized, differentiating itself from the medicine of the time and understanding perversion as a clinical structure alongside neurosis and psychosis.

Keywords: Psychoanalysis; Perversion; Psychic device.

Introdução

A presente pesquisa surge a partir da problemática de como se dá a gênese e o desenvolvimento do conceito perversão na obra de Freud. Nesse sentido, compreende-se que a teoria psicanalítica freudiana parte de uma concepção médica e jurídica acerca da perversão para, posteriormente, pensá-la como estrutura clínica. Tem como objetivo geral estabelecer a gênese e o desenvolvimento do conceito de perversão na obra de Freud; e, como objetivos específicos: Investigar a noção pré-psicanalítica de perversão, estudar a noção de perversão na primeira teoria do aparelho psíquico de Freud e investigar o conceito de perversão em Freud após 1920.

Entende-se que o que se tem acerca das perversões perpassa campos alheios à estrutura clínica, isso porque no passado o termo caracterizava práticas sexuais não aceitas socialmente. Derivado do latim, o termo foi amplamente utilizado pela psiquiatria, direito e sexologia para descrever práticas sexuais que escapavam às regras da reprodução.

A partir de 1896 a palavra foi adotada por Freud como tentativa de construir o conceito de acordo com a clínica e com a teoria psicanalítica. Na primeira concepção freudiana de perversão, o processo perverso é visto a partir da noção de pulsão sexual, que se tipifica como elemento da economia psíquica característica das perversões. Neste sentido a perversão foi apresentada por Freud (1905/1996) nos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” como aberrações sexuais vistas tanto como um desvio do objeto da pulsão sexual, entendido como aquele que se coloca entre o desejo e a meta sexual, como algo transitório, quanto como um desvio relativo ao seu fim, ou seja, ponto final e não transitório.

Neste sentido, apresenta-se a seguinte problemática: como se dá a gênese e o desenvolvimento do conceito perversão na obra de Freud? É essa a discussão que o presente trabalho propõe, justificando-se a partir da importância de conhecer as estruturas clínicas

dentro do campo psicanalítico para compreender, pensar e refletir fenômenos contemporâneos.

Assim, o presente trabalho ressalta que, na psicanálise, o olhar para o sujeito é pensando sua estrutura e seu instrumento de trabalho é a escuta propriamente dita. Essas estruturas psíquicas surgem segundo a teoria psicanalítica a partir do complexo de Édipo, que versa sobre a relação que o sujeito estabelece com o falo. O complexo de Édipo e a relação que se configura a partir dele atuam tanto como portador da ordem quanto da desordem, já que a estrutura psíquica é determinada nesses moldes.

É neste sentido que a memória dos amores edipianos tem grande importância do ponto de vista da psicanálise, uma vez que é exatamente nessa relação que o sujeito negocia sua relação com o falo. Percebe-se então que a função fálica se mostra com quatro protagonistas: a mãe, o pai, a criança e o falo. É este último que se concentra no centro do desejo dos três outros. Assim, a função fálica só opera na medida em que retém o desejo da criança diante da função mediada pela figura do pai, primordialmente a criança é identificada como objeto único de desejo da mãe.

É exatamente o discurso da mãe que apresenta à criança a possibilidade de contrapor sua identificação fálica com ela, são os questionamentos e interpretações a partir desse discurso que anunciam para a criança a ordem da castração. Neste sentido, a suspensão que se coloca em torno do questionamento da ausência do pênis pode resultar em uma fixação psíquica irreversível e é, em torno disso, que se organiza uma estruturação perversa.

Em diversos momentos de sua obra, Freud examina o processo perverso em seus mais variados aspectos, mas é a partir de Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905) que o autor distingue as inversões das perversões. As primeiras seriam correspondentes a desvios quanto ao objeto da pulsão, as segundas remetem a um desvio quanto ao fim.

Freud (1905/1996) toma essa diferenciação emprestada da psicopatologia clássica de sua época, entretanto, inscreve a perversão no campo do desenvolvimento da sexualidade vista como normal, sobretudo na sexualidade infantil em que se expressa à perversidade polimorfa, ressurgindo mais tarde no sujeito adulto. O primeiro ponto chave que Freud (1905/1996) estabelece acerca das perversões é quando afirma que a neurose é seu polo negativo, enfatizando que os sintomas neuróticos são resultados do recalcamento dos componentes pulsionais da sexualidade, enquanto no processo perverso a pulsão sexual tem a inversão em seu contrário e retorno sobre a própria pessoa como destinos.

Esses mecanismos demonstrados pelo autor apontam a unidade fundamental da perversão, introduzindo a noção de modificação quanto à meta e quanto ao objeto da pulsão que seriam uma generalização metapsicológica que, posteriormente, possibilitou a Freud desenvolver sua teoria acerca de uma estrutura perversa saindo da ótica estereotipada dos modos de relações sexuais da medicina, do direito, religião e afins.

As investigações freudianas, acerca da estruturação do início da perversão percorrem o caminho de um mecanismo metapsicológico inaugural com a noção do desmentido da realidade e da incidência da castração com a clivagem do eu, que indicam propriedades inerentes ao funcionamento do aparelho psíquico. Dessa forma, a teoria volta-se à dialética edipiana que surge na atribuição da mãe fálica em torno da noção de diferença entre os sexos de forma enigmática para a criança. Neste sentido, o desenvolvimento do complexo de Édipo se dará no curso da resposta que a criança tentará elaborar para este enigma.

A atribuição fálica versa sobre a concepção de que algo deveria estar lá e não está, vivido, a partir de então, como falta. Freud (1924/1996) aponta então que o falo não tem relação com o órgão em si, ausência ou presença do pênis, sim com a função e que, diante da castração a criança não renuncia de bom grado a inexistência do pênis na mãe, uma vez que

ter conhecimento dessa ausência, implica na percepção de que o pênis da própria criança pode estar ameaçado.

Neste sentido, a criança passa a renunciar à falta, constituindo-se como o próprio falo a fim de negar a castração e a ideia de que ela não é o único objeto de desejo da mãe. É nesse momento que a criança une seu desejo para com a mãe, objetivando uma proteção fantasmática que recusa o real da diferença entre os sexos, frente, então, a angústia da castração apontada por Freud (1927/1996) de ser ou não ser o falo. Na estrutura perversa a fim de neutralizar essa angústia o sujeito contorna ou se desfaz da incidência da castração.

Para Freud (1927/1996) a perversão se estrutura em dois polos, de um lado a angústia da castração, de outro na mobilização de processos defensivos objetivando contorná-la. Se tratando da estrutura perversa o autor pontua dois processos defensivos, sendo eles: a fixação ou regressão e o desmentido da realidade, apontando que são dois mecanismos constitutivos da homossexualidade e do fetichismo.

Se tratando do fetichismo, Freud (1927/1996) aponta que neste processo defensivo há o desmentido da realidade, ou seja, rejeita a realidade experimentada como traumatizante que é a ausência de pênis na mãe – mulher. A esta estratégia está atrelada a elaboração de uma formação substitutiva, em que opera o desmentido da realidade, percebendo a ausência do pênis na mãe e rejeitando a fim de neutralizar a angústia da própria castração.

Essa fixação da representação da mãe fálica autoriza uma formação de compromisso, já que a mulher não tem pênis, o fetiche encarna o objeto suposto faltar em outro objeto da realidade, que é o objeto fetiche e este se tornará a encarnação do falo. Sendo um mediador na constituição perversa, o fetiche possibilita vários outros dispositivos de defesa, sendo certamente o principal deles a permissão para não renunciar o falo, permitindo também se proteger da castração.

O funcionamento do fetichismo aponta um mecanismo psíquico singular em que coexistem duas formações psíquicas inconciliáveis: o reconhecimento da ausência do pênis na mãe e o desmentido deste reconhecimento. Para Freud (1927/1996) esses dois mecanismos contraditórios são conteúdos do mesmo psiquismo e coexistem, mas de forma alguma um influencia o outro.

Em linhas gerais, é através da figura paterna que a criança descobre um concorrente do desejo da mãe, descobre que agora não é mais o objeto único e singular do desejo dela. Neste ínterim se apresenta para a criança duas ordens da realidade interrogando o curso do seu desejo: o objeto do desejo materno não é único e exclusivamente a criança e o fato de que a mãe é percebida como ausente, já que não satisfaz em nada, destinando seu olhar também ao pai, que é neste curso um rival.

Essa rivalidade mais tarde poderá se apresentar sob o traço estereotipado da perversão: o desafio e, juntamente com ele, a transgressão como um complemento inseparável desta constituição. Nesta situação edipiana a euforia diante do desejo e dos riscos do mesmo é inerente a tal constituição, é exatamente nesse contexto que a estrutura perversa é instituída.

De fato, para o perverso tudo está em torno do desejo que apresenta a possibilidade da castração tornando-a base, mas jamais se engajando como parte perdedora, ou, em outras palavras, admitindo a falta. Nesse caso, é o movimento dinâmico da situação que propulsiona a criança para a diferença entre os sexos, dado pela falta do desejo como algo simbolizável e não sobre o modo da lei: tudo ou nada. Na medida em que a criança se configura com uma falta não simbolizável encontra-se alienada a uma inesgotável contestação psíquica, que opera a partir do desmentido.

O desmentido, ou seja, a contestação desse reconhecimento, objetiva recusar qualquer possibilidade de simbolização dessa falta. A criança coloca-se então na seguinte convicção: ao perceber a figura paterna compreende que a mãe, que não tem o falo, deseja o pai porque

ele o é ou porque ele o tem, por outro lado, se a mãe não o tem, pode ser que de alguma forma possa ter, basta oferecer o falo a ela.

Na teoria freudiana esse funcionamento é ordenado pela lei do desejo que não abre possibilidades alheias à castração, que, por sua vez, representa a perda ou a ameaça de perder o falo, isso que irá moldar a forma como o sujeito lida com os desejos e impulsos. Freud argumenta que a castração cria limites e restrições, influenciando a forma como cada sujeito busca a satisfação dos desejos.

Diante da possibilidade de renunciar ao primeiro objeto de desejo, a criança acaba por renunciar ao novo modo de elaboração psíquica que é exigido pela castração. É como se a angústia da castração que coloca a criança em posição de não renunciar ao objeto do seu desejo a imobilizasse num processo de defesa que a impede de compreender que é exatamente essa renúncia que a colocará frente a um novo estatuto diante do desejo.

Essa configuração permite compreender as diferentes expressões do funcionamento perverso e os traços estruturais que o caracteriza, como, por exemplo, o desafio e a transgressão, que são as duas saídas para o desejo perverso. O desmentido postula como central o desejo da mãe, ou seja, é, antes de tudo, o desmentido da diferença dos sexos, que se funda, de acordo com Freud (1905) na medida em que o perverso reconhece o desejo da mãe pelo pai. Assim, não se desmente algo sem que antes se saiba a seu respeito.

A seu modo, a diferença entre os sexos é percebida pelo perverso que recusa quaisquer que sejam suas implicações e segue, então, o risco da possibilidade de satisfação. Nesse risco incessante o perverso acredita que certamente lá está à lei e que poderá encontrá-la, é quando aparece a transgressão e correlato a ela, o desafio. O triunfo do perverso é desafiar, e transgredir a lei, mas para tal, precisa assegurar a existência da mesma.

É possível que o desafio e a transgressão sejam percebidos também em outras estruturas, especialmente nas neuroses obsessivas e histeria, entretanto, nessas formas clínicas não se

articulam transgressão e desafio da mesma maneira. Na estrutura perversa a problemática do desmentido se organiza de modo que a própria lei do pai é desafiada, desafio esse que se situa primordialmente na dialética de ser o falo, já na histeria e na obsessão o desafio concerne ao ter.

Assim, o perverso irá permanentemente esforçar-se para desafiar essa lei do pai, com tudo o que falta simbolizar, ou seja, a castração. A relação que o perverso mantém com a lei se manifesta a partir da relação que estabelece inicialmente com a mãe, posteriormente com as demais relações. O desmentido apontado no perverso incide diretamente sobre a questão do desejo da mãe pelo pai, experimentada de forma inadmissível. A ausência do pênis na mãe aparece com a única explicação possível pelo horror da castração, sob a explicação de que foi o pai quem a castrou.

Neste sentido, fica evidente pela teoria psicanalítica que o ponto de ancoramento das perversões está em torno da dinâmica edipiana que consiste na parceria com a mãe e na omissão do pai. Neste ponto, tal como é a importância da função paterna para o processo, também é a função materna. Essa cumplicidade erótica da mãe, percebida pela criança como sedução, é corroborada na medida em que recebe respostas de reconhecimento e encorajamento da sua dinâmica de desejo.

Feitas essas contextualizações que foram importantes para situar o objeto da presente pesquisa, nos tópicos que seguem daremos continuidade, com a metodologia apontando quais procedimentos constam na presente pesquisa, em seguida, no capítulo 01 será abordado a origem da noção de perversão que serviu de base para a teoria freudiana, já no capítulo 02 será discutida a noção de perversão na primeira tópica do aparelho psíquico de Freud e no capítulo 03 apresenta-se o conceito de perversão em Freud após 1920. Por fim, as considerações que foram possíveis apreender a partir do exposto frente à investigação realizada.

Metodologia

A presente dissertação é fruto de uma pesquisa teórico conceitual sobre a origem do conceito de perversão e de que forma o termo surge na teoria freudiana para fins de conceituação e explicação. Assim, reconhecendo que, de acordo com Migliavacca (2001) é o objeto de estudo que anunciará para o investigador qual método de pesquisa deverá adotar para estudá-lo, para investigação acerca do referido objeto, esta foi uma pesquisa bibliográfica.

Dreher (2008) afirma que a pesquisa em psicanálise envolve inúmeros desafios, dada a natureza subjetiva e intrinsecamente complexa dos fenômenos psíquicos estudados. A autora afirma que é imprescindível que se mantenha a ética na pesquisa e o rigor metodológico, além da capacidade crítica e reflexiva que a pesquisa em psicanálise demanda do pesquisador, considerando e analisando de forma cuidadosa os contextos sociais, culturais e éticos em que a pesquisa é realizada.

Neste sentido Köche (2013) afirma que para uma abordagem sistemática em uma revisão bibliográfica alguns fatores são primordiais, como a delimitação do tema, a seleção das fontes, a coleta dos dados relevantes, a análise e a síntese das informações obtidas. O autor enfatiza a importância de uma abordagem estruturada e organizada para garantir a qualidade e a relevância da pesquisa bibliográfica.

Padovan (2020) corrobora com o autor acima citado, ressaltando a importância da pesquisa bibliográfica como uma ferramenta fundamental na psicanálise, destacando que a revisão de literatura permite aos pesquisadores se familiarizar com as teorias e conceitos psicanalíticos estabelecidos, além de fornecer uma base sólida para fundamentar suas investigações. A pesquisa bibliográfica também pode ajudar os pesquisadores a identificar lacunas no conhecimento existente e a desenvolver novas abordagens ou questões de pesquisa.

O objetivo da pesquisa bibliográfica, de acordo com Köche (2013), é fornecer uma base sólida de conhecimento sobre um determinado tema, permitindo ao pesquisador compreender as contribuições existentes, identificar lacunas no conhecimento e fundamentar sua própria pesquisa em uma sólida revisão da literatura já existente.

No que tange a pesquisa em psicanálise Mezan (1993) reitera a importância de investigar a história dos conceitos psicanalíticos e se aproximar dos processos psíquicos em si, deste modo, a presente pesquisa segue o proposto por Mezan (1993) no sentido de investigar a estrutura clínica da perversão com atenção ao desenvolvimento do conceito e de como a teoria psicanalítica chega à estruturação do mesmo.

Na mesma perspectiva, Padovan (2020) aponta que a pesquisa em psicanálise deve-se ater a importância de manter uma abordagem crítica, integrar métodos que possibilitem uma compreensão mais abrangente dos fenômenos psíquicos, considerando as influências socioculturais e históricas na análise psicanalítica. Para o autor a pesquisa em psicanálise busca compreender os fenômenos psíquicos por meio de uma análise profunda, utilizando métodos qualitativos para explorar a subjetividade e a experiência psíquica dos sujeitos.

Assim, é possível afirmar que a presente pesquisa investigará o conceito de perversão na teoria psicanalítica buscando evidenciar a evolução do conceito desde sua origem até o que Freud conseguiu delimitar em sua teoria, conforme Luna (2002) propõe que seja realizado em uma revisão histórica. Assim, a presente pesquisa caracteriza-se como teórico conceitual de caráter bibliográfico, visando uma revisão histórica de conceitos na teoria psicanalítica freudiana.

A pesquisa apresenta a seguinte problemática: como se dá a gênese e o desenvolvimento do conceito perversão na obra de Freud? Partindo do conhecimento de que anterior a teoria psicanalítica o termo já servia para subsidiar determinadas leis tanto jurídicas quanto religiosas com respaldo também da medicina, contudo, dentro da teoria psicanalítica, a partir

do momento em que Freud adota o termo para sua própria conceituação do mesmo foi possível identificar inúmeros avanços a medida em que a psicanálise estudava e estrutura os pressupostos do referido conceito.

O percurso adotado para a delimitação do conceito foi busca na obra freudiana para compreensão do termo perversão, perversidade, perversidades, perversões, perversos, pervertidos, pervertidas, para tanto, a obra completa de Freud foi armazenada, em formato *docxt* em uma pasta de levantamento de dados no computador e será utilizada a ferramenta de busca no leitor de cada arquivo com a seguinte palavra: *perver*. Objetivando encontrar o que diz respeito ao termo ou semelhante. Posteriormente, será anotado em outro arquivo *docxt* cada vez que a palavra aparecer, com o ano e a página específica, a partir desse levantamento foi realizada a leitura específica para selecionar apenas as obras em que aparecem o termo com o conceito do qual pretende abordar este trabalho.

Também foi realizada pesquisa em três principais autores para conhecer como era abordada a perversão antes de Freud, um deles foi o médico e psicanalista francês Lanteri-Laura, nascido em 1930 e falecido em 1998, que ficou conhecido especialmente em relação ao estudo das perversões sexuais, uma vez que dedicou grande parte de sua carreira ao exame das perversões sexuais e à forma como foram compreendidas ao longo da história pela medicina e pela psiquiatria. Seu principal trabalho foi "Leitura das Perversões: História de sua Apropriação Médica", publicado em 1994, abordado nesta pesquisa para compreender de maneira detalhada as influências culturais, sociais e científicas que moldaram as percepções sobre a perversão.

Outro autor abordado nesta pesquisa foi o médico, psicólogo e escritor britânico Havelock Ellis, pioneiro no estudo da sexualidade humana, desafiando normas sociais de sua época e contribuindo para uma compreensão científica e empática da diversidade sexual. Dentre os principais teóricos apontados nesta pesquisa é válido pontuar também o psiquiatra

e sexologista austríaco Krafft-Ebing que, embora sua abordagem acerca da sexualidade humana refletisse as normas e preconceitos de sua época, seu trabalho teve um impacto duradouro no campo da sexologia e continua a ser estudado e discutido até os dias de hoje.

Posterior a esses autores e obras que possibilitaram abordar de forma introdutória a noção de perversão anterior a Freud, foi realizada a etapa de aproximação do conceito a partir da concepção freudiana, recorrendo ao autor e suas obras, sobretudo, os textos dos seguintes anos: 1895, 1900, 1905, 1908, 1910, 1914, 1915, 1919, 1920, 1923, 1924, 1927, 1927 e 1938, para compreender amplamente o conceito e suas vicissitudes.

Para formatação do texto e do presente trabalho em todos os aspectos acadêmicos foram utilizadas as Normas para apresentação de trabalhos (UFG, 2023) da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Goiás, publicado em julho de 2023 e, para fins de análise, foram identificados os momentos da teoria freudiana e como a psicanálise conceitua a perversão a partir em cada momento de da obra de Freud, deixando em evidência nas considerações finais da presente pesquisa.

Capítulo 1

A origem da noção de perversão

O presente trabalho destina-se a investigar a noção de perversão desde suas primeiras aparições. Para tanto, parte do entendimento de que a sexualidade humana sempre foi e certamente sempre será, uma questão controversa ao longo da história e das mais variadas teorias, são inúmeros os modos de pensar a sexualidade, assim como são diversas as tentativas de regular a relação da humanidade frente ao sexo. Podemos pensar, inclusive, que o esforço para regular nossa atitude frente ao sexo é parte necessária do próprio processo civilizatório. Isso, por si só, já denota a importância desse tema de pesquisa que não podemos imaginar que um dia estará esgotado.

Assim, propomos que o modo como entendemos hoje a sexualidade não é o primeiro e certamente não será o último. Nessa mesma linha de pensamento, o entendimento do conjunto de práticas sexuais incluídas sob o signo da perversão demanda um olhar para a história da construção desse conceito. Por isso, nesse primeiro momento, nosso objetivo é localizar a origem da noção de perversão no pensamento ocidental. Neste trabalho, foram principalmente os estudos de Lanteri-Laura (1994, Krafft-Ebing (1886/2001), Havelock Ellis (1933/1971) que possibilitaram percorrer esse caminho teórico conceitual.

De acordo com Lanteri-Laura (1994), no francês o significante *perversion* foi datado pela primeira vez em 1444, oriundo do latim clássico *perversio,* criado a partir de *perversum* e *pervertere,* que tinham inicialmente como sentido revirar, reverter com um caráter pejorativo, sendo logo associado a algo deplorável. É digno de observação que desde as primeiras vezes em que foi registrado o aparecimento do termo, foi ligando-o a algo negativo. O sentido da palavra atrelado à sexualidade teve sua origem associada a desvio sexual, não na psicanálise freudiana, mas na sexologia do século XIX, portanto, teve desde os seus primórdios em 1444

o caráter pejorativo. É somente no século XIX que ele aparece tanto no uso popular e corriqueiro, quanto como parte do campo médico.

Conforme mencionado anteriormente, apesar de ter sua origem como *pervertere* do latim, o termo se difundiu na França, designando *perversion* e *perversité*, o primeiro com data de 1190 e traduzido como perversões no plural, remetendo a comportamentos, já o segundo, datado de 1444 enquanto "perversidade" no singular, apontado como disposição permanente de caráter. As perversões estavam então associadas a comportamentos sexuais e a perversidade associada à agressividade, sendo trabalhada inclusive no campo do delírio enquanto psicopatia.

A partir do século XIX a referida palavra passou a integrar o vocabulário médico embasando uma modificação da função orgânica para algo pior, degradado e deplorável, ganhando força também no discurso moral da época que se serviu do termo para conceituar loucura e perversão moral. O passo semântico final dessa palavra se deu em sua conexão com a sexualidade, foi nesse momento que a psiquiatria utilizou-se do termo para falar de "perversões sexuais" que tem em seu campo as anomalias e aberrações sexuais, dizer então "perversão" bastava na época e até os dias atuais para se pensar em algo relacionado a desvios na vida sexual.

De acordo com Peixoto Jr (1999), até os dias de hoje, a associação entre perversão e sexual acontece pelo histórico de sua aparição na sexologia oitocentista que, desde o final do século XVI, colocava o sexo em discurso para fins de construção de uma ciência pautada em tabus irrevogáveis. Então, por volta do século XVIII o sexo passa a ser mencionado não apenas como condenável, mas passível de regulação.

A moral religiosa e jurídica, que tinha o objetivo de condenar ou proibir situações e comportamentos, passou a dividir espaço com a medicina que previa regular e administrar os indivíduos e seus comportamentos por meio do discurso da utilidade e racionalidade. Esse foi

um período marcado por ter a sexualidade como objeto de análise e intervenção. Assim, de acordo com Lanteri-Laura (1944) até o século XIX o termo “perversão” pertencia à área de saber da medicina para patologizar comportamentos, produzir regras e cedê-las ao direito:

> Transformado, em razão do desenvolvimento das perícias judiciais ao longo de todo o século XIX, num bem legítimo e inconteste da medicina, ainda que ela tivesse de partilhar seu usufruto com os juízes de instrução e, posteriormente, com os do tribunal, o estudo supostamente científico dos comportamentos comumente tidos por perversos passou a ocupar um lugar discreto, a princípio, e depois um lugar extenso na patologia; uma patologia geral, no começo, e mais tarde, ao que parece definitivamente psiquiátrica (Lanteri-Laura, 1994, p. 10).

Diante disso, é possível perceber que a perversão tinha lugar também na patologização das manifestações da sexualidade. É somente a partir da psicanálise, mais precisamente em Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade (Freud, 1905/1996) que se inicia o rompimento com os escritos de viés comparativo e irredutíveis. Já que admitiam os trabalhos anteriores a esta obra como retrógrados, uma vez que estavam a serviço do direito, da medicina e da religião, elencando como ilegais inaceitáveis e pertencentes ao campo da loucura os comportamentos que se manifestavam de modo desviante das regras morais e das leis jurídicas estabelecidas.

De acordo com Lanteri-Laura (1994) é a concepção freudiana acerca das perversões que tira esse conceito do obscurantismo científico, moral e religioso. Assim, no discurso médico, o termo pairava sob interesse jurídico que solicitava da medicina opiniões sobre comportamentos entendidos a partir do Antigo Regime alemão, inglês e, ainda, do Código Penal Francês como desviantes, delituosos, comportamentos sexuais escandalosos e atentados ao pudor, comumente caracterizados dessa forma a partir de dois critérios: idade e

consentimento. Assim, do ponto de vista jurídico, eram esses dois princípios que serviam como base para se pensar a perversão.

O comportamento sexual somente seria considerado delituoso se uma das pessoas participantes no ato fosse menor de idade ou se, mesmo maior de idade, não houvesse consentido. Evidenciando que para o legislador burguês pouco importava a vida privada dos indivíduos e, mais que isso, a forma como se expressava a sexualidade, desde que não estivesse presente o escândalo, atentado contra crianças e adolescentes e relação sexual entre adultos sem consentimento de uma das partes.

As relações sexuais, o prazer e o orgasmo poderiam ser experimentados da forma como cada um julgasse apropriado e tribunal algum intervinha porque havia por parte da legislação francesa, o interesse em manter separado o que era de domínio público da esfera privada. Nessa perspectiva os comportamentos compreendidos como perversos na época passavam despercebidos e só eram condenados, a partir da conceituação médica, se houvesse dano a outros indivíduos que não eles mesmos.

É neste sentido e a partir da demanda jurídica de analisar clinicamente a condição e punição do réu, que, de acordo com Lanteri-Laura (1994) a medicina insere as perversões no campo da psicopatologia, atribuídas a alienação mental, que possibilitava os “benefícios” existentes no artigo 64 do Código Penal da época, que destinava o réu não ao presídio, mas ao manicômio, objetivando tratamento, concebendo, então, como doença, aquilo que a opinião popular via como escândalo e depravação.

Esse olhar da medicina atribuindo como normais e anormais os comportamentos sexuais, estabelece a relação dos atos sexuais com a moral para significação médico-jurídica e patológica das perversões. Para Lanteri-Laura (1994) foi a partir de autores como Randorm, Brière de Boismont, Michea (1847, 1849), Casper (1852), Tardieu (1858) e Westphal (1870)

que, no último terço do século XIX, o termo perversão passa a ser estudado por interesse próprio da medicina e não somente guiado pelo direito.

Até este momento o interesse nesses estudos era orientado pela necessidade jurídica. Lanteri-Laura (1994) aponta que o empenho nesse campo de saber pelo estudo das perversões foi marcado, principalmente, por três estigmas, o primeiro é o da distorção da função do especialista, que era solicitado enquanto homem da ciência apenas para exercer a justiça. O segundo era o da patologização a serviço de uma noção de monomania. Já o terceiro, é o do viés moral.

A sociedade ansiava por uma ordem pública que resguardasse os indivíduos de comportamentos subversivos, mas essa vontade era contraposta pelo horror de que o jurídico pudesse intervir nas formas de relações sexuais. A partir desse momento em que o saber médico se interessa pelo estudo das perversões tem início um exercício de tentar tirar o termo do campo da moral, acreditando que, a partir do conhecimento científico, seria possível desfazer ou apagar os preconceitos.

Entretanto, entende-se que até esse momento a perversão era vista, como comportamento, sobretudo sexual, não aceito, e que, essa concepção parte das regulações culturais e religiosas muito anteriores ao Código Penal da época. Assim, até o século XIX, as práticas sexuais eram frequentemente enquadradas dentro de contextos religiosos e morais, a religião ensinava que o sexo deveria ocorrer dentro do casamento objetivando a procriação, considerando outras formas de expressão sexual como pecaminosas.

O controle da sexualidade era uma preocupação central para muitas autoridades religiosas e sociais, práticas consideradas fora das normas eram frequentemente reprimidas ou punidas. Além disso, a religião defendia que o sexo era uma questão de responsabilidade e dever, que deveria deixar de lado o prazer pessoal. Assim, as relações sexuais eram vistas

como uma forma de cumprir obrigações conjugais e de garantir a continuidade da linhagem familiar.

A castidade e a fidelidade eram altamente valorizadas, o adultério e outras formas de infidelidade eram frequentemente condenados e punidos tanto pela lei civil quanto pela lei religiosa. A visão religiosa desaprovava fortemente práticas sexuais que não objetivavam a procriação. A interpretação tradicional das escrituras sagradas e os ensinamentos da igreja enfatizavam que o sexo deveria ocorrer para a reprodução e a continuidade da família.

Assim, qualquer forma de atividade sexual que não estivesse alinhada com esse propósito, como masturbação, relações sexuais fora do casamento ou práticas sexuais consideradas não naturais, era frequentemente considerada pecaminosa e moralmente condenável. Neste sentido, compreende-se que era justamente a cultura e principalmente a religião, que regulavam as formas e condições para obtenção do prazer.

Todas as formas de relação humana e constituição de sociedade possuíam e possuem até os dias atuais regras que consideram aceitas ou inapropriadas algumas maneiras de chegar ao orgasmo, separando o permitido do não permitido. Ponto importante então para que seja admitido tanto o papel religioso, quanto cultural, na patologização da perversão, uma vez que, de acordo com Lanteri-Laura, “[...] os conteúdos do lícito e do ilícito são extraordinariamente variáveis de uma cultura para outra, o que provoca horror aqui passa por uma amena fantasia ali ao lado.” (1944, p. 19).

Na perspectiva ideológica e religiosa da época, o prazer sexual só era admitido em nome da procriação, tudo o que ultrapassava esse objetivo era pecaminoso e ilícito, ou, simplesmente estranho como era o caso dos beijos e carícias que antecedem a penetração. A princípio, a burguesia não seguia tais regras, apenas as disseminava, mas, com o passar do tempo, daí podemos pensar que foi também pela culpa e anseio pela normatização ou controle, passou a seguir o que antes era determinado apenas para o povo.

Os comportamentos sexuais foram desenhados partindo ora da definição de que algumas condutas eram ridículas, ora de crimes propriamente ditos, colocando os perversos como indivíduos monstruosos que, com pequenas ações poderiam ser considerados ridículos, mas que em outras, foram considerados grandes criminosos. Nessa perspectiva, Lanteri-Laura entendeu que “em algum lugar o gozo era ameaçador e que, o monstruoso talvez fosse uma categoria do prazer.” (1994, p. 23).

Tal apontamento sugere uma reflexão sobre a natureza complexa e muitas vezes paradoxal das emoções humanas. O prazer pode surgir de fontes inesperadas ou até mesmo de experiências que inicialmente parecem ameaçadoras ou monstruosas. Essa visão desafia as concepções tradicionais de prazer e sugere uma relação mais profunda entre o prazer e o desconhecido, o estranho e o perturbador.

Além disso, é válido questionar as normas sociais e culturais que definem o que é considerado prazer e o que é considerado ameaçador ou monstruoso, essas categorias não são fixas e podem se sobrepor ou se entrelaçar de maneiras surpreendentes em cada indivíduo sem qualquer distinção. Portanto, o monstruoso nada mais seria que adentrar na busca por satisfação, o desconhecido rompendo com aquilo que é socialmente aceito, culturalmente normal e religiosamente proveitoso.

O termo perversão apareceu tardiamente na linguagem médica, o espaço ocupado pela perversão era o de “modificação pejorativa de uma função fisiológica” (Lanteri-Laura, 1994, p. 24). O autor aponta que em um dicionário da época, a perversão confundia-se com a depravação em alguns aspectos. Neste ponto é que o termo passa a ser associado à loucura, pelo viés médico e moral, no saber popular.

Como é possível observar, havia no saber médico uma generalização, ou como intitulou Magnan (1885 conforme citado por Lanteri-Laura, 1944), uma patologia geral. Foi somente com o passar dos anos que se estabeleceu no campo da psiquiatria uma patologia específica,

debruçada também sobre esse estudo. A partir do referido autor houve um ordenamento teórico e sistematizado, introduzindo uma categoria objetiva de análise diagnóstica interessada em interpretações neurofisiológicas a partir do sistema nervoso central.

De acordo com Magnan (1885 conforme citado por Lanteri-Laura, 1944), ao localizar um desequilíbrio mental, atribuía-se a ele a incidência da perversão, acreditando ser de natureza degenerativa e hereditária, assim, as anomalias, aberrações e as perversões sexuais aparecem como sinônimos para as perversões. Atuando então no início do século XX para designar aspectos da sexualidade e como esta se expressava.

Lanteri-Laura (1994) aponta que no inglês o termo que prevalecia era *aberracion* e que no alemão, tinham duas expressões concorrentes, sendo a primeira aquela da qual Freud, (1905/1976) em Três ensaios sobre a teoria da sexualidade se serviria, e transformaria em um clássico, que é *sexuellen abirrungen":* aberrações sexuais e, o outro, *anomalien der Geschlechtstrieb:* anomalia das pulsões de reprodução da espécie, adotado por Krafft-Ebing (1886/2001), remetendo a questão da procriação.

Até esta época, recebia a designação de perverso qualquer indivíduo que, mesmo não manifestando nenhuma perversão, fosse movido pela perversidade moral. A terminologia apontada até aqui deixa a partir de Lanteri-Laura (1944) o conhecimento de que as teorias acerca da perversão estiveram inicialmente a serviço de ideologias, legislações e juristas, conforme aponta Lanteri-Laura:

> Nas origens, herdeira do Século das Luzes, cuja ideologia lhe permitira tomar o poder, a burguesia, tanto no Império quanto durante a Monarquia de Julho, não fez questão de se ocupar delas, formulou uma legislação que não punia as perversões como tais e só pedia aos médicos para conhecê-las na qualidade de peritos; para ela, a perícia médico-legal esclarecia aos juízes ou os jurados sobre fatos precisos, à imagem das autópsias judiciais, muito mais do que sobre a significação sexual das condutas do acusado (1944, p. 27).

A partir do exposto, é possível perceber que o conhecimento sobre a perversão pairava no discurso religioso, burguês, popular e jurídico, que a medicina vem, a princípio, para dar conta do termo oferecendo à demanda social, conhecimento aprofundado sobre as perversões. Entretanto, por não ser seu interesse primeiro, pouco serviu a essa demanda da sociedade, o que não impediu de, por estar em posição de ciência e de saber, ter qualquer discurso aceito.

O interesse no estudo das perversões veio mesmo por parte da medicina somente a partir de meados do século XIX através de estudos acerca da homossexualidade realizados por Krafft-Ebing (1886/2001) e H. Ellis (1933/1971). O interesse médico e científico acerca do fenômeno da perversão objetivava conhecer os assuntos sexuais, atuando em alguns casos para tratá-los e, em nenhuma hipótese, condená-los.

Ellis (1933/1971) afirma, então, que o termo é completamente antiquado e nocivo, devendo ser evitado. Assim, o termo simbolismo passa a ser utilizado em relação à maioria dos desvios sexuais por compreender que o simbolismo erótico é uma condição sob a qual o processo sexual psicológico é abreviado ou desviado de modo que alguma parte do processo que antes estava à margem, agora se torna centro de atenção.

De modo geral, Ellis (1933/1971) aponta que o simbolismo erótico acontece mesmo nas formas de amor mais requintadas e normais, uma vez que há uma tendência em destinar atenção amorosa em certos pontos especiais da pessoa amada, pontos esses que de outra forma são desprovidos de importância, mas que nessa condição de enamoramento adquirem valor simbólico.

Ellis (1933/1971) afirma ainda que o termo simbolismo empregado para as abordagens do campo erótico dos desvios sexuais, que antes eram erroneamente chamados “perversões” inclusive pelo próprio autor na obra Inversão Sexual de 1933, ganham um sentido muito mais amplo e sensível às questões das anomalias sexuais encontradas nos estudos psicológicos da sexualidade.

O significado fundamental do símbolo é que “ele dá forma concreta a uma ideia mais abstrata” (Ellis, 1933/1971, p. 101). Assim, Ellis (1933/1971) reafirma que o termo perversão é, de toda forma, moral e superficial, que a verdadeira perversão consiste na obsessão de descobrir comportamentos sexuais desviantes da norma para conceituá-los como perversos.

Os estudos que se seguiram com esse tema tinham como objetivo fornecer conhecimento acerca do fenômeno descriminalizando-o, e modificar a legislação penal que ainda atuava de forma repressiva, colocando a homossexualidade como manifestações monstruosas, enquanto, na verdade, de acordo com o saber médico, era uma variedade doentia de acesso ao prazer sexual que não deveria ser punida, mas poderia ser tratada, enquanto inversão sexual.

O estudo das aberrações sexuais e a tentativa de tirar a perversão do saber jurídico

Moll (1893, conforme citado por Lanteri-Laura, 1944), ofereceu importantes contribuições a partir de suas produções que entendiam a sexualidade como correspondente a produção e obtenção de orgasmos, compreendendo que estes poderiam ser alcançados de inúmeras formas pelos humanos, inclusive com parceiros (as) do mesmo sexo e que a esse respeito, o Direito e a Medicina, não deveriam intervir. Somente se esses desejos homossexuais apresentassem sofrimento à pessoa que o experimenta é que deveria ser campo de trabalho da medicina. É nesse momento que surge na psiquiatria uma preocupação específica em estudar as aberrações do comportamento sexual.

Nos estudos acerca dessas aberrações ou anomalias do instinto sexual, conforme propõe Krafft-Ebing (1886/2001) são apontadas, principalmente nas formas seguintes: anestesia que diz respeito a falta, a hiperestesia que corresponde ao excesso e a parestesia que está relacionada a perversão, não levando em conta a expressão da sexualidade como forma de manter e reproduzir a espécie, mas puramente pela busca de prazer e satisfação.

Assim, Krafft-Ebing (1886/2001) aponta um sistema tríplice para essa conceituação que é a fecundidade em oposição à esterilidade, o prazer em oposição ao desprazer e o normal em

oposição ao patológico. Nesse sistema, em contraponto com a sexualidade compreendida na época como normal, a perversão coloca-se para a esterilidade, para o prazer e para a patologia.

Neste sentido, Lanteri-Laura (1944) afirma que inicialmente a medicina debruçou-se sobre a homossexualidade, partindo do campo jurídico que inicialmente condenava como crime qualquer ato homossexual e que, mais tarde em 1810, foi retirado desse campo. Assim, os estudos médicos a princípio se incubem do papel de evidenciar que a homossexualidade nada tinha de monstruoso ou delituoso, tratava-se apenas de uma variedade rara e talvez doentia de acesso ao gozo, suscetível a tratamento corretivo.

Foi nesse período que a homossexualidade passou a ser vista como oriunda de acontecimentos psicológicos da infância, passíveis de correção pela psicologia. A ideia proposta pela psicologia na época era de, através da hipnose, tornar agradável, bom ou satisfatório algo que em outro momento era repulsivo aos sujeitos. É válida a observação de que, atualmente no Brasil, tal prática é proibida pelo Conselho Federal de Psicologia, entretanto, até os dias atuais há psicoterapias que se debruçam sobre o tratamento da homossexualidade, inserindo sobre o sujeito não o próprio desejo, mas o do terapeuta.

Neste sentido, assim como Westphal, Moll (conforme citado por Lanteri-Laura, 1944) debruçou-se largamente nos estudos acerca da homossexualidade defendendo principalmente que a sexualidade tinha relação com a produção do orgasmo e que, alguns sujeitos só conseguiam chegar a ele com parceiros do mesmo sexo e somente quando sofriam por isso é que as terapias deveriam ocupar-se do assunto, mas, ainda assim, sem grandes expectativas de êxito.

Assim, é possível perceber que os primeiros estudos acerca da inversão sexual foram realizados objetivando corrigir a legislação penal, mostrando a normalidade dos chamados invertidos na época e admitindo as diversas formas para o orgasmo, de modo que juristas,

terapeutas e médicos jamais deveriam intervir, a não ser que o próprio sujeito invertido demandasse apoio ou auxílio para alívio ou compreensão.

Cada estudioso pouco a pouco publicava seus escritos com suas descrições clínicas, tendo o cuidado de defender a pluralidade semiológica, mas evidenciando os comportamentos realmente como campo das enfermidades. Tais investigações ficaram durante muito tempo isoladas, passando mais tarde, por parte de seus autores, por uma tentativa de unificação dessa diversidade.

Krafft-Ebing (1886/2001) foi um dos autores que primeiro organizou e distinguiu algumas das espécies fundamentais constatando anomalias do instinto sexual separadas em quatro, sendo a primeira frigidez e impotência, a segunda ninfomania e satiríase, a terceira parestesia e a quarta paradoxia. A terceira versa sobre o campo propriamente das perversões, no sentido médico de perturbação funcional do excesso ou da falta, que é a parestesia, quando o tipo de satisfação não busca como finalidade a preservação da espécie.

Em termos gerais, tais categorizações são simplistas e moralistas com olhar muito específico sobre as questões da sexualidade, é importante que haja uma compreensão mais ampla e inclusiva dos fenômenos sexuais e da diversidade de experiências humanas, uma vez que tais investigações colocam as perversões lado a lado da esterilidade, do prazer e da patologia, delimitando como atos errados e doentios em oposição à sexualidade normal, que teria em seu arcabouço a saúde, um prazer objetivo quando possível e, principalmente, a reprodução, que era o ponto central do comportamento sexual.

Definir, então, o normal como eixo central da preservação da espécie, abre caminho para que a cultura defina as impossibilidades e, por conseguinte, anormalidades do gozo. Todo o prazer que não empenhar-se estritamente na procriação é remetido ao mal e a doença, essa compreensão deixa explícita três consequências, de acordo com Lanteri-Laura (1944), primeiro que, para a procriação não se faz necessário o gozo, seja o homem gozando pouco e

a mulher nada, o objetivo da concepção pode ser consumado. O segundo é que a reprodução serve como explicação apenas para uma parte do prazer, deixando o restante sem justificativa biológica. A última consequência é a de que todo esse "resto" de prazer sem explicação ser atribuído às perversões.

Foi desse modo que Krafft-Ebing (1886/2001) delimitou o campo específico das perversões, assimilando as parestesias e atribuindo a elas todo o modo de satisfação erótica que não objetivava a preservação da espécie, conceituando que o próprio prazer poderia ser perverso. O autor compreendeu que as perversões eram diversas e os homens que se viam a serviço da ciência deveriam conhecer todas elas, assim, o estudo, as descrições e o rigor científico legitimariam nesta época certo teor de pornografia que seria inerente a perversão, devendo essa ser descrita pelo dever da ciência, realizando-se contra a moral e positividade que envolvia as perversões.

Kraftt-Ebing (1886/2001) tem em sua obra um constructo em relação às perversões que parte da frigidez e impotência para a homossexualidade que é a problemática central ou, como diz Lanteri-Laura (1944) o centro organizador e propriamente fecundo de todo o discurso sobre as perversões e, colocando-a de lado, sobraria tudo o que é monstruoso ou ridículo.

De acordo com Krafft-Ebing (1886/2001) o ridículo estaria para o sadismo, masoquismo, fetichismo e exibicionismo. A dor e sofrimento do masoquismo e a crueldade do sadismo eram postos em casas chamadas de "ilusões" como condutas teatrais. Assim, quando o ridículo não consegue resolver entra-se então no campo da monstruosidade, o sadismo e o masoquismo conservam a dor como seu centro, seja na sujeição ou submissão da mesma, enquanto o fetichismo se mostra como o ridículo vez ou outra tocante, mas principalmente alvo de riso, zombaria ou irrisório, por fim, tem-se o exibicionismo como também um

péssimo negócio. Tais elementos desdobram-se sob comportamentos perversos de aparência repugnante ou irrisória.

Destaca-se então, para Krafft-Ebing (1886/2001), um sistema de oposições que abrem espaço para categorias negativas, como: grotesco versus monstruoso, grotesco retirando-se do campo da ironia por sua capacidade de tocar a morte por sua natureza monstruosa, enquanto essa se afasta do trágico, por conseguir suscitar o irrisório. É nessa primeira categoria do grotesco versus monstruoso que se colocam a teratologia, gerantofilia e pedofilia, funcionando em favor da desumanidade.

Assim, fica perceptível que os grupos de comportamentos perversos são descritos com características que permitem passar do deplorável e ridículo para o monstruoso e homicida, o horror desses comportamentos coloca seus autores como pertencentes à monstruosidade e dignos da desvalorização social.

A medicina, a partir de tal compreensão, não poderia se eximir de julgar exageradas as legislações que a tudo reprimiam. Contudo, mesmo que o código penal da época insistia em criminalizar alguns comportamentos sexuais. Após a abolição dos direitos feudais de 1789, as perversões ainda podiam realizar-se no seio da burguesia tanto na realidade quanto na escrita, como foi o caso do Marquês de Sade. Nesse viés, o aspecto homicida das perversões continuou a ser realizado.

Já no final da Santa Aliança [1] por volta de 1815 essa realidade começa a ser modificada, uma vez que as perversões e os comportamentos manifestos por elas só poderiam ocorrer nos

[1] A Santa Aliança foi uma coalizão política formada em 1815 pelos monarcas da Rússia, Áustria e Prússia, com o objetivo declarado de preservar a ordem e a paz na Europa após as Guerras Napoleônicas. Foi um acordo para cooperar na manutenção do status quo político e social, promovendo princípios conservadores e monárquicos. No entanto, ao longo do tempo, suas intenções e influência foram contestadas, e acabou se tornando mais um símbolo das potências conservadoras tentando suprimir movimentos liberais e nacionalistas na Europa. A Santa Aliança tinha o objetivo declarado de preservar a ordem e a paz na Europa, promovendo princípios conservadores e monárquicos após as Guerras Napoleônicas. A aliança durou oficialmente até 1830, mas sua influência e eficácia diminuíram ao longo do tempo à medida que as tensões políticas e sociais aumentavam na Europa. Os monarcas que a compunham buscavam promover princípios conservadores e monárquicos, e se comprometeram a apoiar uns aos outros contra qualquer ameaça de revolução ou mudança política que pudesse

espaços das casas de ilusões destinados a burguesia da época, que era objeto de voyeurismo de quem ali frequentava, mas que assegurava que o perigo real havia sido excluído. Tal momento configurou a passagem da tragédia para a comédia.

A partir desta passagem, muitos comportamentos perversos passam a ser descritos como ridículos, a ironia passa então a tomar lugar da condenação, ela ridicularizava a qualquer preço a zoofilia, gerantofilia, o fetichismo e o sadomasoquismo, mas respeitava o essencial da homossexualidade, que se constituía como destino trágico, retirado do grotesco pelo poder da paixão. Foi no ápice desse pensamento que algumas formas de perversão escaparam do grotesco adentrando a compaixão.

Por fim, essa compreensão de uma medicina ausente de respeito, de acordo com Krafft-Ebing (1886/2001), permitiu separar os bons dos maus perversos, sendo os primeiros apontados como atormentados, infelizes, vivendo na angústia com eles mesmos e afastados do gozo. Os segundos eram apresentados como monstros, perigosos, violentos, pouco inteligentes e estupradores.

Assim, foram estruturados pela medicina dois campos das perversões: um em que o saber médico era mais complacente, compreensível do que a justiça e outro em que ela empenhava-se em denunciar certo perigo social, cabendo somente ao especialista determinar tais distinções. De acordo com Lanteri-Laura (1944) em meados de 1880 e 1890 acreditava-se que a única forma de apreender os fenômenos perversos com o olhar esclarecedor da razão resumia-se em decifrá-los como casos específicos de distúrbios do funcionamento hierarquizado do sistema nervoso central.

Assim, o modelo neuroanatômico proposto por Magnan (1885, conforme citado por Lanteri-Laura, 1944), servia a diversas funções, sendo talvez a principal delas, retirar as condutas perversas da alçada jurídica por defender que era uma questão biológica e não de

---

abalar a ordem estabelecida. Em essência, buscava-se manter o status quo e reprimir movimentos liberais e nacionalistas que pudessem desafiar a autoridade monárquica e o sistema político existente.

costumes. As perversões adentraram então no conjunto da patologia cortical, contudo, a proposta de Magnan não apresentava como prova nenhuma lesão identificada a partir de análise microscópica, tratava-se apenas de interpretações a partir da compreensão do funcionamento cortical, era um raciocínio que se apoiava num conjunto de conhecimentos extraídos a partir de uma coerência interna.

Autores como E. Gley e Chavalier (conforme citado por Kraff-Ebing, 1886/2001) também colocaram as perversões no campo das localizações cerebrais, ocupando-se mais intimamente da inversão, defendiam que havia um centro cerebral masculino e um centro feminino, o masculino atrofiado na mulher e o feminino atrofiado no homem, já nos homossexuais esses centros não estariam atrofiados. Assim, a metáfora cérebro de homem no corpo de mulher não seria mais uma metáfora, mas sim um vínculo direto de significação.

As perversões sexuais são então apontadas de acordo com Magnan (1885, conforme citado por Lanteri-Laura, 1944) como uma variedade particular de distúrbios acometidos pelo desequilíbrio mental, que determinava não só os comportamentos sexuais anormais, como também inúmeras outras formas patológicas, fazendo parte, sem esforço, do campo de saber da medicina, elencados a fim de isolar os fenômenos para interrogar suas significações.

Para Lombroso (1876/2001) não bastava uma descrição detalhada de seu comportamento, foi a partir desta compreensão que as penas não puderam mais ser justificadas pelo viés diabólico ou sagrado, deveriam apenas não ultrapassar determinados limites. Era exatamente esse discurso antropológico que se aproximava do discurso positivista acerca das perversões, tendo os comportamentos vistos como raros condenados durante anos pelo horror religioso e moral.

Tal perspectiva começa a se modificar na sociedade à medida que os referenciais religiosos foram perdendo espaço, foi nesse momento que a repressão se abrandou muito mais no que se refere às perversões do que aos delitos e crimes. Já no final do século XIX a

medicina conseguiu encontrar seu lugar adotando como patrimônio médico os estudos acerca das perversões dando-lhes uma interpretação positivista.

Na obra de Magnan (1885, conforme citado por Lanteri-Laura, 1944), a sexualidade não era compreendida apenas como meio para a procriação, este poderia ser apenas um alcance entre tantos outros, o prazer não pertencia, então, ao sagrado ou ao proibido. Apesar de dedicarem longamente seus estudos sobre a perversão, tanto Magnan quanto Krafft-Ebing não propuseram uma definição sobre as perversões por compreenderem que fazendo da vida sexual um campo de estudo, seria possível mostrar uma grande diversidade nos comportamentos capazes de levar ao orgasmo.

Não havia, neste ponto, a descrição de uma sexualidade normal em oposição a uma anormal. As perversões foram, então, compreendidas como condutas que possibilitavam chegar ao orgasmo através de funcionamentos neurológicos incomuns e desarmônicos, a exemplo, tem-se a ninfomania como perversão, não por ser moralmente indecente, mas porque havia uma desordem fisiológica operando em tal prática.

Deste modo, os perversos eram assim classificados porque seus comportamentos demonstravam uma desestruturação da ordem do sistema nervoso central, não por ser bom ou mal, moral ou imoral, mas porque correspondiam a sua natureza, assim, as atitudes perversas não passavam de uma manifestação do desequilíbrio mental, dando força aos estudos de Magnan e sua conceituação do problema anátomo-fisiológico.

Todos esses estudos resumiam-se em dividir os perversos nos dois grupos já mencionados, o primeiro sobre sujeitos de bom nível intelectual, bem apresentados na vida social, poderiam exercer elevadas funções e os aspectos de sua perversão são ignorados pelo seu círculo. Esses sujeitos percebem suas preferências e singularidades e admitem não ter sobre elas poder algum, entretanto, seguem relutando contra seus desejos e somente os satisfaz após perder essa batalha. Esses são os bons perversos, por sua batalha incessante,

recebiam das pessoas compaixão manifestada através do desejo de ajudá-los curando-os, embora sem saber como. Os “bons perversos” são então dignos de pena, como exemplo, é possível apontar nesse *hall* tanto exibicionistas quanto homossexuais.

O segundo grupo é constituído pelos maus perversos, que são sujeitos socialmente mal inseridos, instáveis e com comportamentos perversos sempre agressivos, se orgulham de suas práticas e eram igualmente indesejáveis tanto em prisões quanto em manicômios. A noção de perversidade manifestada por esse grupo remete às antigas descrições de loucura moral e insanidade moral. É válido ressaltar que tais estudos denotam a significação racional dos constructos positivistas acerca das perversões, o que foi de suma importância uma vez que possibilitou a saída da condição de objeto de horror para objeto de estudo.

Neste sentido Krafft-Ebing (1886/2001) aponta que o estudo científico da vida sexual trata necessariamente das misérias do homem e dos lados obscuros de sua existência, incluindo esses comportamentos perversos como obscuros, afirma que a propagação da espécie humana é assegurada por um instinto natural, que com todo o seu empenho, alcança também a satisfação, sendo assim, a sexualidade é o fator mais poderoso na existência individual e social, justificando-se assim os inúmeros estudos e pesquisas que se desdobram especificamente sobre essa temática e a ameaça que a burguesia acreditava sofrer se as perversões fossem concebidas também como naturais ou próximas disso, aceitáveis.

O autor defende que na era primitiva a satisfação do apetite sexual no homem era semelhante ao animal, não havia uma forma de controlar o ato sexual, não havia vergonha da nudez, como acontece ainda em civilizações a exemplo de alguns polinésios e malaios das Filipinas (Kraff-Ebing, 1886/2001). A mulher era vista como uma mercadoria, um objeto a serviço da conquista e satisfação do homem, foi o aparecimento do sentimento de vergonha e o pudor das relações que marcaram o início da moralidade da vida sexual.

Assim, outro ponto do desenvolvimento da cultura foi quando a mulher deixou de ser mero objeto e passou a ser vista como pessoa também desejante e, tal como o homem, que passa agora a ser nutrido pelo desejo de conquistá-la. Este momento cultural da moralidade sexual recebeu o impulso do cristianismo que em muito contribuiu com a manutenção da propriedade privada, transformando o vínculo do amor em propriedade religiosa, elevando ao nível da moral as relações sexuais.

As relações, a partir dos pressupostos cristãos devem então ser monogâmicas e duradouras, se não, eternas, com objetivo de assegurar a função primordial da natureza que é a procriação, independente se condiz ou não com o desejo dos sujeitos. Krafft-Ebing (1886/2001) enfatiza que todos esses suportes da religião, do direito, da educação e da moralidade colocaram o homem em posição de sujeitar-se ao controle de suas paixões, contudo, admitindo o risco de sair do amor casto para a impureza da sensualidade comum.

O fetichismo, o sadismo e masoquismo no campo teórico da perversão

Se tratando das parestesias, têm-se o sadismo, que corresponde a luxúria e a crueldade, marcadas por uma base psiquicamente degenerada, estes impulso da luxúria somado aos atos de crueldade tem efeitos poderosos na busca de satisfação de seus desejos através de representações fantasiosas que se tornam reais quando as resistências morais são insuficientes.

Em contrapartida ao sadismo têm-se o masoquismo também que se refere ao prazer que se alcança a partir do sofrimento advindo de atos violentos. Pela intensidade do instinto pervertido surge no masoquismo a demanda de atos não só abomináveis, mas monstruosos que passam do ridículo ao absurdo como pedido de açoites, castigos, flagelação e mais do que se pode imaginar dentro dessa natureza para fins de obtenção de prazer.

Dentro da parestesia há ainda o fetichismo, que corresponde a uma representação imaginária de certas partes do corpo, roupas ou objetos de alguém que resultam em sensações

voluptuosas e o seu aspecto patológico está no fato de que tal representação não tem relação direta com o sexo, a própria substituição representativa configura-se como alvo do interesse sexual.

Kraff-Ebing (1886/2001) fala ainda da sexualidade antipática, sendo compreendida como total ausência do sentimento sexual para com o sexo oposto, toda a sexualidade é concentrada nas pessoas do próprio sexo. Nessas pessoas o desenvolvimento biológico e sexual se deu de forma normal, entretanto, sentem-se atraídos por pessoas do próprio sexo por ter o homem instinto de fêmea e vice-versa.

Assim, de acordo com Krafft-Ebing (1886/2001), por mais monstruosos que se apresentem os atos sexuais perversos não devem receber em seus campos de estudo repulsa estética e moral, mas sim cuidado ético e uma análise cuidadosa, uma vez que essas parestesias tem maior importância clínica, social e forense. A perversão só pode ser compreendida como doença depois de uma responsável investigação, para delimitar o que é psicopatológico e o que é vício.

Ainda que o autor busque uma perspectiva crítica no que diz respeito a perversão, seu pensamento evidencia uma preocupação em estabelecer a qualquer custo categorizações clínicas e patologizantes. Contudo, na perspectiva psicanalítica a visão é mais ampla, levando em consideração a compreensão da perversão como estrutura clínica e sua gênese, distante da necessidade de patologização apontada pelo autor.

É válido ressaltar que a perversão pode estar voltada tanto para a satisfação sexual com pessoas do mesmo sexo quanto para membros do sexo oposto, tornando assim possível, de acordo com Krafft-Ebing (1886/2001), a diferenciação de dois grandes grupos de perversões da vida sexual. O primeiro grupo versa sobre a inclinação sexual para pessoas do sexo oposto, com atividades perversas do instinto.

Na categoria acima citada está o sadismo, que é, conforme mencionado anteriormente, a experiência de sensações prazerosas, até mesmo do orgasmo, através de atos de crueldade, infligindo ou testemunhando tais atos, tanto em humanos quanto em animais. Podendo contar também com a necessidade de humilhar, ferir e até mesmo destruir o outro na busca pela obtenção do prazer sexual, não levando em conta aspectos morais ou mesmo jurídicos de suas práticas, a única consequência admitida é que encontrará satisfação através de seus atos.

Essas sensações sádicas, se bem observadas, de acordo com Krafft-Ebing (1886/2001) podem ser localizadas ainda na infância. O sadismo, o masoquismo e até o instinto sexual antipático são compreendidos como anomalias originais da vida sexual, ocorre como um desvio ou mesmo um distúrbio na evolução dos processos psicossexuais gerados na degeneração psíquica. O sadismo então, nada mais é, do que a excessiva e monstruosa intensificação patológica dos fenômenos que acompanham a vida sexual psíquica.

O que o homem sádico sente é, em sua grande maioria, conforme coloca Krafft-Ebing (1886/2001), um impulso em direção a um tratamento cruel e violento a quem o despertou. Os atos do sadismo podem variar em monstruosidade a depender do poder que exerce o instinto sobre o indivíduo que desperta esse desejo, a depender também da resistência que opera sobre esse desejo, resistência essa quase sempre inexistente ou enfraquecida por deficiência ética, degeneração hereditária ou insanidade moral.

O Marquês de Sade ou Donatien Alphonse François foi um escritor francês do século XVIII conhecido por suas obras que exploravam temas como libertinagem, sexo e violência. Suas obras mais famosas incluem “Justine” e “As 120 Jornadas de Sodoma”. Sua escrita provocativa e transgressora lhe rendeu reputação e notoriedade e o termo “sadismo” foi derivado de seu nome.

A importância do Marquês de Sade para o estudo da perversão está principalmente ligada à sua influência na literatura e na cultura. Suas obras desafiaram as normas sociais e

exploraram temas tabus, como sexo, violência e poder, de uma maneira que chocou e intrigou os leitores de sua época e além. Assim, ao entrar em contato com suas obras e com a lascividade abordada pelo Marquês de Sade, Krafft-Ebing (1886/2001) tirou de seu nome o termo sadismo para designar uma das mais pertinentes formas de perversão sexual.

Até os dias atuais as obras de Sade são frequentemente estudadas por médicos, psicólogos, sociólogos e filósofos interessados nas dinâmicas da perversão, pois suas escritas oferecem insights sobre os extremos da sexualidade humana e as fronteiras entre o desejo sexual, a moralidade e a transgressão. O sadismo, conforme apontado por Krafft-Ebing (1886/2001) se manifesta de inúmeras formas, tem o sadismo simbólico, o sadismo idealizado, com algum objeto, destinado às mulheres, atos sádicos com animais, entre outros, que de acordo com o autor, são explicados pela:

> Exigência não apenas da morte, mas também da tortura do derrotado, é explicada, por um lado, pelo sentido de poder, que satisfaz a si mesmo desta forma e, por outro, pela insaciabilidade do impulso de vingança. Assim, as brutalidades e os horrores históricos podem ser explicados sem recorrer ao sadismo. (Krafft-Ebing, 1886/2001, p. 143).

Ou seja, nem todo o mal, cruel e horrendo tem lugar no campo vasto das perversões, considerando que o sofrimento de qualquer ser vivo pode se tornar fonte de prazer sexual pervertido para pessoas sádicas e que o sadismo pode ocorrer com qualquer indivíduo ou objeto. Ainda assim, nem todos os atos cruéis que ocorrem ou todo o horror registrado na história, podem ser colocados na conta da perversão sádica, a crueldade está dada por vários caminhos e de todos os lugares, sendo compreendida como natural ao homem primitivo.

Em oposição ao sadismo, bastante mencionado até este momento, tem-se o masoquismo e sua associação com a crueldade passiva, violência e luxúria, configurando-se este como segundo grande grupo das perversões. Enquanto o sadismo está relacionado ao desejo de

provocar dor, o masoquismo é o desejo de sentir, sofrer a dor de ser forçosamente submisso, assim o autor conceitua o masoquismo como:

> Uma peculiar perversão da *vita sexualis* psíquica na qual o indivíduo afetado, em seu sentimento sexual e em seu pensamento, é controlado pela ideia de estar completa e incondicionalmente sujeito à vontade de uma pessoa do sexo oposto; de ser tratado por esta pessoa como se ela fosse um mestre, e ser humilhado e abusado. O masoquista vive em fantasias nas quais cria situações desse tipo e tenta, muitas vezes, realizá-las (Krafft-Ebing, 1886/2001, p. 146).

O termo masoquismo adotado nestes escritos de Krafft-Ebing foi inspirado na obra de Sacher-Masoch, que posteriormente foi colocado dentro do termo perversão e tornou-a conhecida em todos os seus textos, quando ainda era completamente alheio ao saber científico.

Sacher-Masoch ou Leopold von Sacher-Masoch foi um escritor austríaco do século XIX, conhecido por suas obras que exploravam temas de dominação e submissão servindo a Krafft-Ebing para designar outro importante modo de perversão, que é o masoquismo, cunhado a partir de seu sobrenome em alusão ao seu trabalho e às suas explorações literárias sobre dor e prazer.

Leopold von Sacher-Masoch é importante para o estudo da perversão devido ao seu papel na popularização e exploração literária do conceito de masoquismo. Suas obras, especialmente "Vênus das Peles", ajudaram a trazer à tona discussões sobre os aspectos psicológicos e sexuais da submissão e da entrega ao sofrimento consensual.

Sacher-Masoch contribuiu para a compreensão e a análise da complexidade das relações de poder, desejo e prazer na sexualidade humana, influenciando subsequentes estudos e reflexões sobre o tema. Assim como o Marquês de Sade, ele provocou debates e

questionamentos sobre as fronteiras do comportamento humano e os limites da normatividade sexual.

De acordo com Krafft-Ebing (1886/2001), Sacher-Masoch não era um escritor do masoquismo alheio à anomalia sexual, mas que ele mesmo era afligido por ela. Do ponto de vista da psicopatia, o elemento comum a todos os casos dessa anomalia independente do grau é que o instinto sexual é dirigido a ideias de subjugação e abuso pelo sexo oposto.

Assim, o que o autor aponta é que caráter imperativo dos atos e da natureza da perversão no sadismo é real também no masoquismo, que suas manifestações são das mais repulsivas e monstruosas até as mais tolas, cerceadas pelo grau do instinto perverso e pelas sanções morais que ainda operam no indivíduo. Contudo, as consequências extremas do masoquismo podem ser neutralizadas pelo instinto de autopreservação.

No cerne do masoquismo, o desejo de abuso e humilhação aparece como meio de satisfação sexual, sob a necessidade de se sentir violado, abusado e humilhado como caminho para o prazer. A flagelação passiva e o masoquismo também são uma categoria e versa sobre o desejo dessa perversão de submeter-se a uma mulher, é um processo de induzir ereção por irritação dos nervos das nádegas, “para o masoquista, o pensamento principal é o da submissão à mulher; o castigo é apenas a expressão dessa relação – o efeito mais intenso que pode lançar sobre si mesmo” (Krafft-Ebing, p. 157, 1886/2001).

De acordo com Krafft-Ebing (1886/2001), a contrapartida perfeita do masoquismo é o sadismo. O primeiro deseja sentir dor, o segundo está empenhado em infligir dor e usar de violência, assim se dá o elo perfeito, uma vez que todos os atos adotados pelo sádico que ocupa o papel ativo na relação são desejados pelo masoquista que, por sua, vez está no polo passivo, ambos a caminho de suas formas de prazer. Nas duas formas de manifestações perversas os atos podem sair da esfera do simbólico para situações graves de maus tratos.

Outra importante categoria dentro das perversões é o fetichismo, que ocorre quando dentro dos limites fisiológicos há uma preferencia por partes específicas do corpo do sexo oposto ou, ainda, de objetos e trajes relacionados a ele, atribuindo grande valor psicossexual, como é o caso do fetichismo fisiológico, ocasionado pelo culto e obediência dos impulsos sexuais ligados a partes específicas dos corpos.

Krafft-Ebing (1886/2001) afirma que o fetichismo patológico está diretamente ligado ao fisiológico e a anormalidade consiste no fato de que o interesse sexual destina-se a apenas uma parte da pessoa do sexo oposto e todas as outras partes são irrelevantes. Não é, então, o fetichista, como coloca o autor, considerado um monstro por excesso como no sádico e no masoquista, mas um monstro por defeito. Para Krafft-Ebing (1886/2001):

> A concentração do interesse sexual em certa porção do corpo que não tem relação direta com o sexo (como têm as mamas e os genitais externos) – uma característica importante de ser destacada – muitas vezes levam fetichistas do corpo a tal condição que passam a não considerar o coito como o verdadeiro meio de gratificação sexual, mas apenas a manipulação, de alguma forma, daquela parte do corpo que é eficaz enquanto um fetiche. Este instinto pervertido dos fetichistas do corpo pode ser tomado como o critério patológico, não importando se o coito real tenha sido ou não possível (pp. 236-237).

Assim fica estabelecida uma descrição aproximada do que é o fetichismo do corpo, já o de objetos inanimados ou de peças de roupas, algum aspecto da normalidade pode ser observado nesses casos quando a conexão com o objeto fetiche é facilmente explicada. No caso do fetichista patológico não há essa formação representativa, o fetiche por si só constitui todo o conteúdo da ideia, a excitação ocorre quando o fetichista torna consciente a presença dos objetos desejados.

Essa perversão se mostra associada a outras dentro de uma mesma estrutura, podendo ser associada a sexualidade invertida, ao fetichismo, ao sadismo e ao masoquismo. Krafft-Ebing

(1886/2001) ressalta que apesar de o fetichismo estar baseado em uma concepção psicopática congênita, ele não é de tudo perfeitamente congênito, como é o sadismo e o masoquismo. Enquanto nas perversões sexuais encontradas nos grupos de sádicos e masoquistas é possível esclarecer o caráter congênito, nos fetichistas são identificados apenas casos em que esses comportamentos pervertidos foram adquiridos, “no fetichismo, cada caso demanda um evento que ofereça o terreno para a perversão.” (Krafft-Ebing, 1886/2001, p. 238).

Ou seja, no contexto do fetichismo, cada indivíduo desenvolve seus próprios padrões de comportamento sexual desviante a partir de eventos específicos em suas vidas. Esses eventos podem ser experiências vividas durante a infância ou situações que deixaram uma marca no indivíduo. Compreende-se também que o fetichismo não é inato e sim moldado por eventos e circunstâncias únicas na vida de cada pessoa, norteando suas preferências e comportamentos sexuais.

Além disso, o autor sugere que o fetichismo não é uma condição universalmente determinada, mas sim um fenômeno psicológico complexo que emerge de interações individuais e experiências pessoais. Ele enfatiza a importância de considerar o contexto e a história de vida de cada pessoa ao tentar compreender e abordar questões relacionadas ao fetichismo. Essa abordagem destaca a diversidade e a singularidade das experiências humanas e ressalta a necessidade de uma compreensão individualizada da sexualidade.

A natureza e a fisiologia da vida sexual admitem a apreciação de quaisquer aspectos do sexo oposto afim de excitação, mas o que chama a atenção no caso do fetiche é a concentração de todo o interesse sexual nesses aspectos específicos. Para essa concentração a explicação encontrada por Krafft-Ebing (1886/2001) ao estudar Binet é de que algo na vida do fetichista em algum momento da vida determinou a associação do sentimento luxurioso sob a condição de ser único.

Acredita-se que tal acontecimento ocorreu, via de regra, na infância ou na juventude, que é quando começam a se apresentar os sinais da vida sexual. O acontecimento desencadeante dessa associação costuma ser esquecido, fixando-se apenas o resultado dela, o único elemento, nesses casos, que há de congênito é a predisposição e a hiperestesia sexual dos indivíduos. Não diferente das demais perversões, o fetichismo erótico e patológico também se manifesta através de atos estranhos ou até criminosos.

Para o estudo acerca do fetichismo vale servir-se de dois fatores, o primeiro é que o fetichismo patológico é causa de impotência psíquica, já que o objeto que origina o interesse sexual do fetichista permanece sem relação alguma com o ato sexual normal, assim, sua potência e excitabilidade encontram-se diminuídas ou ausentes por sua perversão nos estímulos convencionais. O segundo fator é que assim como o sadismo recorre em alguns casos ao crime de lesões ou assassinato, o fetichismo pode resultar em furtos, roubos e em posse de objetos que nutre desejo.

As referidas formas de lidar com as práticas consideradas não naturais têm sido seguidas até os dias de hoje, que, apesar de sofrerem menos sanções legais, passam fortemente a sofrer pela opinião pública, que com ou sem lei pronunciam-se abertamente. Assim, apesar de os aspectos religiosos, econômicos e estéticos serem menos discutidos, a homossexualidade ainda é vista com horror estético para a maioria das pessoas, contudo, independente se essa forma de enxergar a homossexualidade é configurada como certa ou errada, de maneira alguma poderá ser utilizada para fins legais.

Neste sentido, os estudos até aqui apontam que a concepção médica e positivista das perversões teve o papel de assegurar autenticidade ao definir uma sexualidade fisiológica em que não tinha como objetivo central a procriação, fornecendo regras que viriam a substituir a moral. Deste modo, a sociologia viria também a construir os preceitos da moralidade pública. Surge neste ponto o vínculo indissociável entre ciência e repressão, foi assim que o discurso

positivista assumiu uma função ideológica essencial: a de possibilitar a quem ouvia localizar-se de forma prudente em relação aos fenômenos sem sacrificar de seus preconceitos e atribuições morais.

Se tratando desses estudos acerca da sexualidade, Freud (1905/1976) afirma que não deve ser compreendida ou julgada pelo viés jurídico e moral, observa que é comum que rapazes e moças exibam na puberdade sinais claros da existência de uma tendência homossexual e que, em circunstâncias favoráveis essa tendência é ultrapassada e que, mesmo nas relações sexuais mais normais poder ser observados comportamentos desviantes do padrão normal.

Assim, o que se compreende na obra freudiana acerca da perversão será abordado no próximo capítulo, até então o que se sabe é que a fonte da qual Freud (1905/1996) recorreu para chegar à perversão pelo viés psicanalítico foi médico, jurídico e religioso, já que essas duas áreas do saber citadas tiveram influência do cristianismo para conceituação e formulação teórica da sexualidade, ao passo que Freud, mesmo servindo-se de alguns elementos nesses campos busca, ao longo de seu percurso científico, retirar a perversão e os comportamentos sexuais gerais do campo da moral, da religião e da criminalidade.

Capítulo 02

A noção de perversão na primeira teoria do aparelho psíquico de Freud

A concepção freudiana acerca da perversão parte inicialmente das ideias de seu contemporâneo e colega psiquiatra austríaco Krafft-Ebing, que escreveu sobre sexualidade humana e desvios sexuais em sua obra Psicopatias Sexuais. Embora Freud tenha se distanciado das concepções de Krafft-Ebing (1886) posteriormente, suas primeiras reflexões sobre perversão foram influenciadas por essa obra, conforme coloca Lanteri-Laura (1994).

Assim, o objetivo deste capítulo é compreender como se deu a noção de perversão na primeira teoria do aparelho psíquico de Freud, ou seja, investigar a referida temática na primeira construção acerca do funcionamento e estrutura do aparelho psíquico.

Compreende-se, então, por primeira teoria ou primeira tópica a estruturação e divisão que Freud faz, explicando que o aparelho psíquico funciona por diferentes instâncias e que elas são como um mapeamento da mente. Nesse primeiro momento, Freud (1901/1996) afirma que o aparelho psíquico funciona por várias instâncias sequencialmente dispostas uma após a outra e que é o sonho a janela pela qual se torna possível vislumbrar o interior deste aparelho.

A primeira tópica do aparelho psíquico, conforme explica Freud (1900/1996), conhecida como modelo topográfico aborda a relação entre o inconsciente, pré-consciente e o consciente. O consciente é descrito como um sistema dos fenômenos que o sujeito sabe de modo imediato. Conforme o autor, o consciente é uma pequena parte da mente, que realiza contato com o mundo exterior a partir de sensações de prazer e desprazer do interior, evitando o que é desagradável regulando o princípio do prazer. O pré-consciente é mencionado como distinto do inconsciente, uma vez que nele estão presentes os conteúdos psíquicos que, embora não estejam na consciência, podem de algum modo ser acessados por

ela. Já o inconsciente é descrito como um sistema que organiza os fenômenos psíquicos inacessíveis à consciência, seus conteúdos são repositórios de libido e pulsão sexual.

O inconsciente, de acordo com Freud (1900/1972) seria a parte mais arcaica do aparelho psíquico, o autor postula que existe uma herança em cada ser que traz elementos instintivos e pulsões acrescidos de energias. Cada um desses elementos estariam no inconsciente e seriam inacessíveis à consciência, além daqueles que foram excluídos da consciência pelos mecanismos psíquicos denominados censura e recalque[2], que ocorre quando o conteúdo não é lembrado, é censurado, permanecendo inconsciente.

Como mencionado, Freud (1900/1972) afirma que o consciente diz respeito à menor parte do aparelho psíquico e sua maior parte é o inconsciente, formado pelas pulsões e instintos, os principais determinantes da personalidade.

Neste momento de sua teoria Freud (1905/1996) compreendeu e conceituou de diversas formas a perversão, na tentativa de retirá-la dos obscurantismos médicos, religiosos, jurídicos e culturais expostos no capítulo anterior, contudo, o lugar do qual o autor parte para o desenvolvimento de sua obra, é, justamente os saberes mencionados.

Compreende-se então que, Lanteri-Laura (1979/1994) apesar de reconhecer o caráter inovador e original de Freud (1905/1996) ao comparar o que ele descreve acerca da perversão com o que se tinha da área médica e jurídica, indica que esses campos do saber fornecem para ele o termo perversão carregado de questões morais, patologizantes e higienistas, que, por sua vez tiveram lugar de estudo, teorização e descrição de fenômeno na obra freudiana, não abrindo mão totalmente nessa primeira tópica dos resquícios passados.

[2] Há um problema da tradução do termo *verdrangung* para a língua portuguesa, assim sempre que houver uma citação direta ao longo deste trabalho será mantida a tradução conforme a fonte citada, mas quando não for citação direta a preferência será em utilizar o termo recalque.

Freud (1905/1996) tenta, pouco a pouco, em sua teoria, à medida que estuda a sexualidade, romper com os estudos acerca da perversão do seu tempo e reconhece em nota de 1910 como a psicanálise expandiu seus estudos acerca da sexualidade:

> Reconhecemos como ‘vida sexual’ todas as atividades dos sentimentos ternos que têm os impulsos sexuais primitivos como fonte, mesmo quando esses impulsos se tornaram inibidos com relação a seu fim sexual original, ou tiveram de trocar esse fim por outro que não é mais sexual. Por essa razão, preferimos falar em psicossexualidade, colocando assim ênfase sobre o ponto de que o fator mental na vida sexual não deve ser desdenhado ou subestimado. Usamos a palavra ‘sexualidade’ no mesmo sentido compreensivo que aquele em que a língua alemã usa a palavra ‘amar’. (Freud, 1910/1996, p. 208–209).

Ainda em 1900, Freud, ao relacionar sonhos e doenças mentais, fala sobre uma reversão da personalidade que gera um distúrbio de caráter ou conduta perversa. Aponta a perversão como um estágio referente à fase em que as crianças são apresentadas ao sexo oposto e afirma, mais tarde, que há algum tempo estudava as perversões e procurava meios de estruturar a constituição da mesma.

Ao descrever o caso Dora, Freud (1905/1996) aponta a necessidade de que se aprenda a falar em perversão sem indignação quanto às transgressões da função sexual, seja na esfera do corpo, seja no objeto sexual. Ao exemplificar as relações homossexuais, Freud enfatiza que por mais inconcebível que pareça o amor sensual de um homem por outro, todos os seres humanos em algum momento passa a transgredir os estreitos limites do que se considera normal, as perversões não são degenerações no sentido que sugere essa palavra.

Para Freud (1905/1996), todos os neuróticos são pessoas com inclinações perversas acentuadas, mas que foram fortemente recalcadas e tornadas inconscientes no curso de seu desenvolvimento, “as neuroses são, por assim dizer, o negativo das perversões”. Freud (1905/1996, p. 157) fala sobre as necessidades sexuais no homem e no animal que

biologicamente expressam-se por meio da “pulsão sexual”, por pulsão, analogicamente é possível dizer “fome” já com relação à “sexual” e o termo científico análogo pode ser “libido”. Conforme o autor, os sintomas perversos, de modo algum:

> Surgem apenas à custa da chamada pulsão sexuais normais (pelo menos não de maneira exclusiva ou predominante), mas que representam a expressão convertida de pulsões que seriam designadas de perversas (no sentido mais lato) se pudessem expressar-se diretamente, sem desvio pela consciência, em propósitos da fantasia e em ações. (Freud, 1905/1996, p. 155)

Na opinião popular as representações dessa pulsão sexual estão bem definidas e representadas, acreditando que na infância está ausente, começaria a aparecer no processo de maturação da puberdade e seria exteriorizada por meio da atração que um sexo exerce sobre o outro objetivando a união sexual.

Entretanto, Freud (1905/1996) aponta que se for pensar no objeto sexual como a pessoa de quem provém a atração sexual e em alvo sexual a ação para a qual a pulsão é atraída, será possível observar um vasto número de desvios tanto em um, quanto em outro, ou seja, a relação destes com a norma supostamente definida não acontece da forma linear como é elencada. Há homens em que o objeto sexual não é a mulher, mas sim outro homem e há mulheres em que o objeto sexual não é o homem e sim outra mulher, esses homens e mulheres são vistos como sendo do sexo contrário ou invertidos, chegando então o termo inversão.

Nesta concepção freudiana é possível observar invertidos absolutos, quando o objeto sexual só pode ser do mesmo sexo, invertidos anfígenos, quando o objeto sexual pode ser de qualquer sexo, ficando de fora o caráter de exclusividade, é possível ainda observar os invertidos ocasionais, quando em certas condições externas há a inacessibilidade do objeto sexual normal ou imitação, então tomam como objeto sexual uma pessoa do mesmo sexo e

encontra satisfação com ela. O que Freud aponta no que tange à inversão como inata ou adquirida, há nela de inato:

> O vínculo da pulsão sexual com determinado objeto sexual. No outro caso (adquirido), cabe perguntar se as múltiplas influências acidentais bastariam para explicar a aquisição da inversão, sem necessidade de que algo no indivíduo fosse ao encontro delas. A negação deste último fator, segundo nossas colocações anteriores, é inadmissível (FREUD, 1905, p. 132).

Freud conclui que é impossível esclarecer satisfatoriamente a origem da inversão, entretanto, foi possível perceber a relação íntima entre pulsão sexual e objeto sexual. Nos casos considerados anormais há uma solda entre pulsão e objeto sexual, assim, a primeira independe do segundo.

A importância do conceito de pulsão para compreensão da perversão em Freud

Percebida a proximidade entre pulsão e perversão, é possível compreender a partir de Freud (1905/1996) que pulsão é o representante psíquico de uma fonte endossomática de estimulação que flui continuamente, é, portanto, um conceito de delimitação entre o físico e o anímico. A fonte da pulsão é um processo excitatório num órgão, e seu alvo imediato consiste na supressão desse estímulo orgânico. As investigações de Freud sobre as perversões permitiram averiguar que há uma série de pulsões parciais não primárias, já que foram decompostas.

A pulsão, de acordo com Freud (1914/1996), é uma espécie de energia psíquica que orienta os indivíduos para a ação para aliviá-los da tensão oriunda do acúmulo da energia pulsional, é um conceito colocado ao meio do que é somático e o que é psíquico. Assim, Freud (1914/1996) descreve a pulsão como um conceito fundamental em sua teoria psicanalítica. As pulsões são originadas de múltiplas fontes orgânicas e buscam atingir a satisfação, que geralmente está ligada ao prazer do órgão. É uma força constante que surge no

interior do organismo e atuam sobre a psique, elas podem ter diversas metas próximas ou intermediárias, que podem ser combinadas ou trocadas umas pelas outras. Elas também podem ser transformadas em angústia quando não são satisfeitas. As pulsões são descritas como capazes de agir vicariamente umas pelas outras e de trocar facilmente seus objetos.

A pulsão na primeira teoria do aparelho psíquico é, de acordo com Freud (1914/1996) uma exigência feita ao organismo para trabalhar em função de uma meta, sendo consideradas como uma das origens das excitações psíquicas com quatro aspectos principais: fonte que versa sobre a região somática do corpo de onde a pulsão se origina, impulso que é a magnitude da força ou da pressão da pulsão, objeto, que é o meio pelo qual a pulsão pode alcançar sua satisfação. Este objeto não é necessariamente fixo e pode variar, e, por fim, a meta que corresponde à satisfação da necessidade, geralmente através da remoção do estado de excitação na fonte da pulsão.

Freud (1914/1996) inicialmente categorizou as pulsões em pulsões do eu, que seriam autosservidoras e associadas à autopreservação, e pulsões sexuais, relacionadas à busca de prazer. No senso comum, acredita-se que a pulsão sexual está ausente na infância e só aparece na puberdade, o que, de acordo com Freud (1905/1996), é não só um erro, mas um equívoco de graves consequências, uma vez que tal afirmação não permite avançar no conhecimento sobre condições básicas da vida sexual. O termo pulsão/*trieb* surge na psicanálise freudiana pela primeira vez em 1895 no texto Projeto para uma psicologia científica. Agora, Freud (1895/1996) propõe a ideia de que a psique está exposta a excitações internas, que seriam os estímulos endógenos, encontrando nisso a *triebfeder* traduzida para o português como mola pulsional da psique.

Posteriormente, em 1905, nos Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, a partir de seus estudos acerca da perversão e inversão, Freud (1905/1996) observa que o objeto da pulsão sexual é contingente e que seus alvos são diversos, o autor acredita que surge a excitação

sexual, especificamente, nas zonas erógenas e a pulsão sexual é composta pelas várias *partialtriebe,* na tradução para o português, pulsões parciais, definidas por variadas fontes e distintos alvos, incluindo as pulsões oral, anal, fálica, pulsão de ver, pulsão sádica, entre outros destinos encontrados para essa força. Ainda em 1910, Freud acrescenta a seguinte nota:

> A diferença mais marcante entre a vida amorosa da antiguidade e a nossa decerto reside em que os antigos punham ênfase na própria pulsão sexual, ao passo que nós a colocamos no objeto. Os antigos celebravam a pulsão e se dispunham a enobrecer com ela até mesmo um objeto inferior, enquanto menosprezamos a atividade pulsional em si e só permitimos que seja desculpada pelos méritos do objeto (Freud, 1910/1996, p. 140).

Já em 1915 em Pulsões e destinos das pulsões, Freud (1915/1996) postula sua primeira teoria sistemática acerca das pulsões. A primeira tópica do aparelho psíquico é pensada em 1900 na parte II de Interpretação dos Sonhos e nos primeiros escritos acerca da perversão em 1905 nos Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. Neste ponto, Freud ainda não tinha uma teoria estruturada com relação às pulsões, o que não o impedia de tecer algumas observações acerca do funcionamento delas e sua importância para compreensão da perversão, como o seguinte:

> É um conceito situado na fronteira entre o mental e o somático, como o representante psíquico dos estímulos que se originam no organismo e alcançam a mente, como uma medida de exigência feita à mente no sentido de trabalhar em consequência de sua ligação com o corpo (Freud, 1915/1996, p. 142).

Freud (1915/1996) delimita a pulsão como um conceito que fazia fronteira entre psíquico e somático, o que não significava dizer que estava indefinido, pelo contrário, a definição se dá justamente a partir dessa compreensão, trata-se de uma estimulação que parte do somático a caminho do psíquico rompendo ou passando por essa fronteira. Assim se coloca o primeiro

conceito de pulsão, tendo como componentes a fonte, a pressão, o alvo e o objeto. A fonte/*quelle* caracteriza-se por ser um processo somático que originará a pulsão, a pressão/*drang* é a junção da exigência de trabalho, uma vez que essa força que vem do somático (fonte) atinge o aparelho psíquico exigindo dele um trabalho psíquico, ou seja, deverá encontrar uma forma de se livrar dessa pressão no corpo em busca de satisfação.

Já o alvo/*ziel*, é nas palavras de Freud "sempre a satisfação, que pode ser alcançada apenas pela supressão do estado de estimulação na fonte da pulsão. Mas embora esse alvo final permaneça imutável para a pulsão, diversos caminhos podem conduzir ao mesmo alvo" (1915/1996, p. 43). Assim, ainda que a pulsão tenha diversos alvos, próximos ou intermediários, eles podem alternar entre si a caminho da diminuição da tensão intrapsíquica, que se consegue somente parcialmente por meio do objeto, assim, o alvo é a suspensão da estimulação da fonte. O objeto caracteriza-se, de acordo com Freud (1915/1996):

> Como o qual ou pelo qual a pulsão pode alcançar seu alvo. É o que mais varia na pulsão, não estando originalmente ligado a ela, mas lhe sendo subordinado apenas devido à sua propriedade de tornar possível a satisfação. Não é necessariamente um objeto estranho, mas uma parte do próprio corpo. Pode ser mudado frequentemente, no decorrer das vicissitudes que a pulsão sofre ao longo da vida; esse deslocamento da pulsão desempenha papéis dos mais importantes. Pode ocorrer que o mesmo objeto se preste simultaneamente à satisfação de várias pulsões. Uma ligação particularmente estreita da pulsão ao objeto é qualificada de "fixação" do mesmo. Ela se efetua com frequência nos períodos iniciais do desenvolvimento pulsional. (p. 43)

Assim, o objeto é colocado como caminho para a pulsão atingir seu alvo, ou seja, nas palavras do autor "o objeto é coordenado à pulsão em consequência de sua aptidão à tornar possível a satisfação" (Freud, 1915/1996, p. 86). Existe como fim a *triebbefriedigung* na

tradução para o português: satisfação da pulsão, mesmo que parcial ou fantasiosa definida em Freud como a suspensão da estimulação somática.

A variabilidade e contingência dos objetos alvos das pulsões sexuais são importantes, por exemplo, para diferenciar demais conceitos freudianos que abordam instinto com uma ideia de objeto e alvo fixos e hereditários. O termo objeto, amplamente mencionado por Freud (1915/1996) tem caráter ambíguo se pensarmos nele como podendo ser tanto objeto externo quanto parte do próprio corpo, contudo, é utilizado também para representar psiquicamente o objeto, seja externo, seja inerente ao corpo e até mesmo as fantasias psiquicamente criadas.

O objeto é o que a pulsão tem de mais variável, ou seja, não existe objeto adequado, capaz de satisfazer completamente a pulsão. Freud (1915/1996) fala em representação do objeto, ou seja, é uma representação psíquica que o sujeito faz sobre o objeto, seja ele externo ou uma parte do próprio corpo. Isso é importante, pois, uma vez que não há objeto adequado, o sujeito pode tirar uma cota de satisfação de qualquer objeto, assim como acontece na perversão.

Freud (1915/1996) não falava sobre pulsão no singular, definia pulsões dividindo-as em dois grupos, colocando de um lado as de autoconservação e, do outro, as sexuais. Com relação a esse segundo grupo, sabe-se que as pulsões sexuais são numerosas, o autor defende que suas origens são orgânicas e diversas, atuando de maneira independente umas das outras, tendo como alvo o *organlust* que é, na tradução, o prazer do órgão. Essas pulsões sexuais encontram apoio nas pulsões de autoconservação, que, de acordo com Freud (1915/1996), seguem à procura de um objeto e de satisfação.

Nas palavras de Freud, “uma parte das pulsões sexuais permanece ligada às pulsões de autoconservação nos caminhos indicados por elas” (Freud, 1915/1996, p. 89). Assim, o ato de comer, por exemplo, indica, dentro dessa perspectiva freudiana, uma pulsão de

autoconservação que é a pulsão alimentar, seu alvo consiste na ingestão de alimentos e a pulsão sexual institui como alvo a zona erógena oral.

As pulsões de autoconservação são também chamadas pulsões do eu, o eu nesse ponto não como instância do aparelho psíquico, mas como uma representação da própria pessoa, tal compreensão é demonstrada no momento em que Freud (1915/1996) utiliza expressões como *Selbsterhaltungstriebe* que significa pulsões de autoconservação e *Ichtriebe* que significa pulsões do eu. Assim, as pulsões do eu visam a conservação de si e não apenas a reprodução, enquanto as pulsões sexuais, embora não tenham como único objetivo a reprodução, estão ligadas a conservação da espécie, ficando aí a diferenciação entre pulsões do eu e investimento libidinal do eu, as primeiras levam a um investimento do objeto e a segunda refere-se ao investimento da própria pessoa.

Assim, é válido ressaltar que as pulsões se destinam também a impulsos sádicos, como coloca Freud (1905/1996), desde os Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, o sadismo como uma pulsão parcial sexual, chegando a dizer que a fonte dessa pulsão estaria no aparelho muscular. Contudo, em 1915 Freud afirma que é na necessidade de dominar e de humilhar que consiste o alvo da pulsão sexual, sendo assim uma pulsão de domínio (Freud, 1915/1996). O caráter de sentir ou infligir dor só é colocado a partir da inclusão do masoquismo como parte do sadismo pela via da identificação objetal.

Ainda em 1905, Freud considerava a dor como fonte da excitação sexual, o que não estava claro era se a pulsão de domínio, nessa forma pura ausente da necessidade de infligir dor, deveria estar no campo das pulsões sexuais ou não, o que o autor chega a dizer em nota é que suas fontes são independentes da sexualidade. Neste sentido, as pulsões agressivas, de acordo com Freud (1915/1996), podem também ser colocadas como pulsão de autoconservação, ainda que fundidas às pulsões sexuais.

No que tange a essa agressividade, Freud aborda também a questão do ódio relativa às pulsões “De fato, pode-se afirmar que os verdadeiros protótipos da relação de ódio derivam não da vida sexual, mas da luta do eu por sua conservação” assim “se o objeto for fonte de sentimentos de desprazer, haverá uma tendência a aumentar a distância entre ele e o eu” Freud (1915/1996, p. 99–100). Nesta concepção Freudiana, a força contrapõe o desejo, evidenciando então uma busca por afastamento e desinvestimento do objeto, por este ser hostil agora, surge então a repulsa e o ódio destinados ao objeto.

Assim, o ódio seria uma expressão do desprazer provocado pelos objetos, de acordo com Freud (1915/1996), o que o torna íntimo na relação com as pulsões de conservação do eu, evidenciando que os contrapontos colocados na associação entre amor e ódio corresponde a antítese existente entre as pulsões do eu e as pulsões sexuais. As repulsas colocadas então próximas das pulsões de autoconservação e possibilitam a utilização do termo pulsão em um sentido mais amplo, pois no sentido restrito da teoria inicial freudiana (Freud, 1895/1996), ela só poderia resultar em desejo, de forma alguma em repulsa (Freud, 1900/1996).

A agressividade está então como uma expressão da pulsão e tem sua fonte de pulsão oriunda do aparelho muscular, seu objetivo é investir a representação do objeto a caminho de sua aproximação com o eu, seu fim consistirá na realização de seu alvo agressivo ou de domínio, seja na realidade, seja na fantasia. Já o correspondente da repulsa seria o desinvestimento do objeto, inviabilizando enxergá-la como uma pulsão no sentido inicial da teoria das pulsões.

Neste sentido, surge na teoria freudiana um segundo conceito de pulsão, a partir de 1920, que fará mais sentido neste trabalho a partir do capítulo 03, quando serão abordadas as perversões na segunda teoria freudiana acerca do funcionamento psíquico, também a partir de 1920, assim como a segunda teoria sobre das pulsões. Essa nova teoria não rejeita ou

abandona por completo a teoria proposta por Freud até 1920, apenas alguns pontos como, por exemplo, a questão das pulsões agressivas passam por uma transformação.

Em Além do Princípio do prazer, no pensamento freudiano (1920/1996), as pulsões de vida e de morte são percebidas como princípios gerais que regem o funcionamento da vida psíquica e orgânica, seja nos animais, nas plantas e até nos organismos celulares. A pulsão de vida se manifesta na formação de unidades maiores visando unir e aproximar todas as partes dos seres vivos, enquanto a pulsão de morte tende a separar e destruir essas partes, levando inclusive a um estado inorgânico.

Aqui Freud (1920/1996) apresenta um conceito de pulsão mais amplo, não é mais somente uma exigência de trabalho feita pela soma ao aparelho psíquico, mas também duas tendências que se aplicam a tudo o que há com vida. Nesta segunda teorização, Freud (1920/1996) não deixa mais tanto espaço para o questionamento de onde está a fonte da pulsão, seja ela de vida ou de morte, onde a exigência de trabalho era feita ao aparelho psíquico pelas forças oriundas do interior do corpo. Neste sentido, não se aplica pulsão de morte que é uma tendência da vida orgânica ou a função de vida como uma tendência a unificação, ambas da segunda concepção freudiana de pulsão (Freud, 1920/1996).

Freud apresenta uma sequência de raciocínio que é por vezes no mesmo ano, refutada por ele mesmo. O autor parte da ideia de que há nas pulsões uma compulsão à repetição e toda pulsão seria uma tendência ao retorno a um estado anterior, e, por estado anterior, Freud compreendia o inorgânico, então, as pulsões buscam retornar a esse estado. Neste sentido, as próprias pulsões de autoconservação que, à primeira vista, pareciam opor-se a esse estado inorgânico ou de morte, seriam pulsões parciais que objetivavam garantir ao organismo que chegasse à morte.

Assim, antes que se possa dizer que, com base nessa explicação, toda pulsão é de morte, Freud (1920/1996) convida a pensar que as pulsões sexuais não se encaixam nessa

concepção, propõe então uma dualidade entre as pulsões sexuais que buscavam a vida e as pulsões que objetivavam a morte, colocando a autoconservação lado a lado e, no mesmo curso, das pulsões de morte.

Entretanto, o autor levanta outro ponto, incluindo as pulsões de autoconservação no grupo das pulsões de vida. *Eros* afirma que a pulsão de morte se diferencia por ser silenciosa, apresentando-se internamente. Uma possível manifestação dela seria a pulsão destrutiva, que, a destruição do outro, implicaria ou representaria a busca pela própria morte.

Freud (1938/1996) não deixa de articular sua primeira teoria com a segunda acerca das pulsões, a ideia geral da pulsão como exigência de trabalho, a partir de fontes somáticas, provocando uma pressão que busca descarga, envolvendo objetos na busca pela satisfação e originando o desejo que se mantém. As pulsões orgânicas operam então compostas pelas forças pulsionais *Eros* e de destruição "Em proporções variadas, e diferenciadas entre si por suas relações com órgãos ou sistemas de órgãos. A única aspiração dessas pulsões é pela satisfação, que é esperada de alterações específicas nos órgãos, com a ajuda de objetos do mundo externo." (Freud, 1938/1996, p. 128).

O termo pulsão fica então a serviço da primeira teoria e a expressão forças originárias para referir à segunda. É possível compreender, mesmo com alguns contrapontos colocados pelo autor, que há sempre certa relação entre as pulsões de vida e de morte. Assim compreende-se também que não é possível dessexualizar a pulsão de vida, essa pulsão erótica pode ser inibida e sublimada, elegendo objetos a partir da sublimação que não tenham relação direta com a sexualidade.

Ao compreender as teorias de Freud sobre as pulsões, é importante dizer que a maneira como as pulsões são vividas pelos sujeitos irá destiná-los para diferentes estruturas clínicas: neurose, psicose e perversão. A pulsão sexual em sua forma na compreensão do normal seria vista como uma conquista, conforme aponta Freud:

> Se de fato uma criança tem vida sexual, esta não pode ser senão uma vida sexual de tipo pervertido; pois, exceto quanto a alguns detalhes obscuros, as crianças são desprovidas daquilo que transforma a sexualidade em função reprodutiva. Por outro lado, o abandono da função reprodutiva é o aspecto comum de todas as perversões. Realmente consideramos pervertida uma atividade sexual, quando foi abandonado o objetivo da reprodução e permanece a obtenção de prazer, como objetivo independente. Portanto, conforme poderão ver, a brecha e o ponto crítico da evolução da vida sexual situam-se no fato de esta permanecer subordinada aos propósitos da reprodução. Tudo o que acontece antes dessa mudança de rumo, e igualmente tudo o que a despreza, e que visa somente a obter prazer, recebe o nome pouco lisonjeiro de 'pervertido', e como tal é proscrito (Freud, 1917/1996, p. 321).

Na perversão há uma busca irrefreável pela satisfação da pulsão sexual e essa busca se manifesta semelhante às manifestações da infância, que como Freud pontua, a sexualidade na criança é perversa polimorfa, uma vez que a vergonha e a moral ainda não foram estabelecidas ou estão em processo de construção, podendo manifestar todas as transgressões possíveis. Freud (1905/1996) discute a ideia de que as crianças têm uma predisposição para comportamentos sexuais diversos e transgressivos, especialmente quando estão sujeitas à sedução ou influência sexual precoce.

O autor sugere que a capacidade da criança de se envolver em tais comportamentos mostra que ela tem uma inclinação para eles, pois ainda não desenvolveu totalmente as barreiras psicológicas contra tais impulsos, como vergonha, asco e moralidade, que estão em processo de formação durante o desenvolvimento. Essa disposição polimorfa é também observada na estrutura clínica da perversão.

Assim, convida os estudiosos em uma conferência de 1917 a admitir a existência da sexualidade infantil para ser possível uma compreensão acerca das neuroses:

> Supor que as crianças não tenham vida sexual — excitação e necessidades sexuais e alguma forma de satisfação —, mas adquirem-na subitamente, entre os doze e os quatorze anos, seria (abstraindo de todas as observações) biologicamente tão improvável, e, na verdade, tão sem sentido, como supor que viessem ao mundo desprovidas de genitais e que estes só aparecem na época da puberdade. O que de fato desperta nas crianças, nessa idade, é a função reprodutiva, que, para seus fins, recorre aos componentes físicos e mentais já anteriormente presentes. Os senhores estão cometendo o erro de confundir sexualidade com reprodução, e com isto estão bloqueando seu caminho para a compreensão da sexualidade, das perversões e das neuroses (Freud, 1917/1996, p. 316–317).

Na perversão, o sujeito é marcado pela experiência auto erótica sucedido pela parcialidade das pulsões, cujos objetos dirigem-se sempre à satisfação, em sua maioria, incompleta. Assim, sua vida sexual aponta para a persistência da polimorfia infantil, é aí que falham as estratégias de normalização psíquicas e sociais que buscam normalizar ou agenciar as inúmeras manifestações perversas.

Freud (1908/1976) afirma que é impossível homogeneizar a conduta sexual dos indivíduos, afirma que a pulsão sexual tinha como objetivo primeiramente o prazer, e, somente a *posteriori* inseriu nessa organização a reprodução como fim também. Assim, como fruto dessa tentativa social e cultural de normalizar os sujeitos, tem-se na estrutura neurótica, um sofrimento exacerbado pela tentativa de corresponder a esse ideal normativo.

Já na perversão a sexualidade assume o sentido do *Eros* platônico. Assim, o mecanismo de idealização, ao invés de se colocar sobre o objeto, incide sobre a própria pulsão. As pulsões sexuais então não se formam como um dado simples, mas sim por diversos componentes que, no quadro das perversões, se dissociam. Se, como coloca Freud (1915/1996), a pulsão é primordial e o objeto é secundário, essa questão na perversão é

evidenciada pela troca do objeto, como, por exemplo, no fetiche, ou ainda, pela parcialização da pulsão.

Na perversão, há uma idealização da pulsão tornando inválida a ideia de satisfação imediata da pulsão, assim, ela é originalmente compreendida como um desvio da pulsão em relação à meta ou objeto. Assim, as perversões são apontadas por Freud como resultado de uma regressão e fixação em certa fase do desenvolvimento libidinal e se caracterizam pela prevalência de pulsões parciais específicas.

O complexo de Édipo e o fetiche como caminhos para a perversão

O complexo de Édipo é um conceito fundamental na teoria psicanalítica de Freud, é usado para descrever um estágio no desenvolvimento psicossexual das crianças, geralmente entre as idades de três e cinco anos, durante o qual, segundo Freud, as crianças manifestam um desejo inconsciente por seu progenitor do sexo oposto e hostilidade em relação ao progenitor do mesmo sexo. O termo é derivado da tragédia grega de Sófocles, "Édipo Rei", na qual o protagonista, Édipo, mata seu pai e se casa com sua mãe sem saber que eles são seus verdadeiros pais, ele está em torno de fantasias infantis que se movimentam na busca por completude.

Essa fantasia de completude no complexo de Édipo refere-se ao desejo inconsciente da criança de se sentir completo e inteiro através da fusão a mãe. No caso dos meninos, essa fantasia pode se manifestar como o desejo de se identificar com o pai e possuir a mãe como uma forma de preencher uma sensação de falta ou incompletude. Por outro lado, as meninas podem fantasiar substituir a mãe e receber o amor exclusivo do pai como uma forma de alcançar uma sensação de totalidade e satisfação.

Essa fantasia está intimamente ligada aos desejos e conflitos edípicos da criança, onde ela busca preencher suas necessidades através da relação com a mãe. Na fantasia de completude, a criança busca preencher um sentimento de vazio ou falta, a criança imagina

que a fonte dessa completude perdida está nos pais, em particular no progenitor do sexo oposto.

Portanto, no Complexo de Édipo, o menino deseja a mãe como um objeto de amor e a rivaliza com o pai, enquanto a menina deseja o pai e rivaliza com a mãe. Essa dinâmica é complicada pela presença do outro progenitor como uma figura rival. O pai, por exemplo, é visto como um obstáculo pelo menino na sua busca por completude através da mãe. Da mesma forma, a mãe é vista como uma ameaça pela menina na sua busca por completude através do pai.

Para Freud, o complexo de Édipo desempenha um papel crucial na organização das estruturas psíquicas, especialmente na formação da consciência, que é responsável pela incorporação das normas sociais e morais. Freud (1913/1996) relaciona o complexo de Édipo com o desenvolvimento da civilização e da religião. O autor defende que o sucesso ou fracasso na resolução do complexo de Édipo acarreta em impactos duradouros no desenvolvimento psicológico do sujeito.

Tipicamente, o complexo de Édipo é bem sucedido quando a criança reconhece a impossibilidade de possuir o progenitor do sexo oposto devido à presença e autoridade do progenitor do mesmo sexo e gradualmente se identifica com este último. Esse processo de identificação ajuda a internalizar as normas sociais e morais, direcionando seus desejos para objetos socialmente aceitáveis fora do seio familiar.

A psicanálise divide o complexo de Édipo em três fases distintas que moldam a estrutura conforme a criança as experimenta e supera. A primeira fase do Édipo constitui-se em torno da relação mãe-filho, é extremamente próxima e exclusiva, onde a mãe posiciona o filho como centro de sua atenção, tratando-o como se fosse o “falo”, o filho é alçado à condição daquilo que tornaria a mãe completa, ou seja, o filho é tudo para a mãe. Quem tem tudo não deseja mais nada, não tem lugar para mais nada.

Neste estágio, a criança se vê como indistinta da mãe, formando uma unidade simbiótica com ela. Se o indivíduo não transcender essa fase, pode desenvolver uma estrutura psicótica, caracterizada por dificuldades em distinguir entre si mesmo e o outro, bem como entre a realidade interna e externa.

A segunda fase é marcada pela introdução da figura paterna ou de uma autoridade parental que impõe limites, representando a castração simbólica. Este é um momento crucial, no qual o pai (ou seu substituto) interfere na dualidade mãe-filho, ensina a criança sobre as regras e limites sociais estabelecendo a existência de uma ordem externa que deve ser respeitada. Se o sujeito falha em internalizar esses limites e permanece fixado nesta fase, pode desenvolver uma estrutura perversa, frequentemente associada à transgressão das normas e ao desafio à autoridade.

A última fase envolve a formação da consciência, que acontece depois que a criança internaliza os limites impostos e recalca seus sentimentos iniciais de desejo pela mãe e rivalidade com o pai. A criança começa a assimilar as normas e valores sociais mais amplos, guiando-se por esses princípios durante a fase da latência e além. O investimento emocional e libidinal da criança é então deslocado das figuras parentais para relações sociais mais amplas. Aqueles que conseguem passar por todas essas fases de forma saudável desenvolvem uma estrutura neurótica.

Assim, a dissolução através desses três tempos do Édipo é crucial para a estruturação psíquica, com cada fase trazendo desafios e transições que moldam a personalidade e a capacidade do indivíduo de se relacionar com os outros e com a sociedade.

A formação da estrutura perversa está intrinsecamente ligada à maneira como o indivíduo passa pela segunda fase do complexo de Édipo, o tempo da castração. Nesta fase, a figura paterna ou outra autoridade parental intervém para romper a relação simbiótica exclusiva entre a mãe e a criança, introduzindo limites. Esse é um momento crítico no

desenvolvimento psíquico, pois é quando a criança aprende sobre as regras, limites e a existência de um mundo além da relação dual com a mãe.

Esse processo de formação da estrutura perversa, pode ocorrer com a falha na maneira como a autoridade paterna (ou seu substituto) intervém. Pode ser que a imposição de limites não seja clara, consistente ou forte o suficiente. Pode ocorrer também pelo mecanismo de defesa do desmentido, que a criança encontra como uma forma de se desviar da castração, falhando em aceitar a perda representada pela castração (ou seja, a perda do ser todo-poderoso e não limitado). Em vez de reconhecer e aceitar os limites e a perda (de poder absoluto de possuir a mãe como objeto de amor exclusivo), o indivíduo perverso recusa essa perda, negando a validade da Lei paterna.

Assim, a estrutura perversa é frequentemente caracterizada pelo desafio ativo do sujeito em relação às normas e limites. Isso pode ser visto como uma tentativa de provar que a Lei não se aplica a ele, manifestando esse desafio através de atos que transgredem os tabus e limites sociais, explorando os limites do que é socialmente aceitável. Outra característica da perversão é o uso controverso da Lei. Enquanto na neurose, a Lei é internalizada e torna-se parte da consciência, na perversão, a Lei é reconhecida, mas manipulada para satisfazer os desejos pessoais. A Lei é, portanto, tanto afirmada quanto negada, afirmada na superfície, mas negada em sua aplicação essencial.

A estrutura perversa, portanto, representa uma maneira particular de lidar com a angústia da castração e com os desafios do desenvolvimento psíquico, especialmente em relação à autoridade e aos limites. É uma estratégia de desmentir e transgredir, onde a Lei é simultaneamente reconhecida e subvertida. No caso da perversão, Freud (1913/1996) aponta que ocorreu uma falha na negociação e resolução do complexo de Édipo, de modo que a proibição do incesto e outras normas morais não são completamente internalizadas ou são rejeitadas.

Isso pode acontecer de várias formas, por meio de uma identificação fracassada, se a criança falha em se identificar adequadamente com o progenitor do mesmo sexo, isso pode resultar em uma fraca formação da consciência. Nesse fracasso, as restrições morais e éticas que normalmente controlam os impulsos sexuais e agressivos são insuficientes, por meio de uma fixação, em que o sujeito pode permanecer parcial ou totalmente fixado em um estágio do desenvolvimento libidinal do complexo de Édipo.

Uma fixação no desejo pelo progenitor do sexo oposto pode levar a uma busca incessante por substitutos que representem esse progenitor, violando normas sociais, através da regressão, em que o sujeito retorna a um estágio em que as estratégias perversas foram utilizadas como defesas primárias. Isso pode incluir a negação da castração (a aceitação simbólica das limitações impostas pelas figuras de autoridade e pela realidade). Na perversão, a dinâmica edípica é mal resolvida de tal maneira que o indivíduo continua a buscar gratificação de maneira que desafiam as normas tabus, frequentemente recorrendo à sexualidade de maneira que transgrida os limites socialmente aceitos.

Isso está muitas vezes associado ao que Freud (1913/1996) chamou de desmentido, a recusa em aceitar limites impostos pelo outro e pela sociedade. Em resumo, enquanto a resolução adequada do complexo de Édipo conduz à internalização de restrições sociais e ao desenvolvimento de relacionamentos maduros, uma dissolução falha ou atípica pode estabelecer um terreno para o desenvolvimento de traços ou de uma estrutura perversa, negando ou desmentindo essas restrições.

A perversão, portanto, é caracterizada por uma relação complexa e multifacetada entre pulsão e objeto, onde a pulsão sexual busca satisfação através de meios que transgredem ou complicam as normas socialmente aceitas da sexualidade. A natureza do objeto sexual na perversão desafia as normas e frequentemente envolve uma negociação delicada entre desejo e a lei.

Os casos em que a pulsão e o objeto sexual se fundem são considerados socialmente inaceitos, a primeira independe do segundo. Com caráter de aberração têm-se o exemplo de quando o objeto sexual é exclusivamente uma criança, ou o ato de ter relação sexual com animais, onde a atração parece ultrapassar as barreiras da espécie. Nestes exemplos a estética social atribui as graves aberrações descritas da pulsão sexual como pertencentes a loucura, entretanto, Freud (1905/1996) afirma que "A experiência ensina que não se observam entre os loucos quaisquer perturbações da pulsão sexual diferentes das encontradas entre os sadios, bem como em raças e classes inteiras." (p. 139).

De acordo com Freud (1905/1996), o alvo sexual considerado normal configura-se como a união dos genitais no coito que leva a uma descarga na tensão sexual e à extinção temporária da pulsão sexual, ou seja, uma satisfação semelhante à saciedade da fome. O autor afirma que mesmo nos processos sexuais mais normais são observadas características daquilo que seria facilmente descrito como perversão, como, por exemplo, um beijo na boca, um toque de mãos no corpo e tudo aquilo que funciona como intermediário para obtenção de prazer a caminho do coito.

Para Freud (1905/1996), esses fatores permitem a ligação entre as perversões e à vida sexual normal, perversões essas que podem ser compreendidas tanto como transgressões anatômicas ligadas às regiões do corpo que destinam à união sexual quanto a demoras nas relações intermediárias com o objeto sexual, que na conceituação normal, seriam atravessadas com rapidez a caminho do alvo sexual final.

O uso da boca é considerado perversão quando os lábios entram em contato com a genitália de outra pessoa, mas não quando entram em contato com a mucosa labial. A exceção observada está no ponto de ligação com o normal. De acordo com Freud (1905/1996) quando o objeto sexual normal é substituído por outro totalmente impróprio para servir como alvo sexual normal tem-se o fetichismo, que se caracteriza pela regressão e pela

fixação exclusiva em um objeto da sexualidade pré-genital, o substituto comumente é uma parte do corpo como o pé, cabelo ou um objeto da pessoa a quem substitui, como roupa, peça íntima.

Freud (1905/1996) aponta que mesmo nos comportamentos fetichistas há certa ligação com o que é socialmente aceito, proporcionado pela supervalorização do objeto sexual, que se propaga por tudo o que está ligado ao objeto, neste caso, certo grau do fetichismo costuma ser próprio do amor da constituição social. Assim, só é percebido como atípico quando o anseio pelo fetiche se fixa colocando-se no lugar do alvo sexual socialmente aceito, se desprendendo de determinada pessoa tornando-se único objeto sexual. O prazer em ver transforma-se em perversão quando, em vez de ser transitório, torna-se o alvo sexual, sendo o caso dos exibicionistas.

Na definição oferecida por Freud nesse momento da sua teoria, o fetiche ocorre quando o objeto sexual normal é substituído por outro que, apesar de manter alguma relação com ele, apresenta-se como absolutamente inadequado para servir ao fim sexual normal (Freud, 1905/1996) e afirma ainda que existem algumas formas para sua ocorrência, sendo que uma delas versa sobre a condição de abandonar totalmente o objeto sexual considerado normal em favor do objeto substituto e então o objeto passa a atuar de modo que o objetivo sexual seja alcançado. Neste sentido, Freud (1905/1996) diz haver certo grau de fetichismo mesmo nas manifestações de amor mais normais.

A advertência de Freud para diferenciar o normal do patológico é que no patológico o anseio passa pelo fetiche, vai além de uma condição necessária ligada ao objeto e assume o lugar do objetivo normal, ou ainda, quando se desliga totalmente do indivíduo, se transformando no único objeto sexual. Neste momento da obra freudiana, o objetivo sexual normal era, como pontuado acima, a união dos órgãos genitais que conduzem ao alívio da tensão sexual e à reprodução.

O autor descrevia as práticas sexuais de sua época, então é válido ressaltar que havia muito de uma visão machista e patriarcal dentro dessas descrições. O normal da relação sexual referia-se a relação genital heterossexual com vistas à reprodução, o que não considerava o prazer feminino. A mulher não precisa gozar, para reproduzir basta que o homem ejacule dentro da vagina da mulher.

Em sua apropriação na psicanálise, o termo fetiche refere-se, como vimos, a algo que é colocado no lugar do objeto sexual e o objeto é o que a pulsão tem de mais variável. Tanto as neuroses quanto as perversões passam pelo processo de complexo de Édipo, uma vez que ele é o caminho para o desenvolvimento. Diante da indesejável percepção da ausência do pênis, a criança elege um objeto substituto, como uma conciliação com ajuda do deslocamento. Essa criação de fetiche acontece para destruir a possibilidade de castração, de modo que o temor desta seja evitado.

Neste sentido, a perversão é apresentada por Freud (1905/1996) nos Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, como aberrações sexuais vistas como um desvio do objeto da pulsão sexual, objeto este entendido aqui como aquele que se coloca entre o desejo e a meta sexual, tanto como algo transitório, quanto como um desvio relativo ao seu fim, ou seja, ponto final e não transitório como o objeto. Ainda que no primeiro momento Freud (1905/1996) descreva a perversão como desvios relativos ao objeto e ao fim da pulsão sexual, ele começa a estruturar que, na verdade, mesmo nos processos sexuais mais “normais” são observados desvios que poderiam facilmente ser descritas como perversão, uma vez que o objeto das pulsões é particular.

Neste sentido, a perversão não pode mais ser inscrita apenas como um desvio em relação à norma, ela está, além disso, uma vez que se inscreve na própria norma. É somente retomando o processo de desenvolvimento sexual infantil que se torna possível compreender como se dá a instalação da perversão. Nesse momento da vida as pulsões sexuais são, na

verdade, pulsões parciais, já que todas elas pairam em um desvio quanto ao objeto da pulsão, descritas como as fases: oral, sucção, anal, retenção/expulsão, fálico e masturbação, todos vistos como desvios a caminho da satisfação libidinal, como uma sexualidade polimorfa.

Assim, “a extraordinária difusão das perversões força-nos a supor que tampouco a predisposição às perversões é uma particularidade rara, mas deve, antes, fazer parte da constituição que passa por normal” (Freud, 1905/1996, p. 162). Neste momento o autor discute se as predisposições comumente observadas na perversão são realmente tão incomuns quanto geralmente se fala.

Freud (1905/1996) sugere que, em vez de apontar as perversões como desvios extremos da norma, deve-se considerá-las como parte integrante da constituição humana. Para o autor, a sexualidade humana é complexa e multifacetada, e as perversões são simplesmente variações dessa sexualidade. Ele argumenta que, em algum nível, todos os sujeitos têm impulsos e desejos que podem ser considerados "perversos" pela sociedade em determinado momento ou contexto.

Essa afirmação de Freud (1905/1996) desafia as concepções convencionais de normalidade e sugere uma visão mais ampla e inclusiva da sexualidade. Ele está essencialmente argumentando que a diversidade de comportamentos sexuais é uma característica inerente à condição humana. Portanto, ao invés de serem exceções à norma, as perversões seriam expressões comuns da sexualidade humana.

Freud (1905/1996) apresenta inicialmente esses componentes da sexualidade como parciais e autônomos, que depois passam por um momento de latência, reaparecendo na puberdade em torno da zona genital, o qual são os órgãos sexuais em si. Dito isto, compreende-se que a sexualidade infantil caracteriza-se como perversa por impor seu desejo a objetos e fins outros, que não a finalidade sexual vista, mais tarde, como normal.

Já no sujeito adulto, essa perversão poderá ser compreendida enquanto apresenta os componentes parciais da sexualidade infantil, quer dizer, não foram organizados no período da puberdade e reapareceram agora regredindo a fase anterior a genital, sob a característica de fixação, não mais como tendências perversas apresentadas como pulsões parciais que pairam sob a forma de prazer em preliminares, por exemplo, mas como substituição total do método de obtenção de prazer.

Já em 1915, Freud entende o objeto de satisfação das pulsões como flexível/variável, uma vez que fica a cargo da história de vida do sujeito. Os objetos de desejo e prazer não são fixos, podem mudar ao longo do tempo, influenciados pelas experiências e história de vida de uma pessoa. No contexto da flexibilidade do objeto de satisfação das pulsões, a perversão pode surgir quando essa flexibilidade se manifesta de maneira extrema ou fora dos limites aceitos culturalmente.

Assim, a perversão ocorre quando a flexibilidade do objeto de satisfação das pulsões se desvia de maneira significativa e problemática das normas sociais e dos padrões considerados saudáveis. Freud (1915/1996) identifica, então, alguns modos de destino das pulsões, como o recalcamento, retorno sobre o sujeito, sublimação e reversão no oposto.

O recalcamento caracteriza-se como uma operação inconsciente, está na gênese da neurose e surge a partir da operação de negação praticada pelo juízo do eu, o sujeito trabalha para colocar o conteúdo fora da consciência e consegue por meio do recalque, que sofre retorno mais tarde através dos sonhos e sintomas, por exemplo.

A sublimação seria a transformação da libido como elemento dessa pulsão em algo socialmente requerido, aceitável e produtivo. Já a reversão no oposto, Freud (1915/1996) descreve como mudança de estado para passividade e reversão de seu conteúdo (sadismo-masoquismo e voyeurismo-exibicionismo). Até este ponto o que Freud (1915/1996) apresenta é a perversão como negativo das neuroses, a neurose comporta os mesmos elementos

pulsionais que a perversão. O que uma esconde a outra mostra, assim, ambas possuem as mesmas inclinações pulsionais, entendendo que atualizam formas de satisfação sexual recusadas via recalque pelas neuroses.

É válido ressaltar que ainda que recusadas, essas formas de satisfação permanecem presentes na neurose por meio do sintoma, e que, ao contrário da sexualidade apreendida nos neuróticos, a sexualidade perversa é vista como sem limites, uma vez que se caracteriza como um desvio.

A perversão é apontada nesta obra como o desmentido da realidade da castração. O desmentido é entendido como uma dupla negação de algo que era tão insuportável de ser admitido que foi negado duas vezes, o exemplo trazido por Freud (1915/1996) é quando a criança vê os genitais da mãe e ao invés de perceber e aceitar a ausência nessa mãe, ela a desloca substituindo por um objeto, é o véu que antecede o encontro com essa falta, ficando a cargo então do fetiche/perversão. Há algo na realidade que o sujeito percebe, mas renega, é insuportável a castração.

A princípio, Freud fala em ausência do pênis partindo da ideia de que as crianças pequenas têm a fantasia de que todas as pessoas homens e mulheres têm pênis. Mas é possível compreender também que a criança não suporta a ideia de que ela não seja tudo para a mãe, ou seja, a ideia de que a mãe, por ser castrada, deseja algo além da criança. Isso quer dizer que a criança não suporta a realidade de que a mãe é castrada, pois isso implica que a criança também não é ou não tem tudo o que a mãe poderia desejar a criança também é faltosa. É toda essa operação de castração que a *verleugnung* busca desmentir.

A clivagem do eu seria um mecanismo de defesa do eu, é o processo de separação do eu, fragmentando-o em partes. Nesse mecanismo o eu deixa de ser uma coisa só e passa a separar de si, compreendendo-o como mais de um, separando-o e dividindo, agora não há apenas um,

mas dois, em parte dele fica o que considera bom e na outra fica o que considera mal, lidando com essa parte agora como se não fosse o eu, mas outro.

Freud aponta que o desmentido não surge inicialmente pelo estudo das perversões, mas em contraponto a falta do pênis na menina, a não aceitação dessa inexistência do falo, que abre agora espaço para teorizações sobre a sexualidade infantil, é então a renegação um mecanismo de defesa posto sobre a não aceitação da castração que foi uma realidade percebida diante da ausência do falo, constituindo-se como o processo de organização da perversão.

O fetiche, como veremos no capítulo 3 deste estudo, se apresenta nesse caminho como formação de compromisso com o conflito da percepção da ausência do falo. O fetiche se coloca então como objeto substituto para tal, evidenciando que duas representações psíquicas, supostamente opostas, coexistem no aparelho psíquico. Tal compreensão abre espaço para a defesa de Freud (1915/1996) sobre a clivagem do eu posta no fetichista e no perverso. Neste sentido, o fetiche guarda uma dupla vertente do inconsciente, a partir da clivagem do eu, ele recusa e afirma a castração como correntes autônomas e contínuas.

É desta forma que a obra de Freud (1915/1996) o permite caminhar para outro momento de descrição do aparelho psíquico, escrevendo que o que expôs até o momento passa a ideia de que o sujeito consegue, na perversão, manter a contradição que paira em saber algo da castração ao mesmo passo que nada quer saber dela. Assim, as perversões nos levam não apenas às teorias sexuais infantis, mas também à noção de diferença entre os sexos, fazendo com que a perversão seja conduzida por uma questão com a sexualidade por meio da identificação perversa e fixação fálica.

A perversão como conceito a partir da pulsão e do fetiche

Freud (1905/1996) aponta que mesmo que alguns médicos tenham inicialmente escrito sobre perversão como degeneração ou doença é fácil descartar tal conceituação, uma vez que

a experiência cotidiana mostra que mesmo nas pessoas sadias não falta algo do alvo sexual a que se possa chamar de perversão, essa universalidade torna imprópria a utilização pejorativa da palavra perversão.

De acordo com Freud (1905/1996), algumas características perversas afastam-se tanto do que era considerado normal naquela época que chegam a ser declaradas patológicas, a exemplo dos casos em que a pulsão sexual conduz a ações que superam vergonha, horror e dor, como lamber excrementos e abusar de cadáveres. Entretanto, nem mesmo nesses casos é possível afirmar que seus autores são pessoas com transtornos ou doenças mentais graves.

É possível encontrar no caráter essencial da perversão características de exclusividade ou fixação. Assim, dentre as mais frequentes formas de perversão está o ato de infligir dor ao objeto sexual, atos estes que, de acordo com Freud (1905/1996), aparecem em forma de ativos e passivos, denominadas por Krafft-Ebing (1886/2001) como sadismo e masoquismo que seria a obtenção de prazer por qualquer forma de sujeição.

Freud (1905/1996) aponta que o conceito de sadismo oscila desde uma atitude meramente ativa ou mesmo violenta com o objeto sexual até uma satisfação exclusivamente condicionada pela sujeição e maus-tratos a ele infligidos, é esse sentido estrito e extremo que recebe o nome de perversão. Já o masoquismo é o condicionamento da satisfação ao padecimento de dor física ou anímica advinda do objeto sexual. O masoquismo na perversão distancia-se mais do alvo sexual normal do que sua contrapartida. O autor afirma que:

> Suas formas ativa e passiva costumam encontrar-se juntas numa mesma pessoa. Quem sente prazer em provocar dor no outro na relação sexual é também capaz de gozar, como prazer, de qualquer dor que possa extrair das relações sexuais. O sádico é sempre e, ao mesmo tempo, um masoquista, ainda que o aspecto ativo ou passivo da perversão possa ter-se desenvolvido nele com maior intensidade e represente sua atividade sexual predominante (Freud, 1905/1996, p. 149).

De acordo com Freud (1905/1996), o sadismo e o masoquismo ocupam entre as perversões um lugar especial, já que o contraste entre atividade e passividade pertence às características universais da vida sexual, como observado no capítulo 01. Ademais, o estudo das perversões resultou na visão de que a pulsão sexual tem de lutar contra certas forças anímicas que funcionam como resistências, destacando-se entre elas com máxima clareza a vergonha e o asco. É lícito conjecturar que essas forças contribuam para circunscrever a pulsão nos limites considerados normais, e que, caso se desenvolva precocemente no indivíduo, antes que a pulsão sexual alcance a plenitude de sua força, sem dúvida serão elas que irão apontar o rumo de seu desenvolvimento.

Observamos ainda que algumas das perversões investigadas só se tornam compreensíveis mediante a convergência de diversos motivos. Se elas admitem uma análise, uma decomposição, então devem ser de natureza composta. Com isso podemos ter um indício de que talvez a própria pulsão sexual não seja uma coisa simples, mas reúna componentes que voltam a separar-se nas perversões.

De modo algum os sintomas surgem apenas à custa das chamadas pulsões sexuais, pelo menos não de maneira exclusiva ou predominante, mas que representam a expressão convertida de pulsões que seriam designadas de perversas, no sentido mais lato, se pudessem expressar-se diretamente, sem desvio pela consciência, em propósitos da fantasia e em ações.

Assim, os sintomas se formam, ao lado da sexualidade. De acordo com Freud (1905/1996), a disposição para as perversões é a disposição originária universal da pulsão sexual humana, que parte de modificações orgânicas e inibições psíquicas no decorrer da maturação. Com base nessa ideia, perversão e neurose não são qualitativamente diferentes. O que as diferencia é o mecanismo de defesa frente a castração: *verdrangung* recalque ou *verleugnung* desmentido.

Assim, nesse processo de maturação algumas forças como a vergonha, a compaixão, as instruções morais e sociais restringem a orientação da pulsão sexual, levando a comportamentos sexuais “normais”. Desse modo, às perversões se revelam de um lado como inibições do desenvolvimento normal e de outro como dissociações dele, o que possibilitou a constatação de Freud (1905/1996) de que a sexualidade na criança é, como visto no tópico anterior, perverso-polimorfa, já que ela experimenta prazer, sem qualquer pudor e de inúmeras formas.

Freud (1905/1996) ainda fala sobre perversão como um desvio sexual, com claros resquícios dos antigos estudos acerca da sexualidade, em que os sujeitos nesta condição se sentem sexualmente atraídos apenas por pessoas do próprio sexo e excluem a diferença entre os sexos, bem como o caráter reprodutivo do ato sexual, mas enfatiza que se relacionam com seu objeto tal como os sujeitos de sexualidade normal se relacionam com os seus. Há, de acordo com Freud (1905/1996), uma classe de sujeitos pervertidos que são comparados a monstros em virtude de suas práticas.

Assim, em 1905 o autor divide os sujeitos pervertidos em dois grupos, sendo o primeiro aquele a quem o objeto sexual foi modificado e em outro nos quais a finalidade sexual foi primariamente modificada. O primeiro grupo inclui aqueles que renunciaram à união dos dois genitais e que substituem os genitais de um dos parceiros envolvidos no ato sexual por alguma outra parte ou região do corpo; com isto, eles desprezam a falta de dispositivos orgânicos adequados, assim como todo impedimento oriundo de sentimentos de repulsa.

Há ainda aqueles em que o genital é totalmente dispensado enquanto objeto e alguma parte do corpo assume esse lugar, como um seio, um pé, o cabelo, aqueles em que as partes do corpo não têm importância, seus desejos podem ser satisfeitos com uma peça de roupa, um sapato, uma peça íntima e Freud (1905/1996) ainda menciona aqueles que requerem o objeto total fazendo exigências definidas como, por exemplo, um cadáver.

No segundo grupo, os pervertidos transformam na finalidade de seus desejos sexuais aquilo que seria apenas ato inicial ou preparatório. O desejo consiste em olhar, apalpar ou observar outras pessoas. Há ainda os sádicos, cujas tendências não têm outro fim senão causar sofrimento aos seus objetos, incluindo humilhações e lesões, seguido pelos masoquistas, cujo prazer concentra-se em sofrer e serem humilhados por seu objeto. Essas formas podem ser encontradas em dois grupos, aqueles que procuram satisfação sexual apenas pela via da imaginação e aqueles que a procuram na realidade.

Freud (1905/1996) aponta que diante dessas formas incomuns de satisfação sexual o que primeiro ocorre é o horror e a repugnância, entretanto, seguir por esse caminho não permitiria conhecer como essas perversões ocorrem e qual a sua conexão com a sexualidade normal. O autor afirma que essas perversões e esses sinais de degeneração externados com aberrações de fim sexual ocorrem há muito tempo, em todas as épocas e entre todos os povos, dos mais primitivos aos mais civilizados. Segundo o autor:

> Há sem dúvida algo inato na base das perversões, mas esse algo é inato em todos os seres humanos, embora, enquanto disposição possa variar de intensidade e ser acentuado pelas influências da vida. Trata-se, pois, das raízes inatas da pulsão sexual dadas pela constituição, as quais, numa série de casos (as perversões), convertem-se nas verdadeiras portadoras da atividade sexual (perversa), outras vezes passam por uma supressão (recalcamento) insuficiente, de tal sorte que podem atrair indiretamente para si, na qualidade de sintomas patológicos, parte da energia sexual, e que permitem, nos casos mais favoráveis situados entre os dois extremos, mediante uma restrição eficaz e outras elaborações, a origem da chamada vida sexual normal (Freud, 1905/1996, p. 161).

Freud (1905/1996) afirma que, para conceituar a perversão e sua classificação na teoria da sexualidade, é importante compreender que sexualidade e reprodução não são sinônimos. Assim, Landgraf (conforme citado por Freud, 1905/1996) diz que “os pervertidos são, antes,

uns pobres diabos, que têm de pagar extremamente caro pela satisfação que obtêm a duras penas".

Todos, e não apenas os neuróticos, experimentam esses sonhos pervertidos, incestuosos e assassinos, assim, é possível concluir que todos os sujeitos percorrem um caminho que passou pelas perversões e catexias objetais do complexo de Édipo, este é o caminho do desenvolvimento que os neuróticos simplesmente mostram e que a análise dos sonhos revela também na neurose.

Enfim, até esse momento foi possível observar que diferente da psiquiatria presente nos primeiros estudos acerca da sexualidade, a psicanálise surge com a proposta de escutar e conhecer o sintoma, bem como a perversão a partir de sua significação psíquica, compreendendo que havia ali uma formação substituta de "uma série de processos, desejos e aspirações investidos de afeto", que correspondiam à própria atividade sexual dos neuróticos (Freud, 1905/1996 p. 155).

Assim, apesar de a psicanálise tomar como ponto de partida os estudos e conhecimentos levantados pela psiquiatria, não levou adiante a patologização e as terminologias pejorativas adotadas nesse meio, pelo contrário, as teorias freudianas revolucionaram apresentando de forma inédita os resultados de seus estudos sobre a sexualidade, diferenciando-se da medicina da época e compreendendo a perversão como uma qualidade, apesar de aberrante/desviante (Freud, 1905/1996), inerente à própria sexualidade humana.

A esse respeito, Freud (1919/1996) no texto Bate-se numa criança afirma que há uma relação intrínseca da fantasia de ser espancada na infância e o desenvolvimento da perversão, o texto aborda a análise de fantasias de surra em crianças, relacionando-as com a repressão e o desenvolvimento da sexualidade infantil. O autor discute as diferenças entre as fantasias de surra, destacando a influência do complexo de Édipo e a repressão de impulsos sexuais.

Freud (1919/1996) critica duas teorias existentes sobre a relação entre repressão e caráter sexual. A primeira teoria, baseada na constituição bissexual dos seres humanos, a qual considera inadequada para explicar as fantasias de surra. A segunda é a do "protesto masculino" de Alfred Adler, em que afirma não explicar adequadamente a repressão de fantasias ativas.

O autor conclui que as fantasias de surra refletem a complexidade da sexualidade infantil e sua relação com a repressão. Destacando a importância do complexo de Édipo e da repressão na formação de sintomas neuróticos e perversões sexuais, apontando que as aberrações sexuais na infância e na vida adulta derivam do mesmo complexo.

A fantasia de ser espancada na infância pode estar ligada a impulsos instintuais, ao complexo de Édipo, a repressão e ao estabelecimento da estrutura clínica dos sujeitos. Além disso, o autor afirma a importância de se estudar a sexualidade e as fantasias infantis para compreender as origens dos comportamentos sexuais, sobretudo da perversão, na vida adulta:

> Na menina, a fantasia tem um estágio preliminar (a primeira fase), na qual a surra aparece com significado indiferente e toca a uma pessoa ciumentamente odiada; ambas as coisas estão ausentes no menino, mas tal diferença poderia ser eliminada numa observação mais feliz. Na transição para a fantasia consciente que substitui a anterior, a menina retém a pessoa do pai e, com isso, o sexo da pessoa que bate; mas muda a pessoa que apanha e o sexo desta, de modo que, por fim, um homem bate em crianças do sexo masculino. O menino, pelo contrário, muda a pessoa e o sexo daquele que bate, ao substituir o pai pela mãe, e mantém sua própria pessoa, de modo que, no final, a pessoa que bate e a que apanha são de sexos diferentes (Freud, 1919/1996, p. 240).

Estas fantasias estão relacionadas ao complexo de Édipo e ao desenvolvimento da sexualidade infantil. Assim, a perversão é vista como parte do complexo de Édipo e do amor incestuoso da criança. Ela surge no contexto desse complexo e, após o desmoronamento do

mesmo, pode permanecer como um resíduo, carregando consigo a carga libidinal e a consciência de culpa associadas.

> Uma tal fantasia, que talvez surja na primeira infância por ensejos casuais, e é mantida para a autossatisfação erótica, pode apenas ser vista, segundo nossos atuais conhecimentos, como um traço primário de perversão. Um dos componentes da função sexual teria se adiantado aos outros no desenvolvimento, teria se tornado prematuramente autônomo e se fixado, escapando assim aos processos de desenvolvimento posteriores, mas também dando prova de uma constituição especial, anormal, da pessoa. Sabemos que tal perversão infantil não continua necessariamente por toda a vida, pode sucumbir depois à repressão, ser substituída por uma formação reativa ou ser transformada por uma sublimação (Freud, 1919/1996, p. 222).

Assim, as fantasias de surra na infância, de acordo com Freud (1919/1996) podem ser consideradas como traços primários de perversão, em que um componente da função sexual se desenvolve de forma prematura e autônoma, escapando aos processos de desenvolvimento posteriores. Portanto, a fantasia de ser espancado na infância pode ser um elemento que influencia a formação de perversões sexuais ao longo da vida, refletindo a complexa interação entre experiências infantis, impulsos sexuais e estrutura clínica.

Fica evidente então, que a psicanálise freudiana apropria-se da perversão outrora objeto de estudo da psicopatologia com o objetivo primordial de desconstruí-la, deste modo, dá luz a um novo campo do conhecimento tirando a perversão da monstruosidade e da patologia para finalmente colocá-la ao lado das diversas manifestações normais e naturais da sexualidade infantil, mediada pelas pulsões parciais e tomada, mais tarde pelo modelo universal e normal da sexualidade no adulto. Foi através destes estudos que Freud conseguiu, logo em sua primeira teoria da sexualidade, humanizar as perversões, conforme coloca Lanteri-Laura (1979/1994).

Essa humanização foi possível através das declarações de Freud de que há uma sexualidade nas crianças, nessas construções os desvios sexuais foram observados como inevitáveis. Assim, o autor evidencia que, apesar de haver uma expectativa de normalidade acerca da sexualidade humana, para corresponder a ela é necessário que as pulsões sexuais se organizem em torno do primado genital, ou seja, uma vez que a perversão se configura como a norma da pulsão.

Outro ponto importante das descobertas freudianas é que nesse primeiro momento de sua obra o autor percebe a perversão como negativo das neuroses, o que significou dizer que, nas neuroses os desejos sexuais infantis eram recalcados enquanto nas perversões eles eram realizados, assim, as manifestações das perversões sexuais tinham a ver com uma fixação de uma pulsão parcial, que ocorreu de uma forma mais intensa que a genital, conseguindo assim, escapar ao recalque.

Nas palavras de Freud “pode ser que nem todos os impulsos parciais se sujeitem à soberania da zona genital, assim o que ficou independente forma o que chamamos de perversão (Freud, 1910/1996, p. 56). Neste sentido, permite que, mesmo nas compreensões posteriores a 1920 na obra Freudiana, como será apresentada no capítulo a seguir, mais precisamente, no capítulo 03, a conceituação de perversão como uma fixação infantil se manteve até os dias atuais no pensamento psicanalista.

Capítulo 03

O conceito de perversão em Freud após 1920

No presente capítulo é realizada uma investigação acerca do conceito de perversão em Freud em um segundo momento de sua teoria que acontece a partir de 1920 e versa sobre a organização da mente em três sistemas: Id, ego e superego. Freud (1923/1996) apresentou-se insatisfeito com o modelo topográfico criado em 1900, apontando que essa primeira tópica freudiana representada pelas teorias acerca do funcionamento do aparelho psíquico não bastava para explicar diversas questões relativas aos fenômenos psíquicos, então decidiu criar a concepção estruturalista conhecida e publicada em O ego e o id de 1923. De acordo com Sampaio:

> Não é exagero afirmar que a postulação de um sujeito cindido é a base na qual a psicanálise pode edificar sua teoria. Como não poderia deixar de ser, essa característica também está presente no movimento que resultou na elaboração da segunda tópica. O que se observa na chamada virada dos anos 20 é a tentativa de se explicitar novas facetas sobre o conflito. Nota-se a proposição de explicações mais englobantes, que abordam processos e características que não foram analisadas previamente, mas que, no entanto, não se constituem como uma negação de todo o projeto anterior (2013, p. 88-89).

O autor defende que essa nova proposta de organização do aparelho psíquico não é de todo um rompimento ou negação da anterior, pelo contrário, afirma ser um novo espaço para abordar e levantar questões que na anterior não foram tão discutidas. A palavra aparelho designada por Freud na primeira tópica correspondia a uma organização psíquica que era dividida a partir de sistemas e instâncias psíquicas com funções e lugares específicos na mente. Assim, a primeira tópica ficou conhecida como modelo topográfico, posteriormente insatisfeito e julgando insuficiente a descrição nesse modelo Freud (1923/1996) apresenta a

segunda teoria que foi o modelo estrutural ou dinâmico, compreendendo que significaria um conjunto de elementos de funções específicas relacionando-se mutuamente.

É no texto Além do princípio do prazer de 1920 que Freud se mostra atento a algumas observações que tornaram ultrapassados aspectos da primeira tópica do funcionamento psíquico, para o autor, havia conteúdos que escapavam do princípio do prazer, que neste segundo modelo será nomeado por pulsão de morte, opondo-se aqui a pulsão de vida e configurando, do ponto de vista da teoria freudiana, um novo dualismo pulsional. É esse novo modelo psicanalítico que se coloca contra a defesa feita anteriormente do antagonismo existente entre pulsões do eu e pulsões sexuais.

É esse novo momento da psicanálise que constrói a segunda tópica freudiana, abrindo espaço a partir de algumas compreensões para pensar o complexo de Édipo e o horror da castração que deixa nos sujeitos, fazendo com que alguns deles elejam um objeto que funciona como um véu com o qual se tenta desmentir a castração, ou seja, o fetiche. Tal entendimento e alguns outros que serão abordados ao longo deste capítulo permitem que Freud (1927/1996) conceitue a perversão como estrutura clínica ao lado da neurose e da psicose.

Assim, Freud (1923/1996), em sua segunda tópica, defendeu que a mente está dividida em três instâncias psíquicas: id, ego e superego[3]. No que concerne ao seu conteúdo, o Id, de acordo com Freud:

> É a parte obscura e inacessível de nossa personalidade; o pouco que dele sabemos descobrimos no estudo do trabalho do sonho e da formação do sintoma neurótico, e a maior parte disso é de caráter negativo, pode ser descrita somente em contraposição ao Eu. Aproximamo-nos do Id com analogias, chamamo-lo um caos, um caldeirão cheio de

[3] É válido neste ponto ressaltar que há traduções distintas para os termos em alemão na publicação original de Freud para o português, assim este trabalho utilizará para a tradução de *es*, *ich* e *uber-ich* os termos id, ego e superego, respectivamente.

> excitações fervilhantes. Nós o representamos como sendo aberto em direção ao somático na extremidade, ali acolhendo as necessidades dos instintos, que nele acham expressão psíquica, mas não sabemos dizer em qual substrato. A partir dos instintos ele se enche de energia, mas não tem organização, não introduz uma vontade geral, apenas o esforço de satisfazer as necessidades do instinto observando o princípio do prazer. o Id não conhece juízos de valor, não conhece bem e mal, não conhece moral. O fator econômico - ou quantitativo se preferir -, intimamente ligado ao princípio do prazer, governa todos os processos (1933/1977, p. 102).

Assim, o id corresponde aos conteúdos que tem sua natureza nas pulsões e são de ordem inconsciente, é onde se concentram os desejos e os impulsos inconscientes tanto para preservação quanto para propagação da vida, assim o id é direcionado pelo princípio do prazer, sendo compreendido também como a expressão inconsciente das pulsões divididas entre hereditárias e inatas e outras adquiridas e recalcadas. Já o ego divide-se em parte consciente e parte pré-consciente, de acordo com Freud:

> É fácil ver que o ego é aquela parte do id que foi modificada pela influência direta do mundo externo, em certo sentido, é uma extensão da diferenciação de superfície. Além disso, o ego procura aplicar a influência do mundo externo ao id e às tendências deste, e esforça-se por substituir o princípio de prazer, que reina irrestritamente no id, pelo princípio de realidade. O ego representa o que pode ser chamado de razão e senso comum, em contraste com o id, que contém as paixões. (...) A importância funcional do ego se manifesta no fato de que, normalmente, o controle sobre as abordagens à motilidade compete a ele. Assim, em sua relação com o id, ele é como um cavaleiro que tem de manter controlada a força superior do cavalo, com a diferença de que o cavaleiro tenta fazê-lo com a sua própria força, enquanto que o ego utiliza forças tomadas de empréstimo. A analogia pode ser levada um pouco além. Com frequência um cavaleiro,

> se não deseja ver-se separado do cavalo, é obrigado a conduzi-lo onde este quer ir; da mesma maneira, o ego tem o hábito de transformar em ação a vontade do id, como se fosse sua própria (1923/1996, p. 60).

O eu desempenha um papel fundamental na utilização dos mecanismos de defesa e na interação com o id, é ele o responsável por empregar mecanismos para lidar com conflitos internos e proteger-se. Os mecanismos de defesa são as estratégias inconscientes utilizadas pelo eu para lidar com impulsos indesejados ou ameaças. Assim, o eu atua como um mediador entre o consciente, o pré-consciente e o inconsciente.

O Eu é a instância responsável por lidar com as demandas do id, as restrições do supereu e a realidade externa. O inconsciente contém pensamentos, desejos e memórias muitas vezes de forma não reconhecida pelo sujeito. O eu trabalha para equilibrar as demandas do id, do superego e da realidade, enquanto lida com conteúdos inconscientes que podem surgir.

Assim, diferente do id, o ego é regido pelo princípio da realidade, se ajustando ao ambiente e empenhando-se na resolução dos atritos existentes entre id e a realidade, sua principal função é controlar as exigências das pulsões, ou seja, já que o ego é a instância pressionada pelos desejos insaciáveis do id, pela rigorosa punição do superego e pelas ameaças do mundo exterior, seu objetivo é mediar às demandas levantadas pelas três instâncias. Por fim, o superego é apresentado por Freud, afirmando que:

> O superego, contudo, não é simplesmente um resíduo das primitivas escolhas objetais do id; ele também representa uma formação reativa enérgica contra essas escolhas. A sua relação com o ego não se exaure com o preceito: ‘Você deveria ser assim (como o seu pai)’. Ela também compreende a proibição: ‘Você não pode ser assim (como o seu pai), isto é, você não pode fazer tudo o que ele faz; certas coisas são prerrogativas dele.’ Esse aspecto duplo do ideal do ego deriva do fato de que o ideal do ego tem a missão de reprimir o complexo de Édipo; em verdade, é a esse evento revolucionário que ele deve a

> sua existência. (...) O superego retém o caráter do pai, enquanto que quanto mais poderoso o complexo de Édipo e mais rapidamente sucumbir à repressão (sob a influência da autoridade do ensino religioso, da educação escolar e da leitura), mais severa será posteriormente a dominação do superego sobre o ego, sob a forma de consciência ou, talvez, de um sentimento inconsciente de culpa (1923/1996, p. 63).

De acordo com Santos (2022) o Supereu é alimentado tanto pela pulsão de vida, que busca união e conservação, quanto pela pulsão de morte, que contém impulsos irracionais e destrutivos. Assim, ele incorpora tanto aspectos mais elevados quanto mais sombrios. O desenvolvimento do Supereu é um processo complexo, enraizado nas interações da criança com seus cuidadores.

As figuras parentais exercem uma forte influência emocional sobre seus filhos, que são totalmente dependentes delas. Em meio a sentimentos como amor, ódio e rivalidade, a identificação com a autoridade parental emerge como uma forma de escape. É com base nessa identificação que o Supereu se desenvolve.

Assim, compreende-se que o superego é herdeiro do complexo de Édipo, nele opera o imperativo de gozo e desenvolve-se no período de latência por intermédio do ego, período esse que consiste entre infância e adolescência, momento em que a personalidade tanto moral quanto social está se consolidando. A função do superego está em censurar e reprimir as investidas do id, atuando como um juiz na relação com o ego, formado a partir das interdições e exigências parentais.

Esse foi o modelo estrutural apresentado por Freud reafirmando que a premissa fundamental da psicanálise é de que o psíquico é dividido em consciente e inconsciente, colocando o ego como central nessa organização. De acordo com o autor, cada sujeito é dividido pelos dois princípios apontados acima, de um lado o da realidade que impõe limites e do outro o do prazer, que desconhece qualquer limite.

Antes de 1920, Freud descreveu a perversão como desvios sexuais que envolviam objetos não convencionais de desejo. Após 1920, ele ampliou o conceito para incluir qualquer comportamento sexual que envolvesse a busca de prazer fora das normas sociais aceitas, ampliando o escopo para além dos atos específicos incluindo qualquer comportamento que desafiasse as normas sexuais predominantes. De acordo com Freud:

> A psicanálise foi obrigada a atribuir a origem da vida mental dos adultos à vida das crianças e teve de levar a sério o velho ditado que diz que a criança é o pai do homem. Delineou a continuidade entre a mente infantil e a mente adulta e observou também as transformações e os remanejamentos que ocorrem no processo. Na maioria de nós existe, em nossas lembranças, uma lacuna que abrange os primeiros anos da infância dos quais apenas algumas recordações fragmentárias sobrevivem (1913/1996, p. 128).

O autor enfatizava que traumas, conflitos e fixações da infância têm um impacto profundo na formação da estrutura clínica de um sujeito. Tudo aquilo que não foi solucionado no curso da infância pode moldar a forma como o sujeito percebe o mundo, se relaciona com os outros e lida com as situações ao longo de sua vida. De acordo com Freud (1923/1996) as estruturas psíquicas se desenvolvem em estágios, começando na infância, estando ligados a zonas erógenas do corpo e a desafios psicológicos específicos. Se um estágio não for resolvido adequadamente devido a traumas ou conflitos, pode resultar em fixações, em que a energia psíquica permanece investida naquela área particular.

Assim, o autor argumenta que a resolução bem-sucedida do complexo de Édipo desempenha um papel crucial no desenvolvimento de sua estrutura psíquica. Se esses conflitos não são solucionados, podem surgir problemas na forma como o indivíduo se relaciona com os pais e com figuras de autoridade ao longo da vida. Neste sentido, para lidar com traumas e conflitos da infância, Freud (1924/1996) aponta que os sujeitos desenvolvem mecanismos de defesa distintos em cada estrutura clínica, no caso da perversão conforme

mencionado em outros momentos deste trabalho, a saída que o sujeito encontra é o desmentido, em que o sujeito até reconhece certos aspectos da castração, mas nega seu verdadeiro impacto ou significado.

Assim, a partir de 1920, destaca a importância dos impulsos instintivos e da interação entre os impulsos sexuais e os processos de socialização na formação da perversão. Freud também introduziu o conceito de "pulsões parciais" para explicar a formação da perversão, sugerindo que os indivíduos podem ficar fixados em estágios de desenvolvimento psicossexual em que certas áreas do corpo são fontes principais de prazer. Essa fixação pode levar a padrões de comportamento sexual que são comumente considerados perversos pela sociedade.

Assim, a investigação em Freud acerca da perversão possibilitou a compreensão de que ela se divide em três momentos, sendo o primeiro aquele dos Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, afirmando que a neurose é o negativo da perversão (Freud, 1905/1996), o segundo momento estaria relacionado com a teoria do complexo de Édipo, ambos conforme demonstrados no capítulo 02 e, por fim, conforme discutido neste capítulo, está relacionado ao desmentido da castração, sendo este o mecanismo essencial da perversão, conforme apontado em O fetichismo de 1927.

O fetiche é descrito por Freud (1927/1996) como um substituto simbólico do falo materno, no qual o menino acredita e reluta em abandonar. Ele sugere que o fetiche representa o órgão genital feminino, servindo para manter viva a crença infantil na existência do falo materno. A escolha do fetiche se concentra em um objeto específico ligado a experiências marcantes, muitas vezes relacionadas à visão dos genitais na infância.

No contexto do fetichismo, há uma ambivalência em relação à castração, refletida na forma como o fetichista trata seu objeto de desejo. Essa ambivalência se manifesta através de uma mistura de ternura e hostilidade, representando a recusa e o reconhecimento da

castração. O fetiche, segundo Freud (1927/1996), é um objeto simbólico que representa o falo materno e está associado à castração, à ambivalência e à memória traumática da infância.

Assim, em 1927, Freud afirma que o fetiche é o substituto para o pênis da mulher, ou melhor, da mãe, que a criança acreditava ter e, posteriormente, perdeu. Ao se recusar a aceitar essa perda, a criança cria um objeto substituto, o objeto fetiche, assim:

> O que se sucedeu foi que o menino se recusou a tomar conhecimento do fato de ter percebido que a mulher não tem pênis. Não, isso não podia ser verdade, pois, se uma mulher foi castrada, então sua própria posse de um pênis estava em perigo, e contra isso se ergueu em revolta a parte de seu narcisismo que a Natureza, como precaução, vinculou a esse órgão específico (Freud, 1927/1976, p. 180).

Esse horror instalado passa a partir desse momento a atuar em causa própria, a criança corre o risco de que aconteça com ela o mesmo que aconteceu com a mãe, a perda do próprio pênis. De acordo com Freud:

> No conflito entre o peso da percepção desagradável e a força de seu contra desejo, chegou-se a um compromisso, tal como só é possível sob o domínio das leis inconscientes do pensamento — os processos primários. Sim, em sua mente, a mulher teve um pênis, a despeito de tudo, mas esse pênis não é mais o mesmo de antes. Outra coisa tomou seu lugar, foi indicada como seu substituto, por assim dizer, e herda agora o interesse anteriormente dirigido ao seu predecessor. Mas esse interesse sofreu também um aumento extraordinário, pois o horror da castração ergueu um monumento a si próprio na criação desse substituto (Freud, 1927/1976, p. 181).

É nesse mecanismo do desmentido que está o cerne da constituição do fetiche, que constitui um triunfo sobre a ameaça de castração e resulta em uma proteção contra ela. A mulher que antes tinha um pênis, agora tem um substituto para ele que tomou seu lugar e detém o mesmo interesse que se tinha no pênis, desmentido sua inexistência. Assim, o

fetiche funciona como uma memória de algo que estava nesse lugar ou em memória do vazio, contudo, ao colocar algo para substituir esse vazio, marca-se também a existência da falta na psicanálise freudiana.

O objeto substituto, apesar de estar atrelado a mesma cena de percepção da ausência do falo, tem infinitas formas e denota um deslocamento do olhar no espaço e no tempo, negando o tanto que acredita ser possível a incompletude, aquilo que capta o olhar da criança nesse momento funcionará como lembrança encobridora, como se ficasse congelado, ou melhor, fixado a imagem que antecede essa descoberta da falta.

Assim, um objeto qualquer, a depender da posição da criança e de para onde vai o seu olhar, pode transformar-se em objeto fetiche. É importante ressaltar alguns aspectos de valor nessa compreensão, como o processo da *Verleugnung,* conforme chamado por Freud. Esse termo tem recebido diferentes traduções em língua portuguesa, e é utilizada a tradução, *"*desmentido" nesta pesquisa, que diz sobre reconhecer a falta, mas ainda assim refutá-la, ou seja, só há fetiche porque há o reconhecimento desmentido de que a mulher é faltosa.

Nessa perspectiva, o desenvolvimento infantil subsequente ao autoerotismo dispõe de dois objetivos, o primeiro é justamente o abandono a esse autoerotismo, a criança substitui o prazer do próprio corpo para um objeto externo, o segundo é a unificação dos diversos objetos dos instintos separados e sua substituição por um único objeto, o que só acontece se o objeto substituto for total e semelhante ao corpo do próprio sujeito. Assim, tem-se que a mãe é o primeiro objeto de amor da criança, uma vez que o objeto externo só pode ser eleito se for idêntico ao primeiro objeto do instinto de prazer oral, então, embora não seja o seio da mãe, é a própria mãe. Essa escolha que a criança faz ao eleger sua mãe como seu objeto de amor está ligado ao processo do complexo de Édipo.

Assim, é possível perceber que ainda nos Três ensaios sobre a teoria da sexualidade Freud (1905/1996) teoriza a noção de perversão em sua relação também com o período de

latência, entretanto, é somente a partir de 1920 que há uma passagem dessa ideia pouco esclarecida para um maior estudo acerca desse período e sua relação com o complexo de Édipo, afirmando:

> Cada vez mais se revela a importância do complexo de Édipo como fenômeno central do período sexual da primeira infância. Depois ele desaparece, sucumbe à repressão, como dizemos, e vem o período de latência. (Freud, 1924/1996, p.183).

Assim, torna-se importante a compreensão do complexo de Édipo porque ele fornece uma base para entender como certos conflitos e fixações durante o desenvolvimento psicossexual podem contribuir para o modo como a sexualidade se apresenta no adulto. Por exemplo, se o complexo de Édipo não for resolvido adequadamente durante a infância, podem surgir formas de expressão sexual e comportamentos que refletem esses conflitos não resolvidos, facilmente compreendidos como perversão. Nesta perspectiva, de acordo com Martins e Santos, o complexo de Édipo:

> Refere-se ao conjunto de relações da criança com as figuras parentais ou com seus substitutos, determinando a estrutura e o modo de organização da sexualidade. O circuito edípico é, por assim dizer, um trajeto que fornece contornos para a sexualidade perversa e polimorfa própria da criança, oferecendo-lhe bordas através da linguagem. Neste sentido, a estruturação subjetiva é condizente com o modo de dissolução do édipo, conflito a partir do qual o sujeito negocia sua relação com o falo. Neste processo, são construídas ferramentas que permitem a canalização dos desejos transbordantes próprios da cena edipiana. (2022, pag. 106-107).

Neste sentido, Santos (2014) afirma que pela via da dissolução do complexo de Édipo, o sujeito internaliza as regras e normas sociais a partir da proibição do incesto e do complexo de castração, tal internalização tem como resultado a estruturação da moral e, por conseguinte o estabelecimento do que é certo e errado, dando lugar ao supereu, que "está ligado à

renúncia a um gozo proibido e a manutenção da integridade do Eu" (Santos, 2014, pág. 56), conforme descrito no segundo modelo freudiano da estrutura psíquica. Ainda segundo o autor:

> O complexo de Édipo chega a sua dissolução, com a ressalva que os derivados do complexo de Édipo deixam seus restos durante toda a vida do sujeito. O processo demonstrado por Freud parte da organização fálica, atravessa as experiências edipianas, depara-se com a ameaça de castração e, via identificações, forma o Supereu e entra no período de latência. (Santos, 2014, pág. 54).

Assim, Freud (1923/1996) aponta que a perversão, nessa segunda tópica e a partir da compreensão do complexo de Édipo, constitui-se em torno da noção de completude da mãe, não necessariamente a genitora, mas alguém que desempenha o papel da figura materna. A noção de completude paira, então, sob o objeto fálico imaginário, para a criança essa mãe é fálica, não há o que negociar com esse entendimento, assim, ela não renuncia saudosamente a essa representação.

Ao perceber a ausência e a falta na mãe, a criança se identifica como o objeto que, por si próprio, irá suprir essa ausência, preenchendo o que tem de vazio nessa mãe faltosa, aí está posta a identificação fálica da criança. É nesse momento que ela precisa decidir o que fazer com a diferença entre os sexos: Ser ou não ser castrada? É essa diferença percebida que faz com que a criança experimente angústia diante da ameaça de ser faltosa também, ou seja, se o falo dessa mulher inexiste, o da criança pode inexistir também. Conforme exemplifica Sampaio:

> O pavor diante da perda objetal será um fator constante para todo ser humano, ainda que se apresente de diferentes maneiras ao longo da vida. Na fase fálica, por exemplo, essa situação se atualiza no complexo de castração. Existe para a criança uma série de situações que sinalizam a possibilidade de perda de uma parte do seu corpo. A título de

> outro exemplo, podemos pensar no seio, que o bebê concebe como sendo uma parte sua, mas que, constantemente, se separa dele. É também nesse período que o complexo de Édipo começa a caminhar para o seu desfecho e o menino desenvolve, ao lado de sua atitude amorosa com a mãe, intensos sentimentos agressivos para com o pai. Por meio da projeção, ele começa a temer que o pai também o odeie e o ataque, privando-o de uma parte corpórea revestida de importância, o pênis (2017, p. 76).

É justamente diante dessa angústia, a qual Freud (1923/1996) intitula angústia da castração, que são apontadas algumas saídas possíveis. Uma saída seria a que os neuróticos assumem: aceitar que realmente falta algo, admitir a lei simbólica da interdição do incesto tornando suportável essa perda da completude. Cabendo aqui a observação de que o que se tinha de total e completo era apenas uma ideia. Outra saída seria a aceitação da castração sob a condição de desmenti-la, transgredi-la continuamente, sendo essa a característica da instalação da perversão.

Freud (1927/1996) discute como o fetichista utiliza o mecanismo de desmentido para lidar com a ansiedade em relação à castração e à diferença sexual. O desmentido, ou "*Verleugnung"* em alemão, refere-se à negação ou recusa consciente de algo que é percebido como ameaçador ou perturbador. No contexto do fetichismo, o fetichista utiliza o desmentido para negar a castração feminina, mantendo viva a ilusão de que a mulher possui um falo. Essa negação é essencial para a manutenção do fetiche como um objeto de desejo.

Freud (1927/1996) destaca a importância do desmentido na dinâmica do fetichismo, pois ele permite ao indivíduo contornar a ansiedade gerada pela castração e pela diferença sexual, preservando a integridade psíquica e a ilusão de completude. O desmentido é o mecanismo de defesa que opera no nível do inconsciente, protegendo o sujeito da angústia associada à castração. Portanto, o desmentido é apresentado como um mecanismo psicológico

fundamental utilizado pelo fetichista para lidar com a ameaça da castração e manter a ilusão de completude fálica na figura feminina.

Nessa saída, segundo Freud (1923/1996), tanto o processo de regressão quanto o de renegação da realidade estão presentes, de modo a configurar dois tipos típicos encontrados pelo autor na perversão, sendo a homossexualidade e o fetichismo. O primeiro é visto como uma reação da criança por via de uma defesa narcísica contra a castração, se fixando na representação de uma mulher dotada de pênis, buscando, mais tarde, homens que se aproximem dessa ideia fixa. Já no segundo, o sujeito se vê incapaz de renunciar ao falo da mãe e empresta a ela um objeto para que não seja necessária essa renúncia, é uma formação de compromisso, já que esse falo que não está aqui pode, pela via do fetiche, ser encarnado.

Em ambos a castração foi igualmente neutralizada e instaurada a perversão, que abrange um campo extremamente amplo, não pejorativo como era na sexologia e psiquiatria, conforme descritos no capítulo 01, mas como estrutura de personalidade, entendendo que seus comportamentos, práticas e fantasias só podem ser compreendidos ao relacioná-los a normas sociais, uma vez que ela se inscreve a partir de uma norma e não na ausência dela.

Neste sentido, Santos (2014) afirma que o desejo é perverso, uma vez que tem "por finalidade negar, desmentir, recalcar ou *foracluir* os efeitos da castração" (pág. 106), é nessa perspectiva, de acordo com o autor que o curso do desejo configura-se como perverso, uma vez que percebe a inexistência de objetos adequados para sua satisfação, buscando formas possíveis e impossíveis de driblar essa percepção. Tal comportamento é pensado na teoria freudiana a partir da forma como a criança responde a angústia de castração, ou seja, de acordo com Santos (2014) “se algo não vai bem nesse processo todo o desenvolvimento conserva material de efeitos patogênicos” (pág. 54). É nesse ponto que se coloca a questão da inserção do nome do pai:

> Qualquer consideração acerca do Supereu que se pretenda inspirada nos passos de Freud deve considerar essas origens em sua formação e atuação na vida do sujeito. Podemos resumir essas fontes do Supereu ao levarmos em conta que essa instância, por um lado, liga-se ao que há de mais elevado e nobre no humano, por outro lado finca suas raízes no complexo de Édipo com seus desejos incestuosos e parricidas. O Supereu tem como fonte energética a pulsão de vida com sua tendência à união e à conservação, ao mesmo tempo, que também retira sua força da pulsão de morte com seus imperativos irracionais e destrutivos (Santos, 2014, pág. 55).

Nessa perspectiva é que se instaura a perversão, a partir da *Verleugnung* que seria o desmentido, como mecanismo de defesa da criança em relação à ameaça de castração. A palavra *Verleugnung* no dicionário alemão-português *Langenscheidt Taschenwörterbuch* tinha como significado renegar ou desmentir e no dicionário bilíngue para brasileiros, a palavra aparece como renegar, esconder, fingir e dissimular, já no dicionário clássico que é Vocabulário de Psicanálise tem-se a tradução do termo como recusa.

Posterior a essas traduções, Zimerman (2011) no Vocabulário contemporâneo de Psicanálise destaca a tradução para renegar, denegar, retratar e desmentir e é nessa mesma perspectiva que anterior a ele, no Dicionário Internacional de Psicanálise de 2005, que Alain de Mijolla utiliza os verbetes em francês *déni de realité* ou *désaveau* para *Verleugnung* que na tradução fica “desmentido da realidade”. É possível perceber que o termo alemão possui várias traduções, mas a adotada neste trabalho é o desmentir, conforme utilização freudiana de 1925 com o texto inicialmente intitulado *Die Verneinung und Verleugnung*, traduzido, a *priori*, como a negação e o desmentido.

Freud (1923/1996) já reconhecia essa característica do desmentido nas crianças, afirmando:

> É conhecido como elas reagem frente às primeiras impressões da falta do pênis. Elas desmentem (*leugnen*), apesar de tudo creem ver um membro, dissimulam a contradição entre observação e prejuízo (Freud, 1923/1996, p. 296).

Tal mecanismo pressupõe o que foi desmentido da castração, indicando uma fixação na sexualidade infantil. Contudo, para além de indicar uma predisposição para o que há de polimorfo na infância, Freud (1923/1996) aponta para uma escolha subjetiva acerca da diferença anatômica dos sexos, assim, na perversão o sujeito coloca a si próprio como objeto de gozo e subversivo da lei.

Neste ponto, o desmentido fracassa em não conseguir desmentir, conforme palavras do próprio Freud (1923/1996), ou melhor, apagar, completamente como se apaga um escrito a lápis de um papel, a imagem percebida. É exatamente esse conflito entre a percepção indesejada e o desejo contrário a ela que possibilita ao sujeito a formação de um compromisso, não no sentido da alucinação como acontece na psicose, mas da crença.

Verdade e mentira, saber e não querer saber se entrelaçam no que tange a percepção da castração e da diferença sexual. Freud (1927/1996) aponta que a *Verleugnung* ou o desmentido aparece e se institui quando esta situação traumática da castração na infância apresentava-se como insuportável.

Assim, o avanço nos estudos acerca da perversão com a implicação indispensável da psicanálise freudiana buscou compreendê-la como constituição subjetiva, possibilitando desvinculá-la da patologia, do moralismo social, religioso e do preconceito voltado também para questões de fim sexual. Para tal, o autor evidenciou que a sexualidade humana é naturalmente polimórfica e perversa, sendo esse um dado originário das pulsões sexuais dos seres humanos.

Por isso a ideia de que a neurose é o negativo da perversão, perspectiva freudiana pautada na compreensão de que os empuxos perversos estão presentes em todos os sujeitos,

contudo, nos neuróticos tais impulsos estão recalcados. Freud (1920/1996) afirma que a agressividade e a pulsão sexual estão intimamente ligadas e essa compreensão remonta a ideia inicial de 1905 de que a perversão referia-se a transgressão da função sexual visando o prazer, o que, a partir de 1920 passa a ocupar apenas um dos modos de manifestação da perversão, apontando para uma de suas particularidades. Assim, a busca pela satisfação sexual se dá por intermédio de diversos objetos sexuais.

Neste sentido, Freud (1920/1920) destaca o sadismo e masoquismo como um dos modos mais específicos de perversão, o que pode ser observado ainda em 1919 no texto Uma criança é espancada - uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais, momento no qual a compreensão da perversão começa a ser reformulada, uma vez que o autor defende um masoquismo originário que antecede ao masoquismo e a tornava expressão da erotização da pulsão de morte.

Ainda que sadismo e masoquismo sejam pontuados nesse primeiro momento em 1919 e algumas questões relativas às fantasias dos comportamentos perversos. É somente em 1924 que o problema recebe maior atenção quando no texto O problema econômico do masoquismo Freud afirma que “O masoquista deseja ser tratado como uma criança pequena, desamparada e dependente, mas especialmente como uma criança mal comportada.” (1924/1996, p. 170).

Nesse momento, Freud (1924/1996) fala não dos atos perversos em si, mas das fantasias e afirma que elas estão presentes tanto em sujeitos neuróticos quanto nos perversos. O que difere então as fantasias e os comportamentos nos neuróticos e perversos é que na segunda tópica freudiana a perversão está colocada na relação com o complexo de Édipo:

> Se, de modo geral, for estabelecido que as perversões derivam do complexo de Édipo, nossa avaliação delas sofreu um novo fortalecimento. Pois acreditamos, que o complexo de Édipo seja o verdadeiro núcleo da neurose e que a sexualidade infantil, que culmina

> nesse complexo, seja a condição efetiva da neurose; e que o que resta dele no inconsciente representaria a disposição do adulto para, posteriormente, contrair uma neurose. A fantasia da surra e outras fixações perversas análogas também seriam, então, apenas resíduos do complexo de Édipo, cicatrizes, por assim dizer, deixadas pelo processo que terminou. (Freud, 1919/1996, p. 140).

Quer dizer, depois que há a dissolução do complexo de Édipo, fica o resquício da carga libidinal impostas pela consciência abrindo espaço para a perversão. A explicação de Freud acerca da natureza da perversão parece aproximá-la das neuroses na medida em que seus estudos avançavam. Em 1920 Freud reestrutura a tópica do aparelho psíquico e apresenta os mecanismos de defesa a partir do complexo de Édipo, chegando ao texto Fetichismo de 1927 que proporciona esclarecimentos finais acerca da perversão.

Dentre os mecanismos de defesa apresentados por Freud diante do complexo de Édipo está à recusa da castração em A organização genital infantil de 1923, o termo *Verleugnung* utilizado recebeu diferentes traduções: negação, renegação, recusa ou desmentido, sempre correspondendo a ação de negar. A conceituação de *Verleugnung* versa sobre à perversão, sobretudo na segunda tópica, em que o termo, conforme tradução desmentido, configura-se como mecanismo psíquico de defesa que envolve a recusa em reconhecer a percepção ou representação da realidade. Na perversão, o "desmentido" desempenha um papel crucial na manutenção da fantasia e na negação da castração.

A reação das crianças frente à percepção da ausência do pênis foi pouco a pouco reconhecida na teoria freudiana por desmentido, no momento em que se encontra com a perturbação da verdade da castração. Freud (1923/1996) aponta que antes de a *Verleugnung* ocorre com frequência na infância na medida em que se apresentam as diferenças dos sexos, de acordo com o autor, na organização genital infantil surge grande interesse pelos genitais e suas atividades:

> A principal característica dessa “organização genital infantil” constitui, ao mesmo tempo, o que a diferencia da definitiva organização genital dos adultos. Consiste no fato de que, para ambos os sexos, apenas um genital, o masculino, entra em consideração. Não há, portanto, uma primazia genital, mas uma primazia do falo (Freud, 1923/1996, p. 152).

Assim, o autor aponta que frente a essa organização e diante da percepção de ausência do falo, da diferença entre os sexos, as crianças “reagem frente às primeiras impressões da falta do pênis. Elas desmentem (*leugnen*), apesar de tudo creem ver um membro, dissimulam a contradição entre observação e prejuízo” (Freud, 1923/1996, p. 296). Em 1927 o texto sobre Fetichismo elucida mais características acerca das escolhas objetais e de formas encontradas pelo desmentido para responder a castração.

Freud (1927/1996) afirma que o fetiche não se baseia, a princípio, em sofrimento, que é uma forma de buscar realização amorosa, a escolha do objeto fetiche acontece de maneiras específicas, singulares e individuais dependendo da história de cada sujeito:

> O fetiche é um substituto para o pênis, decerto criarei um desapontamento, de maneira que me apresso a acrescentar que não é um substituto para qualquer pênis ocasional, e sim para um pênis específico e muito especial, que foi extremamente importante na primeira infância, mas posteriormente perdido. Isso equivale a dizer que normalmente deveria ter sido abandonado; o fetiche, porém, se destina exatamente a preservá-lo da extinção. Para expressá-lo de modo mais simples: o fetiche é um substituto do pênis da mulher (da mãe) em que o menininho outrora acreditou e que - por razões que nos são familiares - não deseja abandonar (Freud, 1927/1996, p. 312).

Nesse sentido, o reconhecimento da inexistência do falo na mãe abre lugar para angústia da criança por perceber que o próprio falo está ameaçado, é levada então a partir da percepção de ausência na mãe, a entrar em contato com a própria falta. Assim, o fetiche se apresenta com esse perfil mediador da falta, não impedindo que a criança seja vez ou outra,

atormentada pela realidade da falta, através do fetiche ele a conserva, mas também a abandona.

No fetiche o que ocorre é a passagem de um objeto empírico para um substituto que evidencia o caráter fálico da falta, assim, o estatuto universal dessa natureza é conservar o horror diante da castração e:

> O horror da castração ergueu um monumento a si próprio na criação desse substituto. Ademais, uma aversão, que nunca se acha ausente em fetichista algum, aos órgãos genitais femininos reais, permanece um *stigma indelebile* da repressão que se efetuou. Podemos perceber agora aquilo que o fetiche consegue e aquilo que o mantém. Permanece um indício do triunfo sobre a ameaça de castração e uma proteção contra ela (Freud, 1927/1996, p. 313).

Esse é, de acordo com a teoria freudiana, o ponto central da perversão fetichista e o desmentido refere-se a uma percepção e a falha consiste em não poder apagar por completo a percepção de ausência do falo, é aí que se estabelece o conflito entre a percepção indesejada e o desejo contrário, estabelecendo uma formação de compromisso, diferente da psicose, essa formação nada tem em relação a alucinações, mas sim de uma crença e nela, verdade e mentira se relacionam constantemente entre saber e nada querer saber da castração.

Neste sentido, a psicose se difere por ser caracterizada como uma ruptura mais profunda com a realidade, envolvendo uma desorganização do funcionamento psíquico que leva a uma perda de contato com o mundo externo, enquanto a perversão é caracterizada por uma relação desviante com a sexualidade e com a lei, onde o sujeito busca contornar as proibições e restrições impostas pela sociedade e pela realidade. A perversão envolve uma recusa em aceitar certas limitações, especialmente em relação à castração e ao Complexo de Édipo, pelo mecanismo de defesa do desmentido, ou seja, a *Verleugnung*.

A partir de Freud (1927/1996) é possível compreender que a *Verleugnung* se apresenta sempre que incide sobre o sujeito uma realidade insustentável, ou seja, o mecanismo desmentido atua, sobretudo, em situações traumáticas, esse mecanismo tende a desmentir a difícil realidade, objetivando responder de modo satisfatório para si próprio a dificuldade experimentada, de modo a se esquivar de lidar com a realidade apresentada.

Na perversão esse mecanismo do desmentido atua de modo a encobrir a realidade por uma crença fetichista (Freud, 1938/1996) de outro modo, contradizendo a ausência do pênis e alucinando sua existência, teria lugar para instalação da psicose. A criança então ameaçada pela castração iria desmenti-la salvando seu próprio pênis, defendendo-se da dura realidade que implicaria não tê-lo:

> O que se sucedeu, foi que o menino se recusou a tomar conhecimento do fato de ter percebido que a mulher não tem pênis. Não, isso não podia ser verdade, pois, se uma mulher tinha sido castrada, então sua própria posse de um pênis estava em perigo, e contra isso se ergueu em revolta a parte de seu narcisismo que a Natureza, como precaução, vinculou a esse órgão específico (Freud, 1927/1996, p. 180).

Assim o desmentido tem condições de reconhecer e negar, simultaneamente, a realidade da castração, isso só é possível se, no ego, funcionam dois registros diferentes e antagônicos, coexistindo sem que um anule ou influencie o outro, seriam então duas atitudes psíquicas, uma buscando ajustes diante do desejo e a outra se ajustando diante da realidade. Assim, na perversão há uma constante exigência por parte da pulsão é uma constante proibição advinda da realidade.

De um lado, a perversão recusa-se a aceitar qualquer proibição, do outro lado, reconhece a ameaça da realidade. É possível dizer, de acordo com Freud (1938/1996) que os dois lados atingem seus objetivos, a pulsão atinge sua satisfação ao mesmo passo que reconhece o que

está posto pela realidade, assim, na perversão o sujeito nega constantemente a castração em sua vida sexual.

O fetiche pode, então, ser compreendido como a porta de entrada da perversão, as margens do horror à castração. No que o sujeito perverso acredita e defende é na mãe onipotente, recusando a todo custo à castração, utilizando o fetiche como recurso ao psiquismo justamente para desmentir a falta outrora apresentada pelo fim da dinâmica edipiana. O que acontece é que a criança avalia que a castração do ser de seu absoluto amor seja sua mãe ou quem desempenha a função materna, diz respeito a sua própria castração, é então que desejo e percepção se colocam em conflito.

De forma consciente acredita que a mulher é de fato castrada, enquanto de forma inconsciente desmente tal crença, julgando inadmissível essa castração, é justamente esse o conflito que abre lugar para o fetiche, que criará uma lei própria no sentido de resgatar esse falo que jamais existiu, elege então um objeto que lhe desviará da angústia da castração, encontrando dessa forma um meio para proteger-se dela.

Conforme mencionado anteriormente, a partir de 1919 em Uma criança é espancada: uma contribuição para o estudo da origem das perversões. Freud compreende a perversão como um componente forte da pulsão que desvia passagem pelo complexo de Édipo. A explicação seria de que um dos componentes da função sexual desenvolveu-se primeiro o que assegurou a ele uma independência prematura, abrindo espaço para uma fixação da satisfação sexual, impossibilitando a organização das pulsões parciais.

No que tange às pulsões, Freud (1924/1996) afirma que todo ser humano possui uma tendência a retornar a estados anteriores do desenvolvimento visando apaziguar as tensões que ficaram ao longo do caminho. Tal tendência tem relação com a pulsão de morte, essas pulsões como já colocado anteriormente, são divididas em pulsões de vida e pulsões de morte, sendo a primeira composta pelas sexuais e de autopreservação.

O autor observa que há tensões voltadas para o prazer assim como há aquelas que geram o desprazer:

> O prazer e o desprazer, portanto, não podem ser referidos a um aumento ou diminuição de uma quantidade (que descrevemos como ‘tensão devida ao estímulo’), embora obviamente muito tenham a ver com esse fator. Parece que eles dependem não desse fator quantitativo, mas de alguma característica dele que só podemos descrever como qualitativa. Se pudéssemos dizer o que é essa característica qualitativa, estaríamos muito mais avançados em psicologia. Talvez seja o ritmo, a sequência temporal de mudanças, elevações e quedas na quantidade de estímulo. Não sabemos (Freud, 1924/1996, p. 180).

A partir dos esclarecimentos acerca das pulsões no desenvolvimento da segunda tópica freudiana, o masoquismo, central para compreensão das perversões, passa a ocupar o lugar de primário. Essa ideia de masoquismo anterior ao sadismo é novidade na segunda tópica que marca uma diferença na compreensão da perversão e o sadismo passa a ser compreendido como uma parcela da energia desviada pela libido.

Freud (1924/1996) sugere que o masoquismo primário está presente desde o início da vida psíquica e está relacionado ao desenvolvimento da sexualidade e dos instintos de vida, argumentando que o masoquismo pode ser considerado como anterior ao sadismo em termos de sua expressão na sexualidade humana, destacando a complexidade dos impulsos sexuais e agressivos na formação da personalidade. O masoquismo primário envolve a busca de prazer através da submissão, da dor ou da humilhação, representando uma forma peculiar de satisfação erótica.

Freud (1924/1996) explora as origens e as manifestações do masoquismo primário, analisando como esse fenômeno influencia a vida psíquica e as relações interpessoais, contribuindo para a compreensão da diversidade de forma que a sexualidade pode assumir na psique humana. O conceito de masoquismo primário é fundamental para a compreensão da

perversão, pois destaca a complexidade das dinâmicas psíquicas envolvidas na formação e expressão da perversão.

Na psicanálise freudiana, as perversões sexuais são consideradas desvios dos padrões de comportamento sexual, envolvendo a fixação em formas específicas de gratificação sexual socialmente inaceitáveis. O masoquismo primário, como uma forma original de organização psíquica baseada na busca de prazer através da submissão e da dor, pode estar presente na perversão.

Ao compreender o papel do masoquismo primário na formação da sexualidade e na expressão dos instintos sexuais, a psicanálise pode fornecer elementos sobre a dinâmica psíquica da perversão. A investigação do masoquismo primário pode fornecer insights sobre as origens das perversões sexuais, ajudando a elucidar as complexas interações entre os impulsos sexuais e agressivos na psique.

Inicialmente, Freud (1905/1996) aborda a perversão principalmente no contexto da sexualidade, considerando-a uma regressão ou fixação em fases pré-genitais do desenvolvimento sexual. A perversão é entendida como um desvio do desenvolvimento sexual “normal”, onde impulsos sexuais são direcionados de maneiras socialmente inaceitáveis ou incomuns. A teoria das pulsões e sua relação com o desenvolvimento infantil são centrais na primeira tópica para entender a perversão.

Já na segunda tópica, o masoquismo é interpretado de uma maneira mais ampla e integrado dentro da estrutura psíquica geral, incluindo suas implicações com o funcionamento do Ego e do Superego. O masoquismo, então, é visto menos como uma perversão isolada e mais como um elemento dentro de um conflito psíquico mais amplo.

Enquanto a visão inicial de Freud sobre a perversão, incluindo o masoquismo, focava mais nas dinâmicas sexuais, sua segunda tópica oferece uma visão mais sofisticada e estrutural, onde o masoquismo é analisado dentro de uma complexa interação entre Id, Ego e

Superego, proporcionando uma compreensão mais profunda dos mecanismos psicológicos e suas estruturas clínicas, como a da perversão.

Freud (1924/1996) afirma também que há um masoquismo secundário, em que o sadismo retorna ao Eu. Assim delimita o masoquismo em três diferentes categorias, que seriam: erógeno, feminino e moral, que se relaciona ao sentimento de culpa:

> Podemos traduzir a expressão 'sentimento inconsciente de culpa' como significado de uma necessidade de punição às mãos de um poder paterno. Sabemos agora que o desejo, tão frequente em fantasias, de ser surrado *geschlagen* pelo pai se situa muito próximo do outro desejo, o de ter uma relação sexual passiva (feminina) com ele, e constitui uma deformação regressiva deste último (Freud, 1924/1996, p. 189).

Esse masoquismo moral em si mesmo não manifesta conteúdos sexuais, está relacionada com a necessidade de punição, essa busca é inconsciente e tem em seu cerne o desejo de ser punido pelo pai ao mesmo passo que quer com ele usufruir de uma relação incestuosa. Já o masoquismo feminino baseia-se no masoquismo erógeno e primário vinculando-se a pulsão de morte, consiste na fantasia "de ser amordaçado, amarrado, dolorosamente surrado *geschlagen*, açoitado, de alguma maneira maltratado, forçado à obediência incondicional, sujado e aviltado" (Freud, 1924/1996, p. 181) assim como pressupõe que seja feito com uma criança travessa.

Essa pulsão autodestrutiva, conforme pontuado anteriormente, é direcionada através da libido para o mundo externo, o que Freud (1924/1996) compreende como sadismo. Assim, em 1927, Freud levanta também a questão do fetiche como central na compreensão da perversão na segunda tópica, afirma que é uma substituição simbólica para o falo da mãe e recusa o fato de que ela é castrada pelo mecanismo primordial da perversão: desmentido.

No desmentido é preservada a crença de que a mãe foi castrada, contudo, essa mesma crença é abandonada, o sujeito sabe da castração ao mesmo passo que nada quer saber dela:

> A mulher teve um pênis, a despeito de tudo, mas esse pênis não é mais o mesmo de antes. Outra coisa tomou seu lugar, foi indicada como seu substituto, por assim dizer, e herda agora o interesse anteriormente dirigido a seu predecessor (Freud, 1927/1996, p. 157).

A essa altura do percurso freudiano acerca do estudo e conceituação da perversão podemos dizer que ela é reconhecida por Freud (1927/1996) como estrutura clínica, sendo um campo clínico isolado, bem definido e com mecanismo de defesa específico do desmentido, contrapondo a neurose, cujo mecanismo de defesa é o recalque. Nesse momento da obra freudiana o fetiche aparece como entidade da perversão. Assim, o autor compreende que mesmo nas neuroses há traços concebidos como perversos, visto que tem sua origem na infância.

Mesmo antes de discutir essa temática de forma mais intensa, Freud (1919/1996) apresentava alguns elementos do que mais tarde reapareceria na segunda tópica, como, por exemplo, a compreensão de que quando não ocorre o processo de recalcamento "a perversão persiste até a maturidade; e sempre que encontramos uma aberração sexual em adultos: perversão, fetichismo, inversão, temos motivos para esperar que a investigação anamnésica revele um evento como o que sugere que conduza a uma fixação na infância" (Freud, 1919/1996, p. 196).

Em 1927 no texto Fetichismo, Freud descreve alguns fatores relativos à perversão, mas aponta a dificuldade em estabelecer o fator que leva o sujeito a optar pelo mecanismo de defesa do desmentido, ao invés, por exemplo, de optar pelo recalque. Contudo, sabe-se que na perversão o mecanismo de defesa visa desmentir a castração, de modo a crer que a mãe continua a ter o falo.

Essa crença se aproxima da psicose uma vez que o Eu apresenta repúdio a uma parcela da realidade, nesse caso, a realidade da mãe castrada. Assim, Freud (1927/1996) afirma que o

recalque original se daria para todos os indivíduos, entretanto, ele só perdura na neurose e desmentido se apresenta na perversão. Todos esses mecanismos de defesa serão apresentados a partir da cena edipiana, que se coloca a caminho de todas as estruturas apontadas por Freud e está na gênese das perversões, marcado pelas fantasias sádicas e masoquistas. Uma vez que o perverso se depara com o horror da castração e elege um meio, visto aqui como desmentido, para afirmar que a mãe jamais fora castrada, passa a perder o temor pela perda do falo e executa suas ações sem que seja abordado pelas interdições.

O contraponto entre a medicina e a psicanálise no que concerne a perversão

É notável então o distanciamento da psicanálise freudiana da psiquiatria no que tange as perversões, uma vez que na psiquiatria até os dias atuais a perversão é compreendida como parafilias, conforme colocado pelo DSM V:

> O termo parafilia representa qualquer interesse sexual intenso e persistente que não aquele voltado para a estimulação genital ou para carícias preliminares com parceiros humanos que consentem e apresentam fenótipo normal e maturidade física. Em certas circunstâncias, o critério "intenso e persistente" pode ser de difícil aplicação, como na avaliação de pessoas muito idosas ou clinicamente doentes e que podem não ter interesses sexuais "intensos" de qualquer espécie. Nesses casos, o termo parafilia pode ser definido como qualquer interesse sexual maior ou igual a interesses sexuais normofílicos (2014, p. 687).

A parafilia é o termo substituto para perversão no DSM V, que compreendia perversão como um termo pejorativo no senso comum e abre mão do mesmo para utilização apenas no meio jurídico, contudo, desde o início e até os dias atuais o referido termo faz parte do vocabulário da psicanálise freudiana que, como foi possível observar ao longo deste trabalho, empenhou-se em estudá-lo na tentativa de retirar dele mesmo o caráter pejorativo, evidenciando em inúmeros trabalhos e pesquisas que todos os sujeitos são acometidos pelas

perversões e que, em uma parcela desses sujeitos é que está à perversão como estrutura clínica, de modo algum devendo ser associada à loucura ou a criminalidade, no sentido patologizante apontado pela medicina, conforme coloca o DSM V:

> Existem, ainda, parafilias específicas que são geralmente mais bem descritas como interesses sexuais preferenciais do que como interesses sexuais intensos. Algumas parafilias envolvem principalmente as atividades eróticas do indivíduo; outras têm a ver, sobretudo com seus alvos eróticos. Exemplos das primeiras incluem interesses intensos e persistentes em espancar, chicotear, cortar, amarrar ou estrangular outra pessoa, ou um interesse por essas atividades que seja igual ou maior do que o interesse do indivíduo em copular ou em interagir de forma equivalente com outra pessoa. Exemplos das demais incluem interesse sexual intenso ou preferencial por crianças, cadáveres ou amputados (como classe), bem como interesse intenso ou preferencial por animais, como cavalos ou cães, ou por objetos inanimados, como sapatos ou artigos de borracha (DSM V, 2014, p. 687).

O caráter inovador da psicanálise na conceituação da perversão

É neste sentido que a psicanálise freudiana mostra a eficácia de seus estudos, na medida em que distancia a perversão da monstruosidade a qual estava colocada em seu percurso histórico e na qual faz parte até os dias atuais pela psiquiatria. De acordo com Freud 1938/1996 “a vida sexual inclui a função de obter prazer das zonas do corpo, função que, subsequentemente, é colocada a serviço da reprodução. As duas funções muitas vezes falham em coincidir completamente” (p.165) e assim consegue compreender o comportamento sexual perverso, uma vez que ele institui uma *per version* da sexualidade, ou seja, outra versão.

Nesse momento de sua obra Freud não estava empenhado em fazer como faziam na psiquiatria, ele foi além propondo uma contraposição a teorias da degenerescência,

sustentando, sobretudo na segunda tópica que as pulsões são parciais e não se colocam apenas a serviço da reprodução, a partir dessa compreensão a psicanálise deixa claro que um novo olhar sobre a sexualidade humana, afirmando que esta não se limita apenas ao genital.

O primeiro momento da perversão em Freud remonta às pulsões sexuais infantis e à sexualidade polimorfa. Freud (1905/1996) argumenta que as crianças passam por uma fase de desenvolvimento em que suas pulsões sexuais não estão direcionadas para um objeto específico, mas sim para diversas partes do corpo. Nesse estágio, a criança é considerada perversa polimorfa, pois suas pulsões não estão restritas ao ato sexual genital. Essas pulsões pré-genitais, quando não são devidamente integradas e direcionadas, podem influenciar o desenvolvimento da sexualidade e contribuir para a formação de comportamentos perversos na vida adulta.

Já o segundo momento da perversão em Freud está relacionado ao Complexo de Édipo e à questão da castração. Freud (1927/1996) argumenta que a recusa em aceitar a castração, desempenha um papel crucial no desenvolvimento da perversão. A percepção da possibilidade de castração leva o sujeito a negar essa realidade e a buscar formas de contornar a ameaça de perda do falo, essa saída acontece pela via do fetiche. Portanto, o segundo momento da perversão em Freud está ligado ao desmentido da castração e à tentativa de preservar a integridade fálica através do fetiche.

O terceiro e último momento da perversão na perspectiva freudiana está em torno da introdução do conceito de recusa *Verleugnung*, se inicia em 1923 no contexto da segunda tópica freudiana em que Freud (1923/1996) propõe a ideia de que a perversão pode ser vista como um modelo de organização do Eu caracterizado pelo desmentido *Verleugnung* que desempenha um papel fundamental nesse processo, onde o sujeito nega na consciência a existência de algo que é percebido no inconsciente.

Esse desmentido da realidade, especialmente em relação à castração, pode levar a uma estrutura psíquica marcada pela divisão e pela negação de aspectos essenciais da experiência humana. Portanto, o terceiro momento da perversão em Freud envolve a compreensão da perversão como um modelo de organização do Eu baseado na clivagem e na recusa de certas realidades psíquicas.

Neste sentido, o ponto central da perversão na psicanálise freudiana está relacionado ao complexo de Édipo e ao desmentido da castração. O autor argumenta que a perversão surge como uma tentativa de negar a castração e de se posicionar de forma desviante em relação à lei, à castração e aos outros. A perversão não se limita apenas a práticas sexuais, mas envolve principalmente uma forma de lidar com questões psíquicas e sociais, como a recusa da castração e a projeção da falta nos outros. Portanto, o cerne da perversão em Freud está no desmentido da castração e na tentativa de contornar as restrições impostas pela realidade e pela lei.

Assim, a psicanálise não pretendia observar ou descrever aspectos da normalidade para utilizá-los como indicadores da patologia presente na perversão, pelo contrário, ela se propôs a evidenciar aspectos da natureza humana como originalmente perversores da norma. São os estudos psicanalíticos que possibilitam um novo olhar sobre a sexualidade para então chegar a uma compreensão da perversão que oscila, enquanto estrutura clínica entre reconhecer e desmentir a castração, elegendo objetos fetiches que possibilitarão o alcance do prazer.

Considerações Finais

A presente pesquisa teve como objetivo geral estabelecer a gênese e o desenvolvimento do conceito de perversão na obra de Freud e como objetivos específicos, investigar a noção pré-psicanalítica de perversão, estudar a noção de perversão na primeira teoria do aparelho psíquico de Freud e investigar o conceito de perversão em Freud após 1920. Assim, buscou desenvolver em cada capítulo ao longo do trabalho as categorias expostas pelos referidos objetivos.

Neste sentido, evidenciou-se no capítulo 01 que a perversão surge, a princípio, no discurso médico e jurídico, relacionada fortemente a questões morais amparadas pela cultura e religião, categorizando de maneira pejorativa indivíduos cujo comportamento apresentava-se de modo desviante das normas estabelecidas na época. Neste sentido, a perversão estava associada principalmente a sexualidade, uma vez que neste momento a sexualidade configurada como normal era aquela cujo objetivo restringia-se a procriação da espécie, qualquer objetivo que ultrapassasse ou colocasse esse principal em segundo plano, era compreendido como perverso e até criminalizado e punido em alguns casos.

Foi à psicanálise freudiana que revolucionou o pensamento acerca da perversão, diferenciando-se da medicina da época e iniciando uma mudança no modo de compreendê-la. O termo insere-se como conceito na obra de Freud em três grandes momentos, o primeiro em torno dos Três ensaios sobre a teoria da sexualidade de 1905, o segundo em torno do texto Uma criança é espancada de 1919, ambos apresentados no capítulo 02 deste trabalho e o terceiro momento acontece em torno do texto O fetichismo de 1927, conforme evidenciado no capítulo 03.

Assim, o capítulo 02 levanta a discussão acerca dos Três ensaios sobre a teoria da sexualidade de 1905, Freud aponta para uma sexualidade infantil que é, em sua origem e em suas múltiplas formas, perversa. O autor afirma que na vida sexual de todos os sujeitos, vez

ou outra são transgredidos os limites do que é considerado normal. Assim, a perversão está originalmente atrelada à sexualidade, quando as práticas sexuais vão além do objetivo do coito em si, as perversões seriam então o resultado do desenvolvimento da pulsão sexual voltada para diferentes zonas erógenas. O autor afirma que em alguns casos o alvo sexual se distancia tanto do normal em seu conteúdo que são compreendidas como patológicas.

Há ainda o caráter sádico e masoquista na perversão, defendida por Freud em Os três ensaios, apontando que as formas ativas e passivas costumam encontrar-se na mesma pessoa, compreendendo que o sujeito pode tanto sentir prazer em provocar dor em outro, quanto experimentando dores que consegue extrair das relações sexuais. Afirmando que o sádico é sempre e ao mesmo tempo um masoquista, mesmo que uma ou outra característica atue de forma predominante.

Freud fala de forma mais clara sobre esse caráter sádico e masoquista da perversão no segundo momento de sua conceituação, já no texto Uma criança é espancada de 1919, também discutido no capítulo 02, em que é pontuada a fantasia de espancamento experimentada na primeira infância, buscando a satisfação autoerótica, aparecendo inclusive como um traço primário da perversão, possibilitando a compreensão de que não é um fato isolado nos sujeitos, sobretudo, na criança, mas sim que atua em vários, senão, todos os processos que são típicos do desenvolvimento. Essa perversão infantil pode tornar-se persistente por toda a vida do sujeito se não for elaborada.

O terceiro momento em que o autor se debruça sobre a questão da perversão, discutido no capítulo 03, acontece em torno do texto O fetichismo de 1927, Freud aponta a perversão a partir do fetiche com caráter ambíguo entre a recusa da castração e o aparecimento de um objeto substituto para o pênis da mãe. Nesse momento o desmentido da castração surge como mecanismo essencial da perversão.

Esse período e o referido texto foram importantes para a compreensão da perversão, uma vez que o fetichismo é um dos elementos centrais da perversão. Freud explora a relação entre o fetiche e a castração, destacando como o fetiche atua como um substituto para o pênis especialmente ligado à figura materna. O autor discute como o fetiche é uma forma de lidar com a castração e como pode ser uma tentativa de preservar a crença infantil na existência do falo materno.

Além disso, o capítulo três observou a relação entre o fetiche e as estruturas clínicas, comparando a atitude do fetichista em relação à castração com a forma como outros processos de desmentir a realidade podem ocorrer. Ele explora como o mecanismo do desmentido atua pela via do fetiche na estruturação da perversão.

Neste sentido, o capítulo 03 destacou que o fetichismo de 1927, abordado por Freud, é fundamental para a compreensão da perversão. Uma vez que o fetiche incide sobre a necessidade da criança em desmentir a realidade da falta. Esse desmentido da realidade e a atribuição de qualidades eróticas a um objeto inanimado são aspectos centrais do fetichismo, intrinsecamente ligados à perversão. A partir dessa análise, compreendeu-se como o desmentido da castração constitui-se como elemento essencial na construção do fetichismo e, por extensão, na estruturação da perversão.

Outro ponto relevante compreendido a partir do capítulo 03 é que o fetiche não é exclusivo da perversão, mas está presente em todos os humanos. Portanto, embora esses elementos sejam fundamentais para a compreensão da perversão, eles não são exclusivos desse quadro clínico e podem estar presentes em outras estruturas. O capítulo enfatiza que o fetichismo pode ser uma expressão comum da sexualidade e não necessariamente indica uma perversão.

Há ainda a discussão trabalhada ao longo do capítulo sobre o mecanismo de defesa que resulta na perversão que é a *verleugnung*, ou, conforme tradução adotada neste trabalho: o

desmentido, em que o sujeito desmente a realidade da falta, uma parte reconhece que falta algo e outra parte dentro do mesmo funcionamento a desmente. O desmentido é o mecanismo de defesa fundamental na dinâmica perversa. Ele se manifesta como a recusa da castração, levando o sujeito a se apegar a um fetiche como garantia de gozo.

Na perversão o fetiche é concebido como um objeto indispensável e inseparável, que substitui a percepção da falta de pênis na mãe. Essa recusa da realidade pautada na percepção da falta e na substituição por um objeto simbólico são elementos centrais na constituição da dinâmica perversa. Consiste em não aceitar uma percepção ou realidade desagradável, mesmo que ela seja evidente, não se trata de uma alucinação, como na psicose, mas sim de uma crença oscilante e sempre reiterada.

O desmentido constitui a dinâmica perversa, já que é um mecanismo específico da perversão, colocando em jogo o desmentido da castração. Além disso, o desmentido pode ocorrer comumente na infância em relação à diferença sexual. Neste sentido, o desmentido constitui a dinâmica perversa ao preservar a satisfação, rejeitando a realidade.

Como mencionado, Freud aponta que certo grau de fetichismo está habitualmente presente nas mais diversas relações, especialmente em situações em que o alvo sexual comum parece inatingível ou sua consumação é impedida. Portanto, o fetiche por si só não configura a existência de uma estrutura perversa.

Assim, o que a psicanálise oferece é um novo olhar acerca da perversão, que aparece na obra freudiana como um processo relativo ao complexo de Édipo e inerente a todos os sujeitos, aí está o caráter inovador de sua teoria, retirando a perversão do obscurantismo religioso e cultural, bem como dos pressupostos patologizantes e criminalísticos da medicina e do direito. Possibilitando que a perversão fosse compreendida como inerente à espécie humana como uma saída possível ao problema da castração apresentado ao sujeito a partir do psiquismo.

É válido considerar, também, que o presente trabalho evidencia sua relevância ao compreender que o estudo da perversão é de grande importância social, cultural e política, pois permite compreender as dinâmicas psíquicas e comportamentais que influenciam a sociedade contemporânea. A análise da perversão fornece elementos que possibilitam compreensão e interpretações sobre as relações de poder, as formas de satisfação e as mais diversas manifestações dos sujeitos na sociedade.

Além disso, a compreensão da perversão contribui para a reflexão sobre questões éticas, morais e legais, influenciando políticas públicas e ações sociais. Portanto, o estudo da perversão é fundamental para uma análise crítica e aprofundada das questões relacionadas à sexualidade, ao poder, ao controle, às desigualdades, às diversas questões sociais, culturais e políticas. Assim, a presente pesquisa evidenciou sua relevância no sentido de conhecer os modos de estruturação subjetiva dentro do campo psicanalítico para compreender, pensar e refletir os fenômenos contemporâneos.

Por fim, este trabalho aponta como caminho para futuras pesquisas a manifestação da perversão na clínica e cultura da atualidade. Observa-se ainda como importante investigar a relação entre os sintomas contemporâneos e a posição do sujeito diante dos imperativos de gozo na sociedade. Outro possível caminho é a investigação de determinadas posições políticas e a relação com a perversão, ou, ainda, a relação entre os sintomas contemporâneos e o desmentido da perversão, não como patologia, mas como condição humana que desmente a castração.

Referências Bibliográficas

American Psychiatric Association. (2014). *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5*. Tradução: Maria Inês Corrêa Nascimento et al.; revisão técnica: Aristides Volpato Cordioli ... [et al.]. – 5. ed. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre : Artmed.

Dreher, A. U. (2008). P*luralismo na teoria e na pesquisa: e agora?*. Rev. bras. psicanál [online], vol.42, n.2, pp. 131-153.

Ellis, Havelock. (1933). *Psicologia do sexo.* Tradução de Dr. Pedro Pôrto Carreiro Ramires. Barcelona: Editora Bruguera, 1971.

Ellis, Havelock. (1927). *Inversão Sexual* (Portuguese Edition). INDEX ebooks. Edição do Kindle, 2013.

Freud, S. (1895). *Projeto para uma psicologia científica.* In: Freud, S. Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 333–443.

Freud, S. (1900). *A interpretação de sonhos — continuação.* Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, 5).

Freud, S. (1905). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade.* In: _____. Um caso de histeria e Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 7).

Freud, S. (1908) *Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna.* Edição Standard Brasileira das obras completas, v.IX. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

Freud, S. (1910). *Cinco lições de psicanálise.* Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 11).

Freud, S. (1913). *O interesse educacional da psicanálise*. In: Totem e Tabu e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 13)

Freud, S. (1914). *Sobre o narcisismo: uma introdução.* In: _____. A história do movimento psicanalítico. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 14).

Freud, S. (1915). *Os instintos e suas vicissitudes.* In: _____. A história do movimento psicanalítico. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 14).

FREUD, S. (1917). *Conferências Introdutórias sobre Psicanálise*. In: _____. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 16).

Freud, S. (1919). *Uma criança é espancada: Uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais.* In J. Strachey (Ed. & Trans.), Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. 17). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

Freud, S. (1920). *Além do princípio de prazer.* In: _____. Além do princípio de prazer. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 18).

Freud, S. (1923). *A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade*. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

Freud, S. (1924). *A dissolução do complexo de Édipo.* Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

Freud, S. (1927). *Conferência XVIII: Fixação em traumas — o inconsciente.* In: _____. Conferências introdutórias sobre psicanálise (continuação). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 16).

Freud, S. (1927). *O fetichismo.* In: _____. Um estudo autobiográfico, inibição, sintoma e angústia, análise leiga e outros trabalhos. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 20).

Freud, S. (1938). *Esboço de psicanálise.* In: _____. Moisés e o monoteísmo três ensaios. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 23).

Krafft-Ebing, Richard von. (1886). *Psychopathia sexualis: as histórias de caso*. Tradução Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

Köche, J. C. (2013). O conhecimento científico. In: _____. Fundamentos de metodologia científica: teoria da ciência e prática da pesquisa. 33. ed. Petrópolis: Vozes.

Lanteri-Laura, G. (1994). *Leitura das perversões: história de sua apropriação médica.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Laplanche, J., & Pontalis, J.-B. (1970). *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo, SP: Martins Fontes.

Luna, S. V. (2002). *Planejamento de pesquisa: uma introdução*. São Paulo: EDUC.

Lombroso, C. (1876/2001). *O homem delinquente.* Tradução, atualização, notas e comentários por Maristela Bleggi Tomasini e Oscar Antonio Corbo Garcia. Porto Alegre. Ricardo Lenz.

Martins, M. P. d. C. e Santos, A. J. d. (2022). *Constituição subjetiva e o complexo edipiano: contribuições para o entendimento da adolescência.* In: Reflexões sobre transgressões na adolescência e socioeducação [Ebook] / organizadores, Altair José dos Santos, Paulo César Duarte Paes, Rúbia de Cássia Oliveira. - Dados eletrônicos (1 arquivo : PDF). - 2.ed. -

Goiânia : Cegraf UFG, 2022.

Mezan, R. (1993). *Que significa "pesquisa" em psicanálise?* Em M. E. Lino da Silva (Org.). Investigação e psicanálise. (p. 49-90). Campinas: Papirus.

Migliavacca, E. M. (2001). *Psicanálise e Universidade: pesquisa.* Psicologia USP, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 119-124.

Santos, A. J. d. (2014). *A identificação e o adolescente autor de homicídio.* 204 f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica e Cultura)—Universidade de Brasília, Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura.

Sampaio, E. S. C. M. (2013). *Elaboração da segunda teoria do aparelho psíquico: contribuições do conceito de narcisismo.* Orientadora Eva Maria Migliavacca. Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Clínica) - Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

Sampaio, E. S. C. M. (2017). *O conceito de ego em Freud e Klein: continuidade na diferença.* Tese de Doutorado. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Peixoto Jr., C.A. (1999). *Metamorfoses entre o sexual e o social: uma leitura da teoria psicanalítica sobre a perversão.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Padovan, C. (2020). *Introdução à análise empírico-conceitual como método de investigação em história da psicanálise*. Lacuna - uma revista de psicanálise.

Wahrig-Burfeind, R. (2011). *Dicionário semibilíngue para brasileiros*. São Paulo, SP: WMF Martins Fontes.

Zimerman, D. E. (2001). *Vocabulário contemporâneo de psicanálise.* Porto Alegre, RS: Artmed.